UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

***A CASA FOCÉIA: O PAPEL DO ESPAÇO DOMÉSTICO NAS APOIKIAI
GREGAS DO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL (600-350 a.C.)***

Isabel Cristina Catanio

**Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia do Museu de
Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Mestre em
Arqueologia.**

Orientadora: Profa. Dra. Maria Beatriz Borba Florenzano.

Linha de Pesquisa: Arqueologia e Sociedade.

São Paulo

2017

AGRADECIMENTOS

As pessoas e instituições aqui citadas foram de grande importância para a conclusão deste trabalho, e sempre as terei em grande estima e consideração:

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Beatriz Borba Florenzano, pela confiança em mim depositada, e pela oportunidade de seguir o mestrado sob sua tutela e carinho; você é um grande exemplo e fonte de inspiração, muito obrigada!

À CAPES e ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, pela bolsa de mestrado e pela possibilidade de realizar minha pesquisa com certa segurança.

Ao Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca), onde tudo começou: ali, eu aprendi o sentido da Arqueologia, o amor pela pesquisa e a importância da transmissão de conhecimento. Agradecimentos especiais às pessoas que me ajudaram muito nessa jornada, desde meu ingresso como bolsista de treinamento técnico: Profa. Dra Elaine Farias Hirata e Profa. Dra. Maria Cristina Kormikiari Passos.

Agradecimentos profundos à Profa. Dra. Maria Isabel D'Agostino Fleming, pela ajuda sempre presente, e pelo acompanhamento e inspiração oferecidos.

À minha mãe e meus irmãos, pelo apoio sempre que necessário. Ao meu irmão, Luiz Alberto Catanio, principalmente, por ajudar-me em momentos cruciais e difíceis. O seu apoio foi fundamental!

Aos funcionários da biblioteca do Museu de Arqueologia e Etnologia, especialmente a Hélio Rosa de Miranda, pela ajuda constante com os livros e bibliografia para que este trabalho fosse realizado.

À Nikkie Vanzo, pelo constante apoio, afeto e suporte moral e mental; por me animar nos momentos mais difíceis e me incentivar a persistir. Eu amo você!

À Juliana Figueira da Hora, por lembrar-se de mim em suas viagens à Grécia e me enviar bibliografias recentes e interessantes, tornando este trabalho mais completo. Muito obrigada!

À Viviana Lo Monaco, pelas conversas e apoio, pela amizade, pelas reflexões e pela inspiração. Muito obrigada!

À Lilian de Angelo Laky, pelo modelo que você se tornou, ao longo da confecção desta dissertação; obrigada pelas dicas e por mostrar que sempre é possível fazer um bom trabalho.

A Alessandro Gregori e Marcos Paulo Amorim, pelas conversas intermináveis sobre a vida acadêmica e o mestrado, e o incentivo a ingressar no mestrado; sem vocês, eu não venceria tal desafio.

Por fim, obrigada a todos que contribuíram direta e/ou indiretamente para a conclusão desta etapa, e pelo que eu posso vir a ser depois dela. A todos vocês, meus sinceros sentimentos.

SUMÁRIO

RESUMO/ ABSTRACT	i
ÍNDICE GERAL	ii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1	29
CAPÍTULO 2	64
CONCLUSÃO	149
BIBLIOGRAFIA	154

RESUMO

Através da catalogação e comparação de estruturas habitacionais encontradas em escavações nas antigas *apoikiai* focéias do Mediterrâneo Ocidental – Massália, a atual Marselha, no sul da França; Empórias, na atual região da Catalunha, na Espanha; e Eleia, hoje um parque arqueológico na região da Campânia, na Itália - este trabalho busca averiguar a existência de um modelo focu (ou exclusivamente grego) de organização do espaço doméstico, e sua relação com as referidas póleis, contribuindo para sua expansão e desenvolvimento. Além disso, procuramos evidenciar a importância vital do estudo do espaço privado para maior entendimento da vida cotidiana dos povos antigos, assim como de seus gostos pessoais, e como isso refletia na identidade coletiva grega, neste caso em específico.

Palavras –chave: casa; identidade; *apoikiai*; focu; Mediterrâneo Ocidental.

ABSTRACT

Through the cataloging and comparison of housing structures found in excavations in the ancient Phocaeen *apoikiai* of the Western Mediterranean - Massalia, present-day Marseilles in southern France; Empúries, in the present Catalonia, Spain; and Elea, an archaeological park in the Campania region of Italy, nowadays - this work seeks to look for the existence of a Phocaeen (or exclusively Greek) model of organization of the domestic space, and its relation with the mentioned poleis, as well as its contribution to the expansion and development of those cities. In addition, we sought to highlight the vital importance of the study of private space for a better understanding of the daily life of ancient peoples, as well as their personal tastes, and how this reflected in a Greek collective identity, in this particular case.

Keywords: house; identity; *apoikiai*; Phocaeans; Western Mediterranean.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO

I. OBJETIVOS	1
II. O MODELO DE URBANISMO FOCEU: MITO OU REALIDADE?	4
III. O APOIKISMO FOCEU	10
IV. OS “ <i>EMPORIA</i> ” E SEUS CONTEXTOS	23

CAPÍTULO 1 - A CASA GREGA: UM PANORAMA

1.1: SOBRE O HÁBITAT: UMA ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA	29
1.2: O ESTADO DA ARTE	39
1.3: CASAS DO OCIDENTE GREGO	57

CAPÍTULO 2 - A CASA FOCÉIA

2.1: MASSÁLIA, TERRA DE EXPLORADORES	64
2.2: EMPÓRIAS, ENTREPOSTO DE CONTATO GRECO-IBÉRICO	70
2.3: ELEIA, LOCAL DE REFÚGIO	74
2.4: COMENTÁRIOS E INTRODUÇÃO AO CATÁLOGO	75
2.5: CATÁLOGO DAS CASAS DAS <i>APOIKIAI</i> GREGAS DO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL: MASSÁLIA, EMPÓRIAS E ELEIA	78
2.5.1: MÁSSALIA (FICHAS 01 A 13)	78
2.5.2: EMPÓRIAS (FICHAS 14 A 20)	101
2.5.3: ELEIA (FICHAS 21 A 42)	112

CONCLUSÃO

149

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I. FONTES TEXTUAIS

154

II. BIBLIOGRAFIA GERAL

154

INTRODUÇÃO

I: OBJETIVOS

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a casa focéia, enquanto edifício arquitetônico, e um provável indicativo da identidade do povo focu em suas *apoikiai* fundadas no Mediterrâneo Ocidental, no caso, Massália, Empórias e Eleia, situadas respectivamente no sul da França (atual Marselha); no nordeste espanhol, como assentamento preservado pelo Museu de Arqueologia da Catalunha-Empúries; e como sítio arqueológico na região da Campânia, na Itália. Na realidade, para abordar a casa focéia enquanto uma possibilidade, nós precisamos verificar o contexto da casa grega em sua diversidade no Ocidente, incluindo exemplos da Sicília e Magna Grécia, de acordo com o estado da arte relativo ao assunto.

Assim, o principal objetivo da presente pesquisa é verificar se existe um modelo de urbanismo e de construção exclusivamente atribuído ao povo de Focéia, nas póleis fundadas fora da Ásia Menor, seu local de origem – segundo Bats (2013:329), os focu teriam estabelecido, através das *makrai nautilai* (viagens de longa distância pelo Mediterrâneo, que permitiram a descoberta do golfo Adriático, do mar Tirreno, da Ibéria e Tartessos) diversos pontos de contato para o desenvolvimento de redes de troca e comércio.

Segundo Ettore Lepore (1970 *apud* Lombardo, 1999:208-210), Focéia seguiria um modelo de colonização com estruturas específicas, criando uma rede de locais de contato com povos não gregos, de “tipo empórico”. Ou seja, o desenvolvimento do comércio e das interações pacíficas entre focu e indígenas geraria estruturas de assentamento colonial - mais ou menos amplas e estáveis – conforme a vocação predominantemente comercial das fundações focéias. As dimensões restritas de tais cidades as levariam naturalmente à “peculiar e persistente ‘vocação empórica’” (Lombardo 1999:210).

Com base nisso, Morel (1997 *apud* Lombardo 1999:210) utilizou a noção de rede colonial para mostrar os aspectos organizacionais de seu desenvolvimento e

funcionamento, sendo os assentamentos empórico-coloniais (como Massália, Empórias, Alalia, por exemplo) pontos de referência para tal atividade. Para o autor, a colonização focéia não é resultante da fome surgida com uma crise agrícola, ou mesmo de uma crise demográfica, mas resultado de um espírito empreendedor simbolizado pelos *emporía* (Morel 1988 *apud* Bats 2013:314).

O objetivo de nosso trabalho, ao abordar a ocupação focéia no Mediterrâneo Ocidental, e sua natureza, é verificar se, de algum modo, tal *modus operandi* em seu “habitar à distância” influi na organização do espaço e no urbanismo das *apoikiai* estudadas: Massália, Empórias e Eleia. Cada um desses lugares surgiu como ponto de comércio, considerando seu histórico, e desenvolveu-se enquanto pólis, conforme Hansen & Nielsen (2005), em seu inventário de assentamentos e cidades gregas.

Irak Malkin, em sua obra “*A Small Greek World*” (2012), vai além do conceito de rede considerado por Morel (1988) e aborda o próprio mar Mediterrâneo como um cenário construído por redes dinâmicas de interação entre gregos entre si, assim como gregos e outros povos, e nesse contexto, os focéis teriam certo destaque, visto sua atuação como navegantes. Entramos nesse ponto, para reforçar a questão da vocação “empórica” dos focéis, de acordo com Lepore, e o peso da interação para o sucesso da ocupação focéia no Ocidente, algo crucial, como abordaremos no tópico sobre o apoikismo focéu.

Fig.1: Mapa. Mar Mediterrâneo, com a localização de Focéia e as pólis abordadas neste trabalho.

Conforme Skeates (2009:557), “interação” é um termo emprestado da Física pelas ciências humanas, que indica ação ou influência de um fator sobre outro; no caso das Humanidades, esse termo refere-se à ação humana mútua, e mesmo à reciprocidade implícita no termo “*exchange*” que, por sua vez, não se trata de um termo puramente econômico, e sim à comunicação social entre povos ou grupos diferentes (Skeates 2009:556).

Nesse contexto, podemos ainda relacionar os dois termos à noção de troca, enquanto “*trade*”, referente à uma transação entre pessoas e lugares, envolvendo transferência de dinheiro ou bens, além da distribuição de bens culturais (Skeates 2009: 556). No caso dos focos, a fundação de Massália, Empórias e Eleia, assim como a ampliação de sua área de influência no mar Tirreno, ao menos até a Batalha de Alalia, ou Batalha do Mar Sardônico, em 540 a.C., só foi possível graças às trocas culturais permitidas pelas redes de contato que possuíam. Mesmo a sobrevivência dessas cidades, frente ao contato direto com os indígenas nas *khórai* massaliota e emporitana, dependeu da interação entre gregos e celtas, ou gregos e ibéricos, através das relações comerciais existentes - tanto no caso do vinho massaliota, quanto da redistribuição dos cereais produzidos pelos indiketes, em Empórias (Monedero 2007:373).

A mobilidade através do mar aparece como fator de vital importância nos processos de interação dos focos, e na formação de sua área de influência, na obra de Corinna Riva (2010). Nesta, o destaque vai para o comércio de vinho etrusco pelos massaliotas e, mais tarde, de seu próprio vinho - como atestado pelo aumento da distribuição de ânforas de pasta clara provenientes de Massália ao longo dos períodos Arcaico e Clássico, - e também dos vestígios de cálices e outros artigos relacionados ao ato de beber vinho em contextos funerários celtas, geralmente ricos, mostrando que eram utensílios que mostravam algum status (Walsh 2014:118).

Os objetos gregos citados acima sofreram evidente ressignificação em contexto prático e cultural não grego, mas, de acordo com Walsh (2014:152-155), Massália e Empórias aparecem, respectivamente, em terceiro e primeiro lugar na quantidade de objetos de uso doméstico (do VIII séc. a.C. até o IV séc. a.C), de diversas origens, em uma amostra de 55 sítios ao longo do Tirreno. Da mesma forma, o autor classificou Massália e Empórias como detentoras de 75% dos utensílios para armazenamento de grãos e líquidos – inclusive em contexto doméstico, entre o VII e IV séc. a.C.. Assim,

os massaliotas e emporitanos também produziam muita cerâmica para uso na esfera doméstica, além dos propósitos de comércio e trocas, o que pode ser verificado nos vestígios de oficinas domésticas de produção cerâmica nas referidas pólis (vide catálogo, no **capítulo 2**).

Considerando esse breve panorama histórico, ao qual retornaremos com mais detalhes, e também o conceito de rede no contexto mediterrânico, voltamos à questão da casa: existiria um *modus operandi* ou modelo específico de urbanismo e de construção de casas pelos focos, trazidos de sua terra de origem para o Ocidente? Em caso positivo, como distinguir traços especificamente focos e distintos em relação aos demais colonos gregos? Sobretudo considerando-se o constante contato, e as trocas feitas com os não gregos com os quais convive? Qual o papel desse espaço doméstico, sua importância e relevância, na dinâmica da expansão das *apoikiai* focéias estudadas?

Tais questões guiarão a nossa busca, a partir de agora.

II. O MODELO DE URBANISMO FOCEU: MITO OU REALIDADE?

Lepore considerava que os focos adotavam um modelo de ocupação de tipo empórico, ao deslocarem-se em suas viagens de longa distância. Já Roland Martin (1973) coloca que o esquema tradicional da cidade grega nos períodos Arcaico e Clássico seria como “o das ilhas ou das costas da Ásia Menor” (Martin 1973:98), mais ou menos disposto de forma regular. Ainda segundo o autor, o agrupamento urbano e sua organização dependeriam da forma de exploração do território, ou da vocação econômica da cidade fundada pelos gregos, tanto no Ocidente, quanto no Leste (*apoikiai* gregas da região do Ponto, no Mar Negro).

Assim, para Martin, todas as *apoikiai* focéias não possuiriam área de exploração – ou hinterlândia – visto sua orientação para o mar e para as atividades mercantis, definindo uma vocação marítima, distinta das cidades de vocação agrícola, que por sua vez, possuiriam uma vasta *khóra*, para o plantio. Exemplos de tais pólis: Gela, Metaponto, Quersoneso, entre outras.

Nessa visão, a relação entre *ásty* e *khóra* seria visível somente entre cidades de vocação agrícola, porém, conforme coloca Florenzano (2009:97), mesmo póleis consideradas de vocação exclusivamente mercantil, como Eleia, Tarento, Neápolis, possuem uma *khóra* organizada e protegida, até mesmo pelo fato de sua ocupação por indígenas.

Rothé (2005) elenca os diversos *oppida* em torno do atual território de Marselha, como Baou Saint-Marcel, Maillans (Verduron), Saint-Blaise, entre outros; a localização desses assentamentos, e a morfologia do terreno, juntamente com o modo que os focos se expandiram ao longo do perímetro da cidade, ao longo do eixo das três colinas (São Lourenço, Moinhos e Carmes), justificaria a ideia de Bats (2013:246), segundo a qual esses habitats poderiam funcionar de forma mista ou “assimilada”, como guarnições massaliotas, no molde dos *frúria* gregos, para defesa do território.

Fig.2: Principais sítios da hinterlândia massaliota (Collin Bouffier et al. 2010:133).

A presença de muralhas indica, tanto em Massália quanto Empórias, essa preocupação dos antigos gregos com os espaços de passagem, fosse para permear quanto para limitar; Tacla *et al.* (2011) procuram relacionar o tratamento dos espaços de passagem com a natureza da cidade, ou seja, com sua vocação econômica, seja mercantil ou agrícola. Para tal, retomam as ideias de Martin sobre o modelo focu de urbanismo, no qual:

“Se o sistema defensivo se estende ao exterior da cidade, ele visa essencialmente a proteger as vias de acesso e

os eixos de circulação por meio de postos secundários, ou os de fortes controlando as rotas ou passagens principais.” (Martin 1973:99).

Tacla *et al.* (2011:158) destacam que, no modelo focu de Roland Martin, o porto seria um ponto predominante no assentamento, e os muros defensivos fariam com que a cidade fisicamente se voltasse prioritariamente para o mar, não para o interior. Entretanto, é importante considerar que Massália, Empórias e mesmo Eleia possuíam suas respectivas *khórai* e hinterlândias, mesmo que estreitas, e que o principal meio de subsistência fosse o comércio marítimo. Afinal, para que o vinho massaliota se tornasse o principal produto comercializado pela cidade, era preciso produzir vinhas, e para que Empórias se tornasse um ponto de redistribuição de bens vital no nordeste da Península Ibérica (principalmente cereais) segundo Monedero (2007), a relação com a hinterlândia se torna vital e obrigatória, tanto para a pólis, quanto para seu entorno.

A questão da topografia do terreno das fundações focéias no Ocidente nos faz pensar em um modelo de ocupação: geralmente, a cidade está no topo de um promontório, o porto localizado em uma baía ou golfo, proporcionando uma defesa natural; o mar também surge como uma fronteira natural, criando um tipo urbano específico, a cidade portuária (Tacla *et. al* 2011:189).

Para Roland Martin, as cidades de vocação agrícola teriam como maior preocupação os edifícios públicos, com destaque para lugares como a ágora (Martin 1973:108). Ora, como abordaremos mais adiante, a ágora era considerada o espaço de trocas locais por excelência, conforme Bresson (2008:125), em contraposição ao *emporion*, ou mercado, onde aconteciam as trocas entre gregos e povos diversos, sendo este um espaço específico para esse tipo de comércio, refletindo sua especialização.

Considerando que as *apoikiai* focéias teriam começado como *emporion*, torna-se necessário discutir a questão do que seria um *emporion* e seus contextos dentro da classificação de um assentamento na Grécia Antiga - especialmente nos períodos Arcaico e Clássico, que abrangem nossa cronologia de estudo (600 – 350 a.C.). Esse tópico será devidamente visitado mais a frente, nesta introdução.

Segundo Florenzano (2009:106), Michel Bats e Henri Tréziny, ao revisitarem a organização do espaço urbano focu, acreditam que os dados existentes até o momento não permitem a estruturação de um modelo focu de cidade, e que se atribua uma

organização espacial específica às póleis com vocação mercantil, como é o caso de Massália, Empórias e Eleia.

Nisso, chegamos a um ponto importante: a discussão sobre a contribuição das colônias gregas ao que chamamos hoje “helenidade”. Florenzano (2009:94) lista cinco tópicos a respeito:

- 1) Definição da malha urbana (ortogonalidade); articulação de espaços especializados; inserção do espaço construído na paisagem e adaptação ao terreno.
- 2) Monumentalização na organização de espaços, na disposição de edifícios na paisagem e na sua construção, além do posicionamento de estruturas arquitetônicas.
- 3) Transformações do espaço construído em função de formas políticas específicas.
- 4) Inserção da ágora na malha urbana e sua funcionalidade.
- 5) Relação da malha urbana à estrutura econômica da cidade: pólis com vocação mercantil, ou agrícola.

Relacionando os tópicos acima com o objetivo de nossa pesquisa, podemos contestar o modelo focu de Roland Martin, visto que, ao migrar para o Ocidente, os gregos se viram diante de novas realidades e desafios, situação que pediu a aplicação de soluções funcionais, as quais interferiram de tal modo no que conhecemos como pólis – mostrando a importância do estudo do urbanismo grego no Ocidente (Florenzano 2009:95), pois nesse processo acontece uma reformulação cultural que se torna uma reapropriação do que é “ser grego” e influi na própria metrópole.

Diante disso, o que é a helenidade? Conforme Malkin (2012:05), o que nos referimos convencionalmente como “civilização grega” foi formado durante o período Arcaico, e se consolidou ao longo do período Clássico, quando os gregos foram confrontados com outros povos, como os persas (na Ásia Menor) e fenícios/púnicos no oeste (Sicília); assim, o período Arcaico foi aquele em que gregos precisaram criar uma identidade para si, em um processo de “convergência pela divergência”, ou simplesmente, de identidade pela alteridade.

Assim, os gregos formariam uma rede de identidade própria ao longo do Mediterrâneo, então definido por Malkin como um espaço histórico, formado por conectividade entre seus nodos proliferados (no caso, as *apoikiai* gregas), e simultaneamente este espaço moldaria o desenvolvimento individual de cada nodo, as interconexões entre eles, e suas semelhanças civilizacionais, no processo (Malkin 2012:12). Aparentemente, a noção de rede é bastante atraente para explicar não somente o *modus operandi* dos deslocamentos e fundações focéias no Mediterrâneo Ocidental, mas é algo que pode ser aplicado a outros gregos, e mesmo a outros povos, provavelmente - o que quebra o modelo sugerido por Lepore (1970).

Analisando a rede proposta por Malkin – que, para ele, é um termo descritivo e heurístico, não uma metáfora (Malkin 2012:16) - podemos notar a importância da interconectividade para a validade de sua teoria. Conforme Skeates (2009:557), “conectividade” seria um termo alternativo, sugerido pelos historiadores do Mediterrâneo, Peregrine Horden e Nicholas Purcell, em sua obra *“The Corrupting Sea: A Study of Mediterranean History”* (2000) e refere-se à interdependência geográfica e social de fenômenos localizados, de pequena escala (incluindo microrregiões, lugares, povos, estratégias econômicas, e interações) com uma rede de relações dinâmicas com um contexto mais amplo.

Desse modo, conectividade, mobilidade e identidade parecem andar juntos no estudo cultural, histórico e arqueológico do Mediterrâneo, sendo tratados materialmente e em conjunto por Knapp e Van Dommelen em seu trabalho *“Material Connections in the Ancient Mediterranean: Mobility, Materiality and Identity”* (2010); nesta obra, a identidade é definida não apenas como um produto de pertencimento a um grupo, vizinhança, comunidade, mas trata-se de uma relação transitória (e mesmo instável) de diferença (Knapp & Van Dommelen 2010:04).

Ora, a perspectiva é semelhante à de Malkin, e os autores consideram a mobilidade uma forma eficiente de proporcionar encontros culturais e a hibridização cultural, na qual objetos são ressignificados, integrados ou recriados (Knapp & Van Dommelen 2010:06-07), em uma “identidade híbrida”. Nesse contexto, mesmo a paisagem (marítima e terrestre) e os espaços se interrelacionariam, dando insights importantes sobre como novos sentidos dados aos lugares são criados - e como novas identidades são criadas. Em nossa pesquisa, isso é de grande relevância.

Também de grande utilidade é o conceito de “*entanglement*”, ou emaranhamento, muito usado nos trabalhos de Ian Hodder; para Knapp & Van Dommelen (2010:12), a conectividade na região abordada nesta pesquisa (Mediterrâneo Ocidental, mais especificamente, a área do Mar Tirreno), leva ao fenômeno do emaranhamento, visto que diversos povos frequentaram essas águas, da Idade do Bronze Tardia, através da Idade do Ferro, até um pouco mais adiante. Na visão dos autores, fenícios, cartagineses, gregos, etruscos, entre outros, se tornaram emaranhados (*entangled*) em movimentos regionais e intrarregionais de constante mudança, além das redes coloniais (Knapp & Van Dommelen 2010:12).

Diante desse cenário cheio de possibilidades, de tantas interconexões e contatos, podemos afirmar com certeza que a identidade grega, como conhecida atualmente, é algo construído, ao longo de vários séculos, em um processo envolvendo diversas das redes citadas até o presente momento. Afinal, além das redes coloniais, redes de contato e troca, existem redes étnicas, que permitiram aos gregos coexistir enquanto helenos, mas também se distinguir conforme sua identidade étnica, e também seu *nomima*.

Segundo Malkin (2012:189) *nomima* refere-se a um conjunto de dados práticos e organizacionais para a sociedade, como nomes e números de divisões tribais ou magistraturas e suas terminologias; também seriam designados (provavelmente pelo fundador, ou *oikista*) ou dados, implicando em um ato similar ao modo que os antigos “legisladores” – e às vezes, tiranos – aplicavam reformas mais abrangentes às suas comunidades (Malkin 2012:189-190). *Nomima* existiam em todas as póleis gregas, sendo que os colonos os abstraíam e formalizavam para aplicá-los aos novos sistemas políticos que estavam fundando (Malkin 2012:190), em novos territórios.

Desse modo, era possível ligar póleis de *nomima* similares ou transmitidos, visto que também serviam como “identificadores” de uma cidade (por exemplo: “calcídico”), e eram cooptativos, entre os gregos, em nível subétnico, marcando diferenças entre dórios, jônios, e eólios (Malkin 2012:196). Considerando tais dados, conceitos e redes, podemos avaliar se existe um modelo puramente focu de ocupação, ou mesmo de urbanismo?

As redes são conceitos que abrangem e definem o *modus operandi* de diversos povos que frequentavam o Mediterrâneo, no recorte cronológico desta pesquisa, e a forma empórica de contato não era exclusiva dos focu; no caso do urbanismo focu, Roland

Martin, assim como Lepore, não considerou as práticas de outros povos, gregos ou não, antes de assumir um padrão que definisse uma identidade única, uma prática própria do povo focu. Ora, a morfologia e topografia do terreno das *apoikiai* focéias no Ocidente possuem características semelhantes (especialmente Massália e Eleia, com algumas diferenças para Empórias), porém, a escolha do território e o design de elementos urbanos ou de suas técnicas de construção não marcariam a identidade étnicacolonial focéia, ou algum tipo de prática cultural específica desse povo (Tacla *et al.* 2011:189).

Para Tacla *et al.* (2011:189), o *éthos* colonial focu é definido a partir da relação porto-cidade – considerando a vocação marítima das cidades focéias, e seu início como *emporía*, o porto é um local de importância, e todos possuem caráter fronteiriço, localizados entre o mar e um delta de rio (Ródano para Massália, Fluvial para Empórias, e Alento para Eleia), todos foram estabelecidos nas proximidades de assentamentos indígenas, com posição geográfica proporcionando proteção natural, além da dedicação ao comércio, às trocas.

Entretanto, não é possível falar em um modelo urbano focu, como veremos ao longo de nossa pesquisa, não apenas pelos argumentos já citados, mas pelo fato das primeiras ocupações de cada *apoikia* focéia no Ocidente não obedecerem a uma ordem preestabelecida, a priori, conforme pode ser observado ao longo do desenvolvimento de cada uma delas. Tais processos serão abordados no **capítulo 2**, no qual dissertaremos sobre a expansão urbana de cada uma das póleis estudadas, Massália, Empórias e Eleia, em específico.

Mas antes, precisamos entender como cada uma das referidas cidades surgiu, dentro do contexto apresentado; ou seja, devemos compreender o processo de colonização focu no Mediterrâneo Ocidental, a partir da fundação de sua principal *apoikia*, Massália, em 600 a.C., no sul da atual França.

III. O APOIKISMO FOCEU

Vindos da Ásia Menor, do atual território da Turquia, os gregos da cidade denominada Focéia (no presente: Foça) expandiram seu território além da região da

Jônia, através de atividades como o comércio, e mesmo a pirataria (Hodge 1998). A própria topografia e paisagem do lugar provavelmente favoreceu o desbravar do mar, considerando a localização da cidade em uma pequena península no litoral, cercada de colinas, com diversas ilhas presentes no horizonte da paisagem local (Hodge 1998:10).

Heródoto, em seu relato sobre as Guerras Persas, refere-se aos foces como os primeiros gregos a realizar viagens marítimas de longa distância: eles teriam descoberto o Mar Adriático, o Mar Tirreno, a Península Ibérica, e Tartessos – região importante devido ao comércio e contato com outros povos, na parte baixa do vale do Guadalquivir [Heródoto I. 163]. Em *Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus*, Justino [XLIII, 3, 4] descreve o apreço dos foces pelas terras do golfo da Gália, no delta do Ródano – atualmente chamado “Le Camargue” (Hodge 1998: 42).

Movidos por tal motivo, um grupo teria se deslocado até a Ligúria, onde o rei, Nannus, dava um banquete para que sua filha, Gyptis, escolhesse um marido. Entre todos os homens presentes, a princesa celta escolheu Protis, o capitão dos foces, que teria recebido do rei terras para a construção de uma nova cidade – Massália. O enlace entre um grego e uma indígena reflete um tipo de relação pacífica estabelecida pelos foces, que buscavam comercializar com as populações locais (Collin Bouffier *et al.* 2010:131).

Segundo Estrabão, em *Geography* [4.1.4], o povoamento de Massália foi algo ordenado pela deusa Ártemis Ephesia, reproduzindo a estrutura de vários contos a respeito da fundação de cidades gregas no Ocidente (Dougherty 1993), nos quais o *oikista* deve obedecer a um oráculo ou divindade, ao buscar terras para povoar:

“Massália foi fundada pelos foces, e está situada em um local rochoso. Seu porto fica aos pés de uma rocha parecida com um teatro, que se volta para o sul. E não é apenas a rocha em si fortificada, mas também a cidade como um todo, embora ela seja de um tamanho considerável. É no promontório, entretanto, que o “Ephesium” e também o templo de Apolo Delfínio estão situados. O ultimo é partilhado em comum por todos os jônios, enquanto o “Ephesium” é um templo dedicado somente à Ártemis Ephesia: pois quando os foces estavam ajustando as velas para casa, um oráculo foi entregue a eles, é dito, para usar para sua viagem um guia recebido de Ártemis Ephesia; desse modo, alguns deles se instalaram em Éfeso e

questionaram de que forma eles poderiam procurar, pela Deusa, o que fora desfrutado em um sonho. Agora a Deusa, em um sonho, é dito, ficou ao lado de Aristarcha, uma das mulheres colocadas em honra muito elevada, e comandou que ela navegasse com os foceus, levando com ela uma certa réplica que estava entre as imagens sagradas; isso feito e a colônia finalmente fundada, eles não só estabeleceram o templo mas também Aristarcha fez a excepcional honra de indicar sua sacerdotisa; além disso, nas cidades coloniais as pessoas em todo lugar fazem essas honras à Deusa de primeiro rank, e eles preservam o design artístico do “xoanon” e todos os outros usos precisamente os mesmos de costume da cidade mãe” [tradução livre]

Assim, os gregos vindos de Focéia fundaram Massália em 600 a.C., estabelecendo outros pontos de contato com os celtas (lígures) ao longo da costa do sul da França, além de Empórias (Ampúrias/Empúries), na atual região da Catalunha, na Espanha; em Pisa e Gravisca, na Etrúria; e por fim em Alalia, na Córsega, em 565 a.C. (Gras 1995: 86). Antes da fundação da cidade, o comércio com aquela região já era bem desenvolvido, devido à produção de vinho etrusco e o consumo deste pelos povos celtas; as ânforas de vinho eram trocadas por escravos, e simbolizavam certo status social – sendo encontradas mesmo em enterramentos celtas como símbolo de poder, no sul da França (Riva 2010:213).

Os níveis de ocupação grega do território de Marselha, no decorrer do século VI a.C. continha cerâmicas indígenas sem torno, bem abundantes na primeira metade do referido século. Entretanto, a interpretação desse fato é difícil: seriam estas cerâmicas utilitárias, para cozimento, importadas pelos gregos para uso próprio? Ou cerâmicas usadas pelas mulheres indígenas, no caso da prática recorrente de casamentos entre os povos, nos primeiros tempos do apoikismo grego? Ou seria esta a prova da existência de núcleos indígenas dentro da cidade grega?

Não é possível concluir algo definitivo, como por exemplo, no caso das cabanas (ou casas) com buracos de pilares nas escavações da Rua da Catedral; uma interpretação possível indica que este seria um traço de técnicas de construção indígena, em oposição às casas de adobe sobre fundações de pedra das residências gregas arcaicas, encontradas no Adro de São Lourenço (referência às casas gregas mais antigas de Marselha). Mas os gregos, mesmo que falte o registro arqueológico nos sítios coloniais do Ocidente, hoje

em dia, sem dúvida sabiam construir residências sobre pilares (Collin Bouffier *et al.* 2010:132).

Com a batalha de Alalia (540 a.C.), um conflito entre os focueus e uma aliança formada por cartagineses e etruscos - motivados pelo medo de uma influência focéia na região norte do Mar Tirreno (Riva 2010:214) – segundo Heródoto [I, 166] os focueus saíram destruídos da batalha e foram obrigados a encontrar outro lugar para se instalar, seguindo para a Magna Grécia, onde fundaram Eleia [Heródoto I, 167] uma terra comprada dos enótrios, na costa da atual região de Campânia, com a intervenção de um poseidônio. Com a queda de Focéia diante dos persas, a migração grega se intensificou, tornando a cidade de Massália maior demograficamente, o que demandou reformas para o arranjo estrutural da cidade, a qual também cresceu em extensão espacial, a partir de 540 a.C. (Tréziny 1995:50).

Dessa forma, aumentou também a influência de Massália, a qual intensificou os contatos com os assentamentos indígenas ao redor de seu território, através do comércio e das importações, entre eles Saint-Blaise; Tamaris; L'Arquet; Saint-Pierre-Les-Martigues. Tais lugares foram os que mais sofreram o impacto do encontro com os novos fundadores (Riva 2010:215). Para a autora, após a batalha de Alalia, é possível falar de Massália como um assentamento colonial, com zonas específicas de troca e influência política estabelecida – tornando-se uma pólis no controle de uma hinterlândia agrícola.

Fig.3: Zonas comerciais do Mediterrâneo Ocidental após 540 a.C.. (Bats 2013:324).

Assim como em Gravisca, colônia focéia na Etrúria, e conhecido *emporion*, Massália possuía áreas de produção metalúrgica dentro da área urbana, conforme atestado por escavações arqueológicas (Rothé 2005), mas além do comércio, preocupava-se com a agricultura. Cercada por colinas, a cidade não tinha terras aráveis disponíveis, o que fez com que, além de sua influência, expandisse também seu território ao longo da costa do sul da França, formando uma *khóra* massaliota (Hodge 1998).

Sobre a ocupação da *khóra* massaliota, vestígios de diversas oficinas foram encontradas nos limites setentrionais da cidade, assim como algumas escavações revelaram vestígios do que seriam terraços de plantio das vinhas massaliotas, nos setores mais afastados da cidade, já considerados como periféricos (Rothé 2005). A *khóra* massaliota era habitada por indígenas, e a presença dos celtas é bem marcante na presença de vários *oppida* em torno de Marselha, como Marseilleveyre, o platô de la Tourette, o *oppidum* de Baou de Saint-Marcel e Verduron.

Os artefatos encontrados nesses habitats confirmam o contato dos indígenas com os gregos massaliotas, desde o período Arcaico (a primeira fase de Baou de Saint-Marcel corresponde a 560-540 a.C.) e uma organização espacial semelhante à da *apoikia* focéia, com casas de formato retangular/quadrangular (Rothé, 2005). Segundo Gantès, os celtas

habitantes dos *oppida* também exploravam as terras cultiváveis da *khóra* massaliota, situada entre a cidade e as colinas (Rothé, 2005). Entretanto, não há sempre informação sobre a existência eventual de casas gregas na *khóra*, o que foi documentado somente pela necrópole de Saint-Mauront, a qual está totalmente isolada (Collin Bouffieret *al.*, 2010:144).

Logo após o estabelecimento de Massália, Empórias e Rhode foram fundadas no nordeste da Espanha (atual Catalunha), seguidas de Agathe (Agde), Alonis, Antípolis, Athenopolis (Saint-Tropez), Avenion (Avignon), Azania, Hemeroskopeion, Kabellion (Cavaillon), Kyrene (La Couronne), Mainake, Nikaia (Nice), Ólbia, Sekoanos, as ilhas Stoichades (Îles d'Hyères), Tauroeis (Le Brusc) e Troizen (Demetriou 2012:29). Muitos desses locais eram entrepostos ou pontos de defesa massaliotas, servindo também como abrigo ou postos de abastecimento, onde os navegantes poderiam repor a água fresca dos barcos (Hodge 1998:48).

Com o tempo, redes de comércio e contatos se estabeleceram, estendendo-se da Península Ibérica até a Etrúria. O consumo de vinho etrusco pelos celtas – vinho comercializado pelos massaliotas – tornou-se um modo de negociação de fronteiras culturais na região; mais que o encontro entre comerciante e cliente, havia o contato e a formação de novos elementos culturais. À medida que a influência de Massália aumentava na região, e a própria cidade se tornava produtora de vinho local, a troca de cálices etruscos por copos gregos e ânforas massaliotas em assentamentos indígenas do sul da França mostra, materialmente, a importância de tais redes para o desenvolvimento de Massália enquanto pólis (Riva 2010:222-224).

Na segunda metade do século VI a.C., Massália se torna uma espécie de metrópole, já que seu peso econômico se faz sentir progressivamente em todo litoral da Provença e do Languedoc; tal influência também se manifesta no interior da Gália, via Ródano, até a Borgonha (Gras 1995:87). Esse cenário geral de conexões comerciais e interações interculturais realizadas nas regiões litorâneas da Gália, Ibéria e Ligúria não é diferente do observado no assentamento de Empórias, localizado em um promontório ao sul dos Pireneus.

Fig.4: Vista aérea de Empórias, com Neápolis em primeiro plano e ao fundo, Sant Martí d'Empúries, situada sobre a antiga Palaiapolis (Aquilué et al. 2010:65).

A primeira ocupação focéia no território de Empórias foi Palaiapolis (literalmente, “Cidade Velha”), que, em cerca de 580 a.C., era situada em uma ilhota ligada ao continente por uma *causeway* (Tacla *et al.* 2011:184), junto à foz do rio Fluvià e do rio Ter. Na tradição literária, Pseudo-Skymnos [203-6] afirma que foram os focéis massaliotas que colonizaram Empórias, e Estrabão [3.4. 8-9/ 17.3, 2-3] chama Empórias de fundação massaliota. Os gregos na Península Ibérica são alternadamente chamados de massaliotas ou focéis massaliotas, sugerindo que clamavam vínculos com as duas cidades (Demetriou 2012:30-31). Escavações em Palaiapolis sugerem a fundação no segundo quarto do VI século a.C.; o assentamento logo seria abandonado, e os gregos se mudariam para o outro lado da baía, um local chamado pelos estudiosos de Neápolis.

Empórias é um dos primeiros lugares do mundo grego antigo a ser considerado um *emporion* e uma pólis, visto que, no início, a ocupação correspondia a um entreposto dos focéis massaliotas (Monedero 2007:342-343). O terreno em si já fora ocupado anteriormente, como mostram os níveis anteriores aos gregos, revelando casas absidais típicas do período Geométrico, que dão lugar a espaços retangulares no período Arcaico (Aquilué *et al.* 2000). Em Palaiapolis, atual cidade de Sant-Martí d'Empúries, duas foram as principais áreas de escavações, que revelaram os níveis das casas arcaicas: a

Praça Maior e o terreno do solar entre as ruas Francesa e Corral, na parte norte da cidade (Aquilué *et al.* 2000).

Denise Demetriou, em “*Negotiating Identity in the Ancient Mediterranean: the Archaic and Classical Greek Multiethnic Emporia*”, discute a posição de Empórias como *apoikia*, defendendo que sim, a cidade é mais que um *emporion*, consolidando-se como colônia massaliota. No século IV a.C., Empórias já seria um centro urbano, fortificado, com a cunhagem das próprias moedas; habitações dentro dessa área urbana (com cerca de 4 hectares) já existiam desde o século VI a.C. (Demetriou 2012:33-34).

A relação entre Empórias e sua hinterlândia, um problema que se estenderia a todos os assentamentos da rede de trocas focéia no Mediterrâneo Ocidental – Massália, Ólbia, Agathe e Eleia seriam consideradas colônias sem hinterlândia na literatura acadêmica – seria revista de acordo com estudos realizados com uso de fotografias aéreas e imagens de satélite, as quais desafiariam a ideia que os assentamentos focéus não teriam hinterlândia. Elas mostram que os sítios citados, incluindo Empórias, tomaram a decisão política de organizar sua hinterlândia e desenvolver relações com os habitantes indígenas desde o começo de sua trajetória (Demetriou 2012:37).

As casas de Palaiapolis dos séculos VI e V a.C., próximas à muralha da cidade, mostram que os ibéricos habitavam essa área, assim como os gregos; tal muralha provavelmente é aquela que Estrabão [3.4.8] dizia que separava a Empórias grega das habitações indígenas, que cresciam a leste do muro. À medida que os ibéricos migravam para perto de Empórias, demandaram ser incorporados ao centro urbano grego, em busca de proteção. As extensões da muralha em 375-350 a.C. englobavam as habitações indígenas, unindo e dividindo os povos ao mesmo tempo; nas palavras de Estrabão, uma *dipolis* (Demetriou 2012:46-47).

As influências gregas no nordeste da Península Ibérica aparecem na adoção do alfabeto jônico, ao invés do sistema semissilábico de Tartessos (provavelmente derivado do alfabeto fenício), adotado ao sul, e por mudanças específicas na paisagem da hinterlândia emporitana: assim como Massália, Empórias possuía uma zona de influência considerável (cerca de 20km em direção ao interior), sendo a *khóra* emporitana habitada pelos indígenas, e rica na produção de cereais, os quais eram escoados até Empórias e exportados com a intermediação da cidade, até a época romana

- confirmando o papel da pólis como *emporion*, ao redistribuir produtos gregos no mundo ibérico, e vice-versa (Monedero 2007:373).

Os *oppida* dessa região (Ullastret, Mas Castellar de Pontós e Sant Juliá de Ramis) possuíam características semelhantes às habitações gregas, de planta quadrangular e bases de pedra (Monedero 2007:373), retomando a importância do método comparativo não somente em relação às casas focéias, mas também dos habitats indígenas.

No caso de Empórias, negociações culturais resultaram em produtos híbridos, por exemplo, as casas de Neápolis no século IV a.C., exibindo em suas fachadas e construções elementos gregos e ibéricos, criando uma nova cultura. A relação entre Empórias e Massália pode ser observada nas moedas – moedas de Massália foram encontradas em solo emporitano, e no século III a.C., a cunhagem das moedas em Empórias seguia o padrão massaliota, indicando não apenas o vínculo comercial, mas cultural; além disso, havia a presença do culto à Ártemis Ephesia, transferido dos focus massaliotas para todas as *apoikiai* associadas à Massália, no Mediterrâneo Ocidental (Demetriou 2012: 53).

Fig.5: Carta geral de Empórias, e sua hinterlândia (Aquilué et al. 2010:64).

O culto de Ártemis Ephesia seria adaptado às *apoikiai* focéias do Ocidente, para demarcar a identidade cívica dos foces (já que a referida divindade salvara Focéia) e também a identidade étnica deles, dado o significado pan-iônico que Ártemis Ephesia adquiriu, devido às interações hostis entre os gregos da Jônia com os lídios e os persas. Ao ser transferido para o Ocidente, tal culto adotou uma identidade massaliota e foi utilizado como símbolo do controle territorial frente às populações indígenas (Demetriou 2012:62).

Na realidade, tal culto é considerado o *nomima* foces para identificar a identidade jônica nas cidades que fundaram, conforme Malkin (2012). Para o autor, Ártemis Ephesia era excepcional por voltar-se a povos não gregos e mediar o espaço intermediário entre os foces e vários grupos não helenos, notavelmente os lígures, celtas, ibéricos, e romanos (Malkin 2012:199); e ao mesmo tempo, servir como um instrumento de apropriação.

Assim, aos olhos dos foces, Ártemis Ephesia seria *sôteira* (salvadora), *hegêmone* (guia) e também *poliouchos* (divindade guardiã da pólis) – porém, dentro de um contexto mais amplo, abrangendo todas as *apoikiai* focéias do Ocidente, expressando a rede focéia dos litorais de França e Espanha (Malkin 2012:198). Desse modo, a deusa ilustraria bem o papel dos *nomima* e seu posicionamento nas redes coloniais, buscando mediação com os indígenas e afirmando fatores comuns e identidades coletivas dentro de comunidades gregas que pertenciam à mesma rede (Malkin 2012:197).

Agora, falemos da outra *apoikia* focéia abordada nesta pesquisa: Eleia (Velia), situada no atual território da Campânia, no sul da Itália. As fontes escritas a descrevem como uma colônia fundada pelos foces que buscavam Massália, ou possuíam alguma ligação com a cidade. Além de Heródoto [I, 167], já citado no presente texto, Estrabão [6.1.1] comenta a fundação de Eleia:

“Depois da foz do Silaris chegamos à Lucânia, e ao templo de Hera de Argos, construído por Jasão, e nos arredores, dentro de 50 “stadia”, de Poseidônia. Daí, navegando para lá do golfo, chegamos à Leucósia, uma ilha, da qual é apenas uma curta viagem até o continente. A ilha recebeu o nome de uma das Sereias, que foi deixada aqui depois que as Sereias tinham fugido elas mesmas, como diz o mito, para as profundezas do mar. Em frente à ilha há um

promontório oposto às Sirenussae e com elas forma o Golfo Poseidônio. Dobrando esse promontório, chegamos imediatamente a outro golfo, no qual há uma cidade chamada “Hyele” pelos focueus que a fundaram, e por outros “Ele”, o mesmo nome de uma certa fonte, mas hoje é chamada pelos homens “Eleia”. Essa é a cidade natal de Parmênides e Zeno, os filósofos pitagóricos. Minha opinião é que não apenas através da influência desses homens mas ainda em tempos anteriores, a cidade era bem governada; e por causa desse bom governo que as pessoas não só se voltaram contra os leucanos e os poseidônios, mas até retornaram vitoriosas, embora elas fossem inferiores tanto na extensão de território e em população. De qualquer forma, eles foram compelidos, por conta da pobreza de seu solo, a ocuparem-se mais com o mar e em estabelecer “fábricas” para a salga de peixe, e outras “indústrias”. Conforme Antíoco, depois da tomada de Focéia por Hárpagos, o general de Ciro, todos os focueus que podiam embarcaram com suas famílias inteiras em suas leves embarcações e, sob a liderança de Creontiades, navegaram primeiro para Cirnus e Massália, mas quando foram afastados desses lugares, fundaram Eleia. Alguns, no entanto, dizem que a cidade adquiriu seu nome do rio Elees. Ele fica cerca de duzentas “stadia” distante de Poseidônia. Depois de Eleia vem o promontório de Palinuro. Fora do território de Eleia há duas ilhas, as Enótrides, que possuem locais de ancoragem. Depois de Palinuro vem Pixus – um cabo, porto, e rio, sendo que todos os três possuem o mesmo nome.” [tradução livre]

Conforme a descrição de Estrabão, Hodge (1998) comparou o território de Focéia, Massália, Empórias e Eleia, verificando semelhanças na topografia e configuração do terreno das referidas cidades. Todas se situam em penínsulas ou promontórios junto ao mar, são cercadas por colinas e possuem ilhas próximas, as quais funcionaram como primeiro local de estabelecimento dos gregos, os quais passariam, utilizando sua rede de troca e contatos, a se assentar nos lugares onde essas pólis se desenvolveram posteriormente. Greco (2002:13) faz uma comparação semelhante, mas destacando igualmente a presença dos rios.

A importância de Eleia para esta pesquisa está justamente na origem comum com Massália, para a compreensão de fatores relativos à urbanização da cidade situada próxima ao Ródano, visto que há poucos vestígios arcaicos para uma análise mais

profunda (Morel 1999:11). No entanto, muitas semelhanças no terreno e na paisagem podem ser observadas, como a presença de terraços sucessivos para adaptação do terreno acidentado, assim como um urbanismo mais regular nas partes mais baixas das colinas, como nas áreas residenciais de Vignale (Eleia), no quarteirão das Pistolas e ao pé da Colina dos Moinhos, em Massália, também locais residenciais (Morel 1999:12).

Fig.6: Eleia, planta do parque arqueológico (Greco 2002:26-27)

Além disso, as duas cidades possuem áreas de contato entre gregos e indígenas em comum (ou entre gregos e fenícios, etruscos e indígenas), que geralmente ficavam onde terra e água se encontram: lagoas como Saint-Blaise; habitat à beira-mar, de canais ou lagunas; desembocaduras d'água, como Martigues ou Lattes; áreas pantanosas como Empórias; deltas ou estuários, como Huelva (Morel 1999:13).

Contudo, Eleia possui uma fundação distinta de Massália e Empórias: a ocupação da acrópole ocorreu desde a chegada dos focéus ao local, em cerca de 540-535 a.C., com a invasão persa à Focéia, e das conseqüentes perdas resultantes da Batalha de Alalia, quando os focéus enfrentaram uma aliança entre etruscos e cartagineses, os quais

buscavam retaliação pelos episódios de pirataria no mar Tirreno, realizados pelos gregos que se instalaram na Córsega (Bats 2013:334-335).

Originalmente, a intenção desses foces era negociar a ocupação das ilhas Oinousses, pertencentes a Quios, mas com a hostilidade dos quiotas, os fugitivos se dirigiram à Alalia e Massália (Bats 2013:329). Com a fundação de Eleia, produto de uma negociação entre gregos e enótrios, com intermediação de um poseidônio, findava-se a época de ouro das explorações marítimas focéias, segundo Astone (2015:71).

Devido à ocupação primária do promontório, quando da chegada dos foces ao território de Eleia, as casas mais antigas de Eleia pertencem ao terreno da acrópole, que passou por uma reforma posterior em cerca de 470-460 a.C., período em que houve uma ressignificação da acrópole, enquanto espaço público, político e sagrado, fazendo com que as áreas residenciais fossem transferidas para a cidade baixa (Greco, 2002). Nesse caso, tal área seria o Quarteirão de Vignale, e posteriormente, há a possibilidade de expansão das áreas habitacionais para o Quarteirão Norte, devido à proximidade com as áreas cultiváveis e à proximidade com um provável porto junto à foz do rio Alento (Cicala 2002:63).

Fig.7: Eleia, vista aérea da acrópole (Greco 2002:47).

Quanto a uma provável relação com os indígenas, a região ao sul de Eleia seria bem frequentada, a começar por Palinuro, área relacionada com o Vallo di Diano pelo vale do Mingardo, e sobretudo ao redor do vale do rio Noce, onde Emanuele Greco propôs que os serdaioi (uma comunidade da costa do Tirreno) se situariam. Acredita-se que a influência de Poseidônia na fundação de Eleia foi uma tentativa de criar uma “zona tampão” entre a cidade aqueia e um mundo indígena em expansão; a fundação de Palinuro parece quase contemporânea à de Eleia, talvez como consequência das navegações gregas pelas costas do Tirreno, mas não é possível estabelecer uma relação de causa e efeito, nesse caso (Tréziny 2010:157).

A ligação entre Eleia e o Vallo di Diano é atestada por certos tipos de material, como o jarro de duas alças ortogonais, de produção indubitavelmente eleata, ou os cálices de tipo “pan-iônico”; as mudanças na hinterlândia de Eleia acontecem em cerca da metade do século IV a.C., com a presença de diversos sinais de ocupação, inclusive de habitats fortificados (Tréziny 2010:157). Quatro deles - Punta della Carpinina; Torricelli; La Civitella do Moio e Castelluccio - mais próximos de Eleia, poderiam ser, no decorrer do IV século a.C., frúria que defendiam a pólis grega, hipótese levantada por E. Greco (1975 *apud* Tréziny 2010:158). Tal hipótese retoma a colocação de M. Bats a respeito do papel dos *oppida* em torno de Massália, citada anteriormente neste texto.

Como observado, vários autores definem a origem das *apoikiai* focéias como *emporion* que se tornaram pólis ao longo do tempo; para averiguar a legitimidade desta afirmação, iremos abordar a diferença entre *emporion* e *apoikia*, para denominar um território colonial.

IV. OS “EMPORIA” E SEUS CONTEXTOS

A contextualização dos assentamentos focéus no Ocidente surgiu como uma necessidade de entender como se apresentam dentro da definição dada pelas fontes textuais. Nossas principais fontes consultadas foram Heródoto, Estrabão e Justino, e poucos deles usam a palavra “*emporion*” ou “*emporion*”, especialmente para se referir a Massália, Empórias e Eleia. Hansen & Nielsen (2005), em seu inventário de cidades e

assentamentos gregos, definem as três *apoikiai* comopóleis, mas, seria cientificamente razoável relacionar tal status à condição de *emporion*, ou seriam as duas funções do espaço excludentes?

Além disso, Polanyi (1965) aborda a questão do *emporion* como uma instituição, um *port-of-trade*, mesmo sem a existência do sistema de livre-mercado; o *emporion* funcionaria como as atuais aduanas ou zonas francas, ou como coloca Bresson (1993:27) como um local no qual as pessoas poderiam realizar suas trocas mediante algumas regras e taxas específicas.

A priori, o uso da palavra “*emporion*” surge como o local no qual os *emporoi*, pessoas que viajavam de navio, ou seja, exclusivamente pelo mar, faziam suas trocas, conforme Hesíodo o colocou em seus “Trabalhos” (Bresson 1993:20); na Odisséia, Homero define os *emporoi* como comerciantes, mas que não possuíam seus próprios navios. Entretanto, de qualquer modo, troca, mercado e mar estão relacionados à utilização dessa palavra e suas variações. O próprio Heródoto usa o termo *emporoi* ao falar dos focêus, os gregos que fundaram as cidades que abordamos em nosso tema de pesquisa.

Os *emporoi* não possuíam boa fama (Reed 2007:54-55), provavelmente por estarem em contato direto com os povos considerados “estrangeiros” e “bárbaros”, mas seu ofício era de suma importância para a vida da pólis. No caso de Atenas, muitos dos víveres básicos para a sobrevivência da cidade, principalmente cereais, vinham de longe, e o *emporion* surgia como uma parte importante da cidade, apesar de rigorosamente delimitado no perímetro urbano (Bresson 2008:98).

Uma das principais confusões com a qual nos deparamos ao longo desta pesquisa foi ao compreender a diferença entre *emporion* e *limén* (porto), visto que ambos recebem navios, realizam embarques e desembarques, e são espaços limítrofes com o mar, ou com rios – a questão da fronteira é muito importante, e logo a abordaremos. Tréziny (2012) coloca a possibilidade de portos em áreas periurbanas, ou seja, situadas na vizinhança imediata de uma cidade; o exemplo de seu artigo é o de Lócris Epizefiri, *apoikia* grega localizada na atual região da Calábria, no sul da Itália, e ali o *emporion* era parte do porto, seu espaço adquirindo status muito específico e especializado no perímetro da zona portuária, em si (Tréziny 2012:42-43).

Ora, segundo Hansen (2006:03-05) a primeira distinção a ser feita é entre comunidades que *possuem* um *emporion*, e comunidades que *são* um *emporion*; no primeiro caso, o *emporion* surge como uma instituição, regulamentada pela presença de oficiais que cuidam para que se cumpram as regras da pólis em relação aos preços de compra e venda – os quais refletiam diretamente no comércio da ágora (oficialmente, onde o comércio local acontecia), conforme Bresson (2008:99-106).

No segundo caso, o *emporion* é um assentamento e não apenas uma parte de um; é uma comunidade ao invés de uma instituição específica em uma comunidade; a visão tradicional coloca que a base da oposição *emporion/apoikia* é o fato do *emporion* consistir em um posto de troca, de comércio, enquanto a *apoikia* em si é uma pólis (Hansen 2006:03). Entretanto, Bresson (1993:163) coloca que é possível que os *emporia* possuam mais de uma classificação na categorização do espaço urbano das antigas cidades gregas.

Nisso, entra a questão do *port-of-trade*: segundo Polanyi, este seria politicamente neutro, estabelecido em regiões de fronteira (não apenas aquática, como rios, e mares, mas também em fronteiras com desertos e montanhas), e sua administração favoreceria as trocas, ao fornecer suprimentos e proteger as vidas e propriedades dos estranhos (Polanyi 1965:51-52). Ao apoiar-se nisso, a neutralidade estaria garantida, mas mais que isso, a soberania da pólis em relação ao *emporion* e às relações de reciprocidade com os “estrangeiros” (Bresson 2008:98-118).

Porém, para alguns autores, o conceito de *port-of-trade* é inadequado para definir os *emporia* gregos, pois estes não teriam as três condições básicas exigidas: neutralidade, marginalidade geográfica e, sobretudo, trocas a preços fixos dentro de normas administrativas (Figueira 1984 *apud* Bresson 1993:163-164). Para Bresson, o *emporion* é um espaço organizado, parte do território cívico, com regulamentação específica em relação ao acesso ao porto (*eisplous*) e à licença de importação (*eisagoge*); existiam taxas de desembarque das mercadorias, taxas de permanência do navio no porto - sendo a razão de ser do *emporion*: evitar o comércio anárquico, as disputas entre comerciantes e garantir os direitos aduaneiros à cidade.

Basicamente, o questionamento do uso do termo *port-of-trade* surge por ser um conceito moderno, baseado em reflexões referentes aos mercados atuais, o que entraria em conflito com o que seria um “*emporion*” para os antigos, para quem as noções de

escassez e “*price-making market*” não existiam, como hoje. Bresson sugere que os autores antigos definiam o *emporion* como um espaço limítrofe entre uma cidade e sua *khóra*, os territórios exteriores ao espaço relativo à *ásty* (Bresson 1993:201).

Inclusive, o autor cita Massália como um “exemplo ideal de como as fontes antigas aludiam, efetivamente, aos *emporia*”, devido à sua área de influencia, ou de “soberania” (Bresson 1993:208). Também cita a existência de pequenos entrepostos e “factorias” entre os massaliotas e a “zona bárbara”, facilitando as trocas com os indígenas; além disso, haveria centros intermediários, que funcionariam como nós da rede comercial litorânea de Massália, tanto a leste quanto a oeste da cidade, formando uma vasta hinterlândia (Bresson 1993:177).

Estrabão [IV 1-5] define alguns desses locais como pontos de defesa e atracamento, e a partir do período Clássico até o período Helenístico, alguns deles seriam remodelados como *epiteichismata*, ou fortalezas militares, ao longo da costa, adquirindo uma configuração urbana ortogonal; Tauroeis, Ólbia, Antípolis e Nikaia estariam entre tais assentamentos, e serviriam também como “marcos” de uma fronteira entre “o domínio terrestre indígena e o domínio marítimo grego” (Bats 2004:383).

Nesse contexto, conforme referências textuais específicas, como Platão, Tucídides e Heródoto, nós podemos atestar a importância das muralhas para os antigos gregos, e os significados que elas possuíam – não apenas como uma forma de defesa, mas de preservação e delimitação do espaço civilizado que ocupavam, criando uma distinção entre eles (civilizados) e os indígenas (bárbaros), de forma simbólica (Tacla *et al.* 2011:168). Como materialização da alteridade e, conseqüentemente, da identidade dos distintos grupos (gregos e indígenas), a presença da muralha separa, mas ao mesmo tempo permite o contato entre as partes, a própria configuração do espaço urbano definindo o tipo de acesso destinado ao visitante da pólis; porém, geralmente o núcleo urbano (*ásty*) era murado, e não a *khóra*, ou o espaço rural (Tacla *et al.* 2011:190).

Analisando as plantas de Massália, Eleia e da própria Focéia, é possível perceber o porto como inserido na grade urbana, sem isolamento por muralha, mas naturalmente protegido pela topografia dos referidos locais; Empórias seria a exceção, pela diferença topográfica, e seu porto seria exterior à cidade. Nesse caso, devemos considerar também a diferença no terreno litorâneo de antigamente em relação à atualidade, visto que

Palaiapolis (a primeira ocupação focéia de Empórias) ficava em uma ilha, no passado, que hoje é integrada ao continente (Tacla *et al.* 2011:181-186).

Empórias também é a única das cidades focéias a ser considerada “uma comunidade que é um *emporion*”, segundo Hansen (2006:10-11;27), possuindo classificação como pólis, também, no sentido urbano e político do termo; o autor coloca que todos os sítios classificados como *emporion* são também assentamentos indígenas, ou assentamentos coloniais gregos que são centros de comércio entre gregos e “bárbaros”. Várias cidades gregas possuíam um *emporion*, mas nenhum assentamento considerado *emporion* estaria situado na Grécia continental.

Hansen também cita que um dos primeiros usos da palavra *emporion* para designar um território ou espaço em específico, ao invés de *limén* (porto) – termo muito mais comum no período Arcaico - segundo as fontes escritas, foi para se referir à Empórias, e o outro, para se referir a Náucratis (Hansen 2006:02). Segundo ele, classificar umapólis como *emporion* ou não dependia do contexto, e um assentamento definido como *emporion* e pólis seria mais como uma pólis dependente (Hansen 2006:25):

“(...) no período Clássico, um *emporion* era primeiramente uma parte da pólis reservada para o comércio exterior e situada perto do porto; mas se o porto era a parte mais importante da pólis, ou se o contexto assim sugerisse, todo o assentamento poderia ser classificado como um *emporion*.”[tradução livre]

Bresson (1993:220-221) coloca que a visão tradicional, nesse caso, costuma apontar o *emporion* como uma fase de evolução de um assentamento colonial para o status depólis, como se tal “etapa” fosse obrigatória nesse “processo evolutivo” o que, de fato, não ocorre. O autor compartilha do método de Hansen (2006) ao estudar o conceito atrás do termo “*emporion*” e os assentamentos descritos como tal como sendo *emporion*, não importa se eles seriam entrepostos de troca no senso abordado pelos historiadores modernos.

Lombardo (2002:84) destaca a importância do esforço de Hansen em contextualizar e distinguir comunidades que possuem um *emporion*, das que são um *emporion*, tentando aproximar o termo da realidade da experiência colonial arcaica - conforme apresentamos até o momento – mas também cita Robin Osborne e sua contestação do

modelo tradicional ou “apecístico”, segundo o qual as fundações coloniais seriam o resultado de empresas promovidas e organizadas por uma “metrópole” e guiadas por *oikistas* designados por ela.

O autor assume que esta é uma hipótese muito radical, mas trata-se de uma oportunidade de repensar não somente o emprego de termos como “*emporion*”, mas igualmente a rigidez dos modelos referentes ao apoikismo grego.

Por fim, a contextualização do termo “*emporion*” é de suma relevância, no estudo das pólis gregas, pois não seria possível definir a noção do referido termo de modo simples e contemporâneo (Bresson 1993:230). Segundo Bresson, tratar-se-ia de um conceito que muda de forma constantemente e, por isso mesmo, requer maior atenção ao ser aplicado na categorização do espaço grego na Antiguidade.

Diante desta introdução, e com a apresentação de conceitos, termos e contextos importantes para o entendimento e realização desta pesquisa, visaremos ao estudo e abordagem da casa grega no Ocidente – assunto do primeiro capítulo deste volume – e, mais especificamente, da casa focéia, abordada no segundo capítulo. Pretendemos indagar se – uma vez inviabilizada a hipótese de Roland Martin para um modelo próprio de urbanismo focieu, seria possível distinguir um estilo característico desse povo grego, em suas estruturas habitacionais, nas *apoikiai* do Mediterrâneo Ocidental?

Tal será o tema do segundo capítulo deste trabalho, o qual apresenta o catálogo de casas encontradas nas pólis que compõem nossa amostra: Massália, Empórias e Eleia; a partir da documentação levantada, poderemos verificar a existência – ou não – de uma “casa focéia”, enquanto exemplo e materialidade identitárias de um povo helênico, em áreas de grande permeabilidade e hibridismo cultural.

CAPÍTULO 1

A CASA GREGA: UM PANORAMA

1.1: SOBRE O HÁBITAT: UMA ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

O foco deste capítulo será a casa, o hábitat; entretanto, o que podemos entender como “casa”, em um contexto arqueológico? Além disso, como trabalhar com a casa enquanto cultura material, parte do registro arqueológico, e relacioná-la a interações sociais do cotidiano dos gregos que acompanhamos durante a jornada exposta na introdução deste trabalho?

Com tais questões em mente, devemos considerar a casa como um cenário de enormes possibilidades para pesquisas acadêmicas e interdisciplinares, conforme Souvatzi (2008) alega ao longo de seu trabalho sobre as casas do Neolítico grego, e a Arqueologia Social. Isso, pelo fato da casa não ser uma coisa, mas várias: um grupo social; a rede de tarefas, regras, responsabilidades e relações (internas e externas) que esse grupo envolve; a materialidade, espacialidade, e temporalidade através das quais tal conjunto existe e é definido (Souvatzi 2008:01).

Para a autora, as residências também incorporam processos transitórios, como continuidade e mudanças de associados e membros, parcerias, repertórios de atividades e dimensões materiais, turnos em relações sociais intra e inter-residenciais, e constantes interações entre mudanças em sua própria organização, e mudanças na sociedade mais abrangente (Souvatzi 2008:01). Desse modo, as casas seriam formações sociais duradouras.

Existem muitos trabalhos a respeito da casa no mundo grego antigo, como é possível verificar no segundo tópico deste capítulo, a respeito do estado da arte em relação à casa, mas antes de prosseguirmos, devemos abordar a razão pela qual elegemos a casa como nosso objeto de estudo, e como ela pode contribuir para os estudos que concernem à paisagem e sua dimensão cultural e social.

Para Souvatzi, como um terreno com grande intensidade de relações, práticas, escolhas e decisões, a residência é um local crucial para estudar a ação social e para

dirigir noções atuais na Arqueologia Social contemporânea, e na Antropologia: identidade social, memória, poder, posição, e complexidade. Pelas mesmas razões, as teorias da prática e da agência, largamente debatidas na Arqueologia, também têm pertinência especial à residência. Por sua vez, o caráter e forma das residências interagem de modo muito próximo com os princípios culturais e processos socioeconômicos da sociedade na qual as casas existem e não podem ser compreendidos totalmente fora deles (Souvatzi 2008:02). Voltaremos a esse ponto em breve, quando relacionarmos a casa às suas práticas, na vivência do cotidiano.

Allison (1999) coloca que as formas e padrões das moradias (no que concerne à arquitetura) podem atuar como um meio através do qual o mundo externo (a comunidade) exerce controle sobre as atividades internas; ao mesmo tempo, as estruturas físicas da casa provêm os meios para separar essas atividades da influência direta da sociedade mais ampla, e por isso, a arquitetura nunca pode ditar totalmente o comportamento dentro de seus espaços. As habitações servem para revelar e exibir, e para esconder e proteger (Allison 1999:01).

O domicílio ocorre em um contexto espacial, porém, a organização espacial da casa pode ser designada mais pelas atividades sociais existentes nele, e menos pelas estruturas físicas; tal entendimento tem importantes implicações para a Arqueologia das casas e para as sociedades estudadas, visto que as moradias existem em diferentes temporalidades e espacialidades, e as relações da residência com as estruturas físicas das casas e outros espaços devem ser definidas analiticamente, ao invés de serem pressupostas (Souvatzi 2008:11-12).

Este desafio se torna bem real para os arqueólogos, ainda mais pela oposição artificial entre “residência” (o domicílio enquanto processo) e a “casa” (estrutura arquitetônica), o que gera uma subteorização do estudo da casa na Arqueologia (Souvatzi 2008:21-23). Por conta de sua dinâmica social, a casa opera como processo no nível da interação acadêmica, e por isso, é um espaço digno de estudos mais completos, menos descritivos, e mais analíticos (Souvatzi 2008:19).

A análise espacial do chão das casas – método bastante explorado por Schiffer em seu estudo sobre as casas, e a organização espacial delas através do padrão de descarte de refugos domésticos (Allison 1999:04-05) – e a identificação de atividades domésticas dentro e fora do ambiente da casa têm inspirado insights úteis sobre o comportamento

doméstico, e as relações econômicas e sociais que o envolvem. A área de atividade também demonstra os efeitos dos processos de formação na criação de contextos arqueológicos, além das tentativas de relacionar as unidades sociais a outras esferas de comportamento: distribuição de refugos, padrões de movimento, reutilização de estruturas e formas de abandono, entre outros. (Souvatzi 2008:24).

Os vestígios arquitetônicos da casa são parte da cultura material escavada por arqueólogos, e nos avisam sobre o papel dessas estruturas em conciliar o comportamento na residência; contudo, ver a arquitetura como prescritora e ditadora deste comportamento é enviesar as perspectivas do construtor/designer/chefe da casa como o significante do comportamento no ambiente doméstico e minar a relevância das atividades de outros moradores na estruturação das habitações como espaços sociais (Allison 1999:04).

Segundo Allison, outro problema em relação à arquitetura consiste em utilizar esse termo para falar do chão, pois geralmente é onde os vestígios das moradias antigas são encontrados. Há uma tendência a ver as casas como bidimensionais, quando seu conteúdo (ou elementos não fixos, como veremos mais adiante), que não é parte da arquitetura, consiste em uma grande contribuição para insights referentes ao comportamento no domicílio, e às relações entre ações sociais e a cultura material (Allison 1999:06).

Portanto, a concentração de vestígios arquitetônicos, como evidência das casas do passado, pode negar a individualidade dos membros que habitavam esses espaços; não é somente através dos restos arquitetônicos das moradias antigas que podemos usar a cultura material para aprender a respeito do comportamento doméstico do passado. O conjunto dos achados arqueológicos pode fornecer informações mais ricas (Allison 1999:08).

O grande desafio consiste em como abordar a cultura material encontrada nas casas e relacioná-la aos processos cotidianos que ocorriam no espaço doméstico, em seu contexto específico. Souvatzi fala da importância do contexto, em sua obra:

“A casa como noção ou dimensão da realidade social, por definição incorpora complexidade; parte importante dessa complexidade está na natureza contextual da interação entre a residência e as condições materiais e sociais mais amplas, e

constantemente em mudança, nas quais a residência existe.” (Souvatzi 2008:42) [tradução livre].

A relevância do contexto surge como resposta ao problema dos determinantes; a objetificação da sociedade implica na passividade das pessoas, e que os referidos determinantes existiriam de forma independente do fator humano na História (Souvatzi 2008:43). Ora, Hodder (2012:74-80) enfatiza a mútua dependência nas conexões e interações entre humanos e sua cultura material, para sua sobrevivência e manutenção, de acordo com a ecologia comportamental.

Como sugerido, a ecologia comportamental atenta para o comportamento humano, e como ele faz uso de recursos de diferentes formas, em diferentes condições. Tal abordagem explora os processos e interações entre humanos e a cultura material; a diversidade comportamental estaria ligada à variabilidade do contexto, com pouco foco nos determinantes históricos. Custos e benefícios comportamentais seriam avaliados em termos universais, mas ajustados em contextos específicos (Hodder 2012:80).

Desse modo, podemos entrar nas abordagens do ambiente construído a partir de tais contextos, que seriam duas, conforme Souvatzi (2008:25-26): a cultural, representada em nosso trabalho pelas ideias de Amos Rapoport; e a social, representada pelas teorias da prática e da agência humana de Pierre Bourdieu. Unidas, essas abordagens permitem que possamos ver nas estruturas da casa e em seus achados materiais, relações que indiquem os processos cotidianos de uso e organização do espaço doméstico.

A primeira abordagem do ambiente construído enfatiza o simbolismo e a ideologia como fenômenos culturais. As casas seriam entidades de significado inerente, existindo a premissa de que há um significado coerente, ou um sistema de significados derivados de necessidades culturais e estruturas mentais; a casa é vista como metáfora para a ontologia, cosmologia, paisagem, e linguagem. Uma influência dessas ideias, na Arqueologia, é a construção de narrativas da casa ou biografias do lugar, além de visões da casa e da paisagem como meios para um complexo de estruturas simbólicas, princípios cosmológicos, e sistemas de classificação (Souvatzi 2008:26).

O foco na dimensão simbólica da forma da casa exige que atentemos para algumas definições e conceitos, antes de prosseguir. Assim, temos, conforme Low & Chambers (1989:05-07):

❖ Design: provém informações sobre uma cultura e pode ser estudado como tal, através da cultura material, como expressões tangíveis da cultura, mesmo na paisagem. Também se refere ao processo de criação de uma cultura, no qual ideias, valores, normas e crenças são colocados na paisagem, espacialmente e simbolicamente, para criar novas formas e significados culturais.

Este termo está ligado às propriedades que dão forma ao ambiente construído na paisagem; é um produto das relações construídas no ambiente.

❖ Habitação: termo utilizado de três formas. Como estrutura física que abriga as pessoas em sua vida privada, formando uma unidade doméstica; como representações de diversas relações e ações humanas, que variam entre as culturas e que frequentemente não são incluídas na definição mínima de “casa”; por fim, trata-se de um perfil de qualidade ambiental, na visão de Rapoport.

❖ Cultura: termo utilizado de várias maneiras. Cada definição fornece uma perspectiva diversa ao processo cultural e sugere uma metodologia diferente para as análises culturais, em longo prazo.

Como padrões sociais do comportamento humano, regras de comportamento são coletivamente descritas como essas estruturas sociais, particularmente sociopolíticas e econômicas. Como estrutura cognitiva, representada por um conjunto de normas mentais, codificadas na linguagem, e servem como um quadro de ideias culturais.

Como processo simbólico, trata-se de um sistema de significados socialmente construído; símbolos culturais refletem significados culturais compartilhados e dão a oportunidade para a decodificação e descoberta desses significados. Como processo interpretativo, trata-se do estudo das mudanças de significados e ações ao longo do tempo, através de análises históricas e críticas.

Todos os conceitos apresentados acima estão ligados às ideias de Amos Rapoport, para quem o ambiente construído possui mensagens não verbais projetadas pelos agentes; as pessoas gostariam das formas urbanas, e das formas das casas, pelo que elas representam, e tais significados são, parcialmente, o resultado da interação entre as

peças e os ambientes, e por isso, devemos estudá-los (Rapoport 1990:14). O significado ganha importância quando a função vai além do puramente instrumental ou das funções manifestas, já que ele não está separado da função, mas é ele mesmo um importante aspecto dela (Rapoport 1990:15). Segundo o autor:

“Os elementos físicos não apenas tornam categorias culturais estáveis e visíveis, eles também possuem significado; ou seja, eles podem ser decodificados se e quando são afins aos esquemas das pessoas.” (Rapoport 1990:15) **[tradução livre]**.

Da mesma forma, Rapoport distingue a visão dos designers e dos usuários, a primeira ligada a aspectos perceptivos e a última a aspectos associativos (Rapoport 1990:19), sendo que os designers buscam um ideal estético, comunicando uma mensagem específica que, dependendo do contexto, pode ser contrária à mensagem que os usuários querem passar, a partir da personalização, que, como vimos, está mais nos elementos não fixos que nos arquitetônicos. A personalização é o ato de tomar posse, de mudar o ambiente construído, além de definir prioridades e indicar graus de privacidade (Rapoport 1990:21-23).

Nas casas, a mensagem dos usuários é claramente mais central e o domicílio se torna o local onde é esperado que o componente afetivo geralmente fosse mais significativo, como afirma Rapoport (1990:22):

*“No caso das habitações, dar significado torna-se particularmente importante por causa da conotação emocional, pessoal e simbólica da casa e a primazia desses aspectos em moldar sua forma, assim como as importantes consequências psíquico-sociais da casa.”***[tradução livre]**.

Assim, no ambiente, as mudanças para personalização são mais importantes que as mudanças funcionais, pois são essenciais ao modo pelo qual as pessoas expressam seus significados/mensagens, de forma mais comum (Rapoport 1990:24). Entretanto, não devemos esquecer o trabalho de Rapoport sobre as casas denominadas “vernaculares”, ou seja, edificadas com recursos próprios do ambiente em que foram construídas, de

forma mais tradicional; nessas habitações, já existe uma forma ou modelo para a casa, sendo necessário somente ajustar esse modelo às especificidades da família, e tal método é possível em sociedades ligadas pela tradição (Rapoport 1969:04-05).

Tal abordagem tradicional da casa funcionaria porque existe uma imagem compartilhada da vida, um modelo de construções aceito, um número pequeno de tipos de construção, uma hierarquia aceita e, portanto, um padrão de assentamento aceito. Esse modelo se enfraquece com a especialização do design, com a perda do sistema de valores comuns e da imagem de mundo compartilhada, com a consequente perda da hierarquia aceita e de uma perda de objetivos comuns de construtores/designers e do público de usuários (Rapoport 1969:06).

Dessa forma, a influência do homem, particularmente sua personalidade, é menor nas construções vernaculares, cujas influências não são individuais e pessoais, mas do grupo, e limitadas a ele; construções desse tipo tendem a equilibrar-se com a natureza, ao invés de dominá-la, o que reforçaria sua superioridade em relação ao “grande design” como tópico de estudo para a relação entre o ambiente construído, o homem, e a natureza (Rapoport 1969:13).

Os efeitos do ambiente construído no comportamento humano são sociais, visto que o ambiente atua no comportamento ao providenciar pistas pelas quais as pessoas julgam ou interpretam o contexto social ou situação em que se encontram, e agem de acordo; em outras palavras, a situação social influencia o comportamento humano, mas é o ambiente que fornece as pistas. Para Rapoport, se design do ambiente é visto parcialmente como um processo de informação codificada, então os usuários podem decodificá-lo. Se o código não é compartilhado ou compreendido, o ambiente não comunica (Rapoport 1990:57).

Lembremos que o autor foca seu trabalho em modelos de comunicação não verbal, percebida pelo ambiente construído; as pessoas devem ser capazes de interpretar o código incorporado nele, e de operar entre diferentes sistemas de códigos. Diferentes culturas possuem cenários diferentes, e o comportamento apropriado para cenários aparentemente semelhantes pode variar entre elas, assim, operar em contextos pluralistas pode ser muito difícil (Rapoport 1990:61-63). Em nossa pesquisa, esse

cenário é importante, visto a presença do contato entre os focos e os não gregos, no contexto que estudamos.

Assim, antes de nos aprofundar nos códigos do ambiente construído, convém entender as formas de comunicação não verbal feitas por ele: temos os elementos fixos, que mudam raramente ou lentamente, e correspondem à maioria dos elementos arquitetônicos padrão, em esfera pública ou privada (Rapoport 1990:88); também existem os elementos semifixos, de expressão mais mutável no ambiente, e que são particularmente importantes em significado, já que são mais ligados à personalização (Rapoport 1990:89). Por fim, os elementos não fixos, referentes ao comportamento humano, às pessoas, às relações espaciais (proxenia), entre outros. Estes elementos formam o cerne dos estudos de comunicação não verbal (Rapoport 1990:96).

A partir disso, os códigos para perceber a comunicação não verbal devem ser aprendidos, desde cedo, pelo processo de inculcação, ou durante a vida, principalmente em contextos de imigração e períodos de grande mudança ou contato cultural, através do processo de aculturação (Rapoport 1990:65). Para o autor, o domicílio é um exemplo de ambiente propício à inculcação e aprendizado das crianças, devido a códigos específicos para uso dos cômodos, e a maneira como as ações são conduzidas, como, por exemplo, no momento das refeições (Rapoport 1990:66). A casa, portanto, não é apenas uma estrutura, mas uma instituição, criada para um complexo conjunto de propósitos; construir uma casa é um fenômeno cultural, e a forma e organização da habitação são muito influenciadas pelo meio cultural a que pertence (Rapoport 1969:46).

As diferentes formas das casas são respostas das pessoas/povos a ambientes físicos variados, visto que as construções e assentamentos são a expressão visível da relativa importância dada aos diferentes aspectos da vida e às várias maneiras de perceber a realidade; a forma das casas e assentamentos surge como incorporação física de um ambiente construído, e a residência pode ser considerada como um mecanismo físico que reflete e ajuda a criar uma visão de mundo, *éthos*, entre outras características de um povo, comparável a várias instituições sociais (ou mecanismos) que fazem o mesmo (Rapoport 1969:46-48).

Portanto, a casa não pode ser vista isolada do assentamento, mas sim como parte de um sistema espacial e social mais amplo que relaciona a habitação, modo de vida, assentamento, e a paisagem. A forma como o ser humano usa o assentamento afeta a forma da casa, assim, a necessidade de ver a casa como parte de um sistema maior confirma que ela oferece pouco sentido fora de seu cenário e contexto (Rapoport 1969:69). O “assentar-se” é resultado de fatores sociais, principalmente, o que pode incluir família, clã, o grupo, relações espaciais com a natureza, e o simbolismo da paisagem (Rapoport 1969:74).

Para o autor, em contexto mediterrânico, o assentamento todo é considerado um cenário de vida, e a residência meramente como uma parte mais privada, fechada, e abrigada do cotidiano; casas, assentamentos e paisagem são produtos do mesmo sistema cultural e visão de mundo e são, desse modo, partes de um único sistema (Rapoport 1969:70-73).

A segunda abordagem do ambiente, a social, enfatiza, geralmente, os processos sociais que produzem o espaço construído, na relação dialética entre o espaço socialmente produzido e a reprodução da ordem social através das ações do grupo, e da forma nas quais as relações sociais são produzidas e reproduzidas com o auxílio do ambiente construído – com grande importância das particularidades históricas, para os conceitos interligados de espaço e tempo, e para a agência humana (Souvatzi 2008:27).

Souvatzi cita o foco de Pierre Bourdieu na interação entre estrutura social e agência humana, e na dimensão espacial da ação como central para uma análise das práticas sociais (Souvatzi 2008:27). Para Bourdieu, a organização do espaço reflete, gera e reproduz estruturas e práticas sociais; a prática é moldada pelo *habitus*, que se trata de:

“ (...) *sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” (...) objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para*

atingi-los (...) sem ser o produto da ação organizadora de um regente.”
(Bourdieu 1994:61).

Em seu conceito de *habitus*, Bourdieu incorporou ideias sobre a importância da casa como um instrumento do pensamento, como um aparelho mnemônico, enfatizando a interação dialética entre “modo de ser” e “o resultado de uma ação organizada”, e a casa. O *habitus* é uma lei imanente que é depositada em cada agente pela educação primeira (inculcação), condição não somente da concertação das práticas, mas também das práticas de concertação, posto que as correções e os ajustamentos conscientemente operados pelos próprios agentes supõem o domínio de um código comum (Bourdieu 1994:71).

Enquanto produto da história, essa mediação universalizante que é o *habitus* produz práticas, individuais e coletivas, produz história, portanto, em conformidade com os esquemas engendrados pela história; e cada agente, quer saiba ou não, quer queira ou não, é produtor e reproduzidor de sentido objetivo, porque suas ações e obras são o produto de um *modus operandi* do qual ele não é o produtor e do qual não tem domínio consciente (Bourdieu 1994:72-76).

A ênfase de Bourdieu na repetição de práticas diárias para a materialização e socialização do comportamento humano reforça o *habitus* como produto do trabalho de inculcação e apropriação, necessário para que as estruturas coletivas possam se reproduzir, sob a forma de disposições duráveis, em todos os organismos (Bourdieu 1994:78). Ele serviria para prover continuidade, e nesse contexto, a casa age como cenário para a construção da memória social, através da repetição diária das práticas, em microescala (Souvatzi 2008:29).

Dessa forma, as casas são mecanismos importantes de reprodução social, através da socialização de seus membros em regras, restrições, disposições e orientações particulares, na prática diária; ao mesmo tempo, não se submetem passivamente a processos sociais mais abrangentes, mas também afetam ativamente esses processos (Souvatzi 2008:44). A casa surge enquanto processo, e o exame de seus componentes espaciais, materiais e sociais - assim como das práticas cotidianas que criam e dão valor a padrões mais amplos, observados em escalas maiores - sugere um grau de

consistência na estrutura dos assentamentos, da casa e da cultura material no tempo e espaço, combinada com muita variabilidade (Souvatzi 2008:203).

O layout dos assentamentos representa o resultado gradual e coletivo de um número de pessoas, ou de grupos de pessoas, e como pudemos observar até aqui, a arquitetura não providencia apenas um suporte para a agência humana, e um mecanismo para melhorar a interação social, assim como um material mnemônico dessas transações (Souvatzi 2008:228).

Nessas poucas páginas, procuramos explicar o motivo pelo qual elegemos a casa como objeto de estudo desta pesquisa, a sua relação com o ambiente construído e sua importância para a investigação e compreensão de processos cognitivos e práticos da vida cotidiana; a partir de agora, apresentaremos um panorama do estado da arte referente à casa grega, especificamente, visto que ela é nossa base de comparação e análise documental, ao abordar o catálogo das casas de Massália, Empórias e Eleia, no capítulo 2 deste volume.

1.2: O ESTADO DA ARTE

A intenção de nossa pesquisa é sair do âmbito descritivo e buscar analisar cuidadosamente o caso das habitações reunidas em nosso catálogo; porém, como fazê-lo? E por onde começar? Mais do que isso, como inserir as casas estudadas em um contexto mais amplo?

Antes disso, é preciso observar o estado da arte sobre o estudo da casa grega; primeiramente, apresentaremos um pouco do estudo geral das habitações ao longo dos períodos Arcaico e Clássico, tendo a Grécia continental como cenário. Em seguida, abordaremos o estudo das habitações no Ocidente grego, para posteriores comparações com as *apoikiai* focéias abordadas neste estudo.

Retomar o estado da arte é relacionar o que já foi pesquisado sobre o assunto, no contexto grego; na maioria dos casos, existe uma abordagem mais profunda das casas

dos períodos Clássico e Helenístico, como é possível ver no trabalho de Lisa Nevett (2010) e Nicholas Cahill (2002) - os quais foram vitais para a confecção de nossa dissertação - e também no trabalho de Glazebrook & Tsakirgis (2016). Nesse último caso, as autoras enfatizam as “casas de baixa reputação”, fazendo um contraponto entre o simbolismo da arquitetura dos prédios públicos e o contexto privado, considerando não apenas as casas, mas também prostíbulos e tavernas.

Para Tsakirgis (2016:13), a arquitetura doméstica - incluindo os materiais utilizados na construção da casa - e a organização do espaço provêm informações valiosas a respeito de seus habitantes; os caminhos de acesso de uma parte à outra revelam como construtores e moradores viam conceitos como privacidade, e representam estratégias para controle social (Tsakirgis 2016:14). Tais ideias convergem com a visão de Lisa Nevett sobre a disposição do espaço nas casas gregas do período Clássico, em que a autora reforça, em vários momentos, a particularidade da especialização do espaço doméstico em preservar a privacidade dos cômodos, para controlar o acesso às mulheres da residência (Nevett 1999).

Autores como Morgan (2010) consideram a divisão de cômodos como uma forma de reorganização do espaço doméstico, mas que cada cômodo seria de natureza multifuncional, sendo alguns poucos destinados a uma função em específico; segundo ela, as construções privadas de Atenas parecem ser capazes de mudar seu papel de acordo com as necessidades dos ocupantes, o que significa que um espaço doméstico pode mudar para um espaço de trabalho ou religioso em um período curto de tempo (Morgan 2010:54).

A autora também coloca que os estudiosos do assunto deveriam tratar os edifícios residenciais como prédios, sem presumir que o local é uma casa e seu papel é a domesticidade, somente; ver os prédios como construções privadas permitiria maior visão do alcance de papéis, incluindo social ou residencial, que tais locais desempenhavam em sua comunidade em específico (Morgan 2010:66).

Além disso, Morgan também aborda a questão da casa enquanto espaço de trabalho: o capítulo quarto de sua obra considera a relação entre comportamento econômico e domesticidade, para acessar a variedade de atividades que poderiam coexistir nas casas

atenienses do Período Clássico, e investigar as conexões entre trabalho e residência dentro dos prédios habitacionais – para desse modo, possuímos maior entendimento do papel da casa e do domicílio (aqui, consideramos também os moradores da casa e criadagem) na economia urbana (Morgan 2010:96-97).

Atenas possui evidência material mostrando várias oficinas urbanas, que ficavam em casas – ateliês de escultura em mármore, metalurgia, artesanato, produção cerâmica, tavernas, entre outros (Morgan 2010:103-105). Parte da importância em estudar o papel do espaço doméstico na economia grega antiga estaria em corrigir o desequilíbrio causado pelo excesso de foco somente nos processos de troca (especialmente no caso grego), existindo certa negligência em relação à organização da produção e sua influência na economia ateniense (Harris 2001:67).

No caso de Harris (2001), a preocupação do autor está em examinar a natureza da especialização técnica do domicílio e sua ligação com o surgimento de uma economia de troca, e o gerenciamento do *oîkos* (Harris 2001:68); ora, tanto Harris, quanto Morgan e Tsakirgis citam Xenofonte, que afirma que um bom cidadão é aquele que sabe bem gerenciar o seu *oîkos*, existindo uma ligação ideológica direta entre a conduta pública e a privada.

O custo para abrir um pequeno negócio, em Atenas, não excedia os recursos do *oîkos*, e por tal razão os atenienses não faziam distinção clara entre *oîkos* e *ergasterion* (oficina e/ou pequena loja), sendo que geralmente as lojas faziam parte das propriedades privadas (Harris 2001:81-82). O autor ainda cita Finley (1985 *apud* Harris 2001:83), ao colocar que o ateniense médio não era capaz de gerenciar sua residência de forma eficiente, pela falta de manutenção de livros de contabilidade, o que impedia a comparação de investimentos.

Ao comparar três sítios (Atenas, Olinto e Halieis), Morgan conclui que o escopo e especialização das atividades econômicas presentes neles aumenta proporcionalmente ao tamanho do assentamento urbano, e a relação entre trabalho e residência difere para cada sítio (Morgan 2010:114-115). Os processos de produção e distribuição das atividades comerciais na pólis clássica eram de pequena escala e controlados por indivíduos ou famílias; para a autora, é razoável assumir que o controle dessa atividade

econômica estava certamente nas mãos dos domicílios, mesmo quando não ocorriam nas discretas residências (Morgan 2010:116).

Contudo, as relações econômicas são apenas uma faceta do uso e organização do espaço residencial ligado à realidade urbana; Ault (2007:259) chega a afirmar que a orientação da casa tenderia, em circunstâncias favoráveis, para a troca mercantil e, conseqüentemente, ao envolvimento local e regional. Indicativos de economia doméstica incluem o tamanho e valor da casa; evidências numismáticas de contextos residenciais; luxo do domicílio; presença de escravos; indústria e evidência de atividades domésticas relacionadas à agricultura (Ault 2007:260).

Nesse contexto, Morris (2005 *apud* Ault 2007:260) aponta alguns exemplos nos quais a casa aumenta significativamente de tamanho entre os séculos VIII e IV a.C., apresentando mais comodidades, telhas comuns a partir do VI séc. a.C., e dois andares a partir do V séc. a.C.. O principal exemplo com evidências de expansão e crescimento de área é a primeira pólis grega cuja planificação ortogonal foi bem documentada: Mégara Hybleia, na Sicília, entre os séculos VIII e VI a.C..

A expansão da casa pode refletir uma mudança na composição familiar – de um grupo nuclear a um maior – mas não há evidências claras disso, visto que aumentar a área de armazenamento se tornou algo prioritário; o crescimento seguiria a tendência à especialização do espaço doméstico, e a isonomia das casas presentes nos séculos V e IV a.C. demonstraria a segmentação das habitações, com áreas específicas para moradia, trabalho e armazenamento, em clara distinção das casas do Período Arcaico (Ault 2007:260-262).

A casa seria uma metáfora básica para a ordem social, particularmente as relações de gênero – o espaço seria dividido por gênero para evitar *hubris*(descomedimento), ou seja, nesse contexto, a invasão do espaço pessoal com intenções sexuais – e questões de classe. A casa transbordava significados, enquanto local para assegurar noções da constituição própria do grupo, ou para desafiar as convenções (Morris 2002:10).

Dessa forma, as considerações sociais são fundamentais para escolha das características formais e espaciais no design de residências. O layout formal de uma

casa incorpora várias preferências culturalmente prescritas em como seus cômodos e áreas de atividade devem ser, e as formas nas quais estas são espacialmente arranjadas no espaço habitacional afetam quão facilmente e com que frequência elas eram acessadas - consequentemente influenciando diretamente como os moradores organizavam suas tarefas diárias e mantinham suas relações uns com os outros. Assim, o design não pode ser randômico ou aleatório, mas deve, de algum modo, ser compatível com os comportamentos sociais associados ao conjunto de habitantes que a residência abriga (Romanou 2007:77).

O design define um padrão de circulação e uso do espaço que é calculado para atender aos requisitos da comunicação e restrições sociais dos moradores, e para encorajá-los a interagir de maneiras socialmente aceitáveis, provendo uma organização social em microescala (Romanou 2007:77). Os fatores arquitetônicos podem ser negociados para modificar as intenções pretendidas, e tais mudanças revelam como os habitantes reinterpretavam o espaço doméstico para lidar com as transformações em suas relações sociais e números (Romanou 2007:86).

Assim, temos que o número e localização das entradas e portas de conexão em uma casa são cruciais para determinar a quantidade e natureza do contato – tanto entre os habitantes da casa, quanto com pessoas de fora, e entre indivíduos dentro do contexto doméstico. A existência de um grande número de portas externas promove acesso fácil à casa, enquanto um grande número de portas entre as casas facilita o movimento em seu interior (Nevett 2007:07).

Antes de 750 a.C., muitas casas possuíam cômodo único, estruturas curvas (absidais ou ovais); às vezes eram construídas de barro ou lama e fibras tecidas em torno de uma estrutura de postes, e às vezes as casas eram construídas com tijolos de argila ou barro, com ou sem uma base baixa de pedras. Pisos de terra batida e argila eram comuns e braseiros abertos simples eram recorrentes, assim como telhados cobertos com palha. As atividades eram feitas nesse cômodo único, ou ao ar livre. Após 750 a.C., o cômodo único persiste, porém, em casas de forma retangular (Morris 2002:16).

Espaços multifuncionais sugerem maior integração dentro da habitação (Romanou 2007:85), e a especialização gradual do espaço doméstico, ao longo do tempo, reflete

organização e especificação do espaço como um todo, assim como a mudança da forma de pensá-lo e vivenciá-lo (Morris 2002:27-28). Morris coloca que a casa deve ser estudada como categoria analítica, junto com outros contextos de comportamento, como enterramentos, santuários, entre outros, para transcender os limites do registro textual (Morris 2002:08-09), e a definição do espaço da casa aconteceria devido à demarcação de santuários, remoção de cemitérios, e com o surgimento de muralhas e casas retangulares mais complexas (Morris 2002:19-20).

Franziska Lang coloca que os assentamentos oferecem uma perspectiva regional e, as casas, uma perspectiva local da organização da sociedade, sua autoridade, economia e rituais; os padrões de estruturação espacial de assentamentos se manifestam em seu layout, nas áreas para propósitos especiais, no tipo e arranjo dos prédios, e no sistema de estradas ou vias (Lang 2007:183). Nisso, é importante considerar a disposição das casas no assentamento e no esquema do sistema viário, a possível existência de prédios privados e oficiais, as divisões funcionais das instalações oficiais, e o tipo das casas (Lang 2002:13).

O foco da autora é o século VIII tardio (Período Geométrico) e o Período Arcaico (700-500 a.C.); durante essa cronologia, o tamanho dos assentamentos aumentou, e as habitações se tornaram mais densas, o que indica mudanças na organização social; temos dois tipos de assentamento na Grécia Central, durante a Idade do Ferro: o planejado, e o historicamente desenvolvido. O comum eram assentamentos com casas desconexas ou aglomeradas (Lang 2002:14), e no século VII a.C., tal padrão seria menos comum, desaparecendo quase totalmente até o Período Clássico; ao mesmo tempo, um novo tipo de assentamento surgia na Grécia: o planejado e regular (Lang 2007:183), com área residencial distinta do foco administrativo central, pela diferença dos prédios (Lang 2002:14).

Tal organização reflete as mudanças políticas e sociais do Período Arcaico, com a especialização do espaço público, e a fronteira mais explícita do assentamento tomando forma na figura da muralha, ou fortificação; a muralha da pólis, contudo, não separaria as pessoas que vivem fora e dentro dela, nem em senso político, ou legal. As leis da cidade seriam válidas em todo território políade, consistindo a muralha em uma fronteira entre *ásty* e *khóra* (Lang 2002:15).

Segundo a autora, o novo padrão de assentamento planejado em um sistema de ruas regulares guiava a um arranjo padronizado da casa, no próprio espaço urbano, revelando o princípio do “sistema hipodâmico” do Período Clássico (Lang 2007:185). A planta da casa daria pistas das relações sociais internas e também permitiria a classificação da habitação (Lang 2002:16). As casas do Período Geométrico seriam de cômodo único e multifuncional, com trabalho feito fora de casa; não havia distinção entre esfera pública e privada, sendo o assentamento o foco da vida cotidiana (Lang 2002:17).

A tendência do Período Arcaico é o remodelamento das casas, radialmente dispostas, com mais de um cômodo, cada um deles ao lado do outro, em forma coordenada, sequencial ou paratática. Os cômodos teriam acesso independente, então um espaço de circulação comum, como um corredor, pátio ou hall, o que afeta a organização interna da habitação; tais espaços de circulação nas casas arcaicas podiam funcionar como área “neutra”, assim como uma espécie de zona transitória entre o estranho e a família, e as áreas interior e exterior da casa (Lang 2007:188).

Ao longo do tempo, as plantas das casas e o arranjo dos assentamentos poderiam diferir regionalmente, expressando diferenças culturais, políticas e econômicas (Lang 2007:189); as mudanças mostram a tendência à diferenciação, separação e individualidade, à construção da privacidade, de um lado - e ordem, estrutura e padronização, de outro, enquanto resultado da organização das instituições centrais, para a pólis e os assentamentos. Assim, temos uma relação da organização do espaço doméstico com a consolidação da pólis (Lang 2002:19).

Isso, pelo fato da cidade consistir em um local não apenas para a troca de produtos e ideias, mas também para o fluxo de pessoas e informação. Nos assentamentos arcaicos planejados, as casas eram dispostas em ordem, na qual os lotes eram definidos com antecedência, e tal arranjo refletiria uma decisão consciente da comunidade; esse novo sistema surgiu no contexto do nascimento da pólis, sendo a divisão espacial do assentamento e a arquitetura indícios de esforços coletivos para a construção de uma identidade comunitária (Lang 2007:189-191).

No estudo sobre casas, Nevett critica o fato de vários pesquisadores voltarem sua atenção ao espaço doméstico após a busca por prédios públicos se tornarem infrutíferas,

e reforça que a importância da pesquisa em Olinto, na Calcídica, esteve em prover tipologia que os estudiosos da área aplicam à arquitetura doméstica grega dos séculos V e IV – tipologia baseada nos termos utilizados por Vitruvius em sua “Arquitetura” (Nevett 2007:06):

❖ Pastas: indica um único corredor ou passagem a abrigar as entradas para vários cômodos;

❖ Prostas: indica um pórtico recuado levando a um único cômodo;

❖ Peristilo: corredor que circunda três ou quatro lados do pátio interno da habitação.

Nevett coloca que, para a detecção da variabilidade, não é possível confiar apenas nas fontes textuais, mas sim considerar os vestígios materiais (como cerâmica, por exemplo) como fonte de informação, já que a iconografia pode representar contextos cotidianos ou indicar status, além de refletir um pano de fundo compartilhado (Nevett 1999:11).

A autora se baseia na escavação de Robinson, em Olinto – com foco na Colina Norte e na planície a leste (Nevett 1999:55) - para abordar as casas da referida cidade; Nevett também critica o trabalho de Fabrizio Pesando, devido ao intenso foco na análise das fontes literárias, sem análise de relações sociais com base na organização do espaço (Nevett 1999:26). Nisso, o trabalho de Nicholas Cahill rompe com a obsessão pelas fontes textuais e foca na análise do material arqueológico encontrado, além de enfatizar a variabilidade da organização do espaço habitacional em Olinto (Nevett 1999:28).

Pesando preocupa-se com a distinção entre a sistematização das casas no campo e na cidade, a fim de evitar confusão na determinação na estrutura da habitação e das funções dos ambientes que as compõem, visto que o foco do trabalho do autor é a descrição da casa do Período Clássico nas fontes literárias (Pesando 1987:29). A ideologia do espaço habitacional consiste na ocupação por núcleo familiar no seio da

cidade, que se adequa perfeitamente às leis e aos costumes impostos pela pólis (Pesando 1987:51).

A limitação do conhecimento sobre as plantas das casas do Período Arcaico - e a escassez de testemunhos - fazem com que as colônias (*apoikiai*) surjam como os locais onde existe a possibilidade de colher, de forma tangível, a oposição entre a planta urbana das cidades antigas da Grécia continental, desenvolvida de modo heterogêneo em sítios de ocupação antiga – e a planta urbana colonial, na qual a regularidade dos eixos de desenvolvimento e a demarcação de lotes atribuída aos fundadores parecem ser expressões de isomoiria (repartição igual da terra) e de isonomia (igualdade perante a lei) (Pesando 1989:63).

O autor coloca que o termo “*pastas*” foi usado pela primeira vez por Heródoto, em sua “História”, para denominar a passagem contínua de um ambiente a outro, na descrição da tumba do faraó Amósis II (570-526 a.C.), o que permite reconhecer a *pastas* como o corredor transversal que dava acesso aos diversos cômodos da casa. A estrutura de *pastas*, desprovida de colunas, permaneceria no Período Clássico (Pesando 1989:68-69).

Além disso, ainda no Período Arcaico, a ocupação da acrópole era a resposta mais imediata a exigências de caráter estratégico e político, pois permitia ao tirano criar um acampamento militar próprio, de domínio da cidade, a ser consagrado pela divindade protetora da pólis (Pesando 1989:73). No contexto ateniense, mesmo no Período Clássico as residências localizadas em torno da Acrópole permaneceram caracterizadas de uma extrema simplicidade e pobreza de planejamento, ao menos até o Período Helenístico (Pesando 1989:96-97).

Pesando cita um fragmento do livro “Sobre a Cidade da Hélade”, de Eraclides Crítico (III-II a.C.), que antes de abordar os edifícios públicos de Atenas, fala da área ao redor da Acrópole, em *Fragmenta Historicum Graecorum* [II, 264]:

“... as ruas são estreitas e tortuosas. A maior parte das casas é barata, mas poucas são cômodas. Se um

estrangeiro somente as visitasse, dificilmente acreditaria se tratar da famosa cidade dos atenienses.” [tradução livre]

O autor abordou também abordou Olinto como objeto de estudo, assim como Nevett e Cahill, porém, como já dito, seu foco é a descrição; para ele, a casa de tipologia *pastas* não parece representar o modelo de habitação típico da Atenas clássica, no mesmo período (Pesando 1987:67).

A respeito da parca preservação dos vestígios arquitetônicos das residências da Idade do Ferro Inicial (1000 – 500 a.C.), a qual inclui o período Arcaico, Nevett afirma que é preciso o foco nas plantas do chão, com similaridades e diferenças ajudando a estabelecer um quadro tipológico: conforme vimos, as estruturas podem ser absidais (ovais) ou ortogonais (retangulares). A distinção é importante para considerar como as casas se pareciam e como suas formas influenciaram o layout de todo um assentamento (Nevett 2010:25-26).

Nesse contexto, a autora enfatiza a semelhança das casas de Olinto, incluindo o uso do pátio e *pastas* para uma variedade de atividades domésticas, e a existência de um cômodo especializado para receber hóspedes ou visitas, que aponta para a influência de pressões sociais específicas na organização das atividades na esfera doméstica (Nevett 1999:154). O *andron* aparece como um espaço para receber convidados, separadamente do cotidiano doméstico, caso desejado (Nevett 1999:161).

Em Olinto, blocos iguais de casas eram separados por um dreno estreito, ou *stenopos*; originalmente, as habitações deviam ser construídas de tijolos de argila, sobre uma base de pedra, e vestígios indicam a presença de um segundo andar, através das fundações que sustentavam escadas de madeira (Nevett 1999:56). Para a autora, no caso de Olinto, em específico, devemos considerar o contexto de destruição da cidade, a qual abordaremos de forma mais detalhada, a partir de agora, devido à sua importância para o estudo da casa grega.

A pólis de Olinto está situada na Calcídica, cerca de 2,5km do mar, e consiste em um assentamento com diversas fases de desenvolvimento, classificado e dividido em colinas: a ocupação original está na Colina Sul; o assentamento planejado na Colina

Norte, com expansão posterior na planície à leste, durante os séculos V e IV a.C. (Cahill 2002:23). A Colina Sul não possuía planejamento regular, como na Colina Norte, mas as diferenças entre essas áreas não é muito grande, já que apesar do plano ortogonal que se estende pela Colina Norte, este possui algumas irregularidades; as casas foram construídas em blocos de dez, com duas filas de cinco habitações separadas por um beco estreito (Cahill 2002:27).

Como o plano ortogonal se estende para a planície a leste, tal distrito é chamado de “Seção Villa”. As casas nessa área não eram rotuladas de acordo com o esquema usado na Colina Norte, mas foram nomeadas conforme algum fator de distinção em sua planta ou conteúdo – alguns exemplos: “A Casa da Boa Fortuna” ou “A Casa das Muitas Cores” (Cahill 2002:29-30). Colocaremos algumas das casas analisadas por Cahill neste trabalho, para compreender o olhar do arqueólogo sobre a casa, enquanto objeto de estudo.

O layout da Seção Villa não foi completamente esclarecido; a existência de áreas pouco desenvolvidas e lotes de casas maiores do que o normal sugere que o processo de divisão e distribuição da terra nessa parte da cidade era diferente (Cahill 2002:30). Segundo Cahill, a área da Colina Sul possui sete hectares, as Colinas Norte e Leste, juntas, cerca de 28ha, incluindo o vale entre elas; a extensão da Seção Villa não foi determinada, existe a estimativa de 16ha, mas provavelmente, era maior, com mais de 51ha. (Cahill 2002:30-32).

A expansão de Olinto ocorreu através de *anoikismos*, ou “mudança para o interior”, durante a Guerra do Peloponeso, e esta também seria a razão para o planejamento e fortificação da cidade (Cahill 2002:35); o *anoikismos* de 432 a.C. foi a motivação para a ocupação da Colina Norte, onde o plano ortogonal aparece (Cahill 2002:38). O autor considera a estimativa de uma migração mínima de 490 a 640 cidadãos, que é compatível com a evidência arqueológica (Cahill 2002:41).

Com o rápido crescimento da população de Olinto, durante o IV século a.C., a cidade expandiu para acomodar os migrantes, assim, a Seção Villa é provavelmente uma extensão tardia da pólis, com tal finalidade. Os bairros dessa região não se alinham com os da Colina Norte e as grades urbanas não se conectam (Cahill 2002:44-45).

Tais evidências são fruto da destruição da cidade por Filipe II da Macedônia, em 348 a.C.; as condições de abandono de Olinto ajudaram os arqueólogos, pois os detritos e vestígios ainda estavam próximos de um contexto primário (Cahill 2002:45). Algumas casas possuem evidências de grandes incêndios, visto que a cidade foi intensamente pilhada, dada a ausência de objetos de valor, especialmente das residências mais ricas, e a presença de vandalismo de algumas áreas, como as relacionadas a armazenamento e indústria (Cahill 2002:48-49).

De acordo com as evidências arqueológicas e históricas, ao fim do IV século a.C., Olinto jazia abandonada e enterrada (Cahill 2002:52); as casas estavam enterradas superficialmente – apenas cerca de 30cm de profundidade – e sua estratigrafia é geralmente obscura. A permanência dos detritos de destruição nas casas sugere que elas não foram reparadas, nem reconstruídas ou reocupadas, porém, eram usadas como área de refugio para os últimos habitantes; assim, não é possível tratar os artefatos de Olinto como um grupo único, que pode ser datado sem crítica, até 348 a.C. (Cahill 2002:60).

Os grupos de artefatos recuperados durante a escavação do sítio não representam conjuntos completos: segundo o autor, eles são sujeitos a uma variedade de processos culturais e naturais que removem ou deslocam alguns artefatos e introduzem outros, e não podem ser interpretados como representações fossilizadas de atividades passadas (Cahill 2002:60).

Mais de 100 casas foram escavadas completamente, mais do que em qualquer sítio grego, e destas, Cahill aborda 13 das habitações melhor preservadas, incluindo casas de plantas regulares e irregulares, casas que parecem ser primariamente domésticas, e casas nas quais outras atividades aconteciam (comércio, indústria de pequena escala, entre outras). Com isso, o autor busca mostrar a variabilidade das amostras (Cahill 2002:74).

As casas de Olinto são do tipo *pastas*, com padrão quadrado, e dois eixos cruzando a casa, de leste para oeste; um divide a casa ao meio, o outro divide a parte norte em duas. Esses eixos ditam a localização de muitas paredes e pilares, de leste para oeste, e muitas casas da cidade possuíam pátio aberto e central, quase sempre localizado na metade sul da habitação, com a *pastas* e os cômodos principais situados a norte (Cahill 2002:75).

Os cômodos eram arranjados ao redor do pátio e *pastas*, e são normalmente identificados pela planta do chão – entretanto, é importante distinguir entre a identificação de um cômodo definido por sua arquitetura e o uso dado a um espaço específico (Cahill 2002: 78).

Em geral, temos que:

O pátio formava o foco da casa, consistindo em seu maior cômodo único, e servia para conectar as diversas partes da residência, além de iluminá-las. Ele era geralmente pavimentado com pedregulhos ou seixos, sendo que poucas habitações têm pátios cimentados ou com mosaico; também são equipados com drenos para guiar a água da chuva para a rua, e algumas casas possuíam cisternas no pátio ou cômodos vizinhos. Outras tinham *pithoi* nos cantos do pátio, para recolher água da chuva para limpeza, entre outros usos (Cahill 2002:78-79).

Quanto aos pórticos, muitas casas de Olinto tinham ao menos um pórtico aberto para o pátio, providenciando abrigo do sol e da chuva, ainda que o espaço fosse iluminado pela abertura do pátio. Outras residências tinham apenas um grande e único pórtico ao norte, a *pastas*, cujo piso era geralmente de terra – ocasionalmente com pedregulhos – mas cinco das habitações escavadas possuíam *pastas* cimentada, e uma delas com mosaico. Devido à iluminação e ao abrigo, este deveria ser um espaço de trabalho conveniente, como indicado pelos vestígios encontrados nas *pastades* de certo número de casas (Cahill 2002:79).

Os quartos ocupavam regularmente o quarteirão setentrional da casa, abrindo-se em fileira na *pastas*, consistindo em cômodos de 4,5 a 5m de norte para sul, tal dimensão determinada pela linha do telhado do quarteirão ou bloco (Cahill 2002:79). Contudo, o cômodo de distinção mais aparente nas casas de Olinto é o *andron*, de dimensão tipicamente quadrada (4,75m x 4,75m) e a porta não estava localizada exatamente no centro, para que divãs pudessem ser distribuídos pelo espaço; o piso era cimentado ou de mosaico, com uma plataforma elevada para os divãs. Normalmente, este era o cômodo mais decorado da casa, acessado por uma antessala (Cahill 2002:80).

A área da cozinha era um cômodo grande, às vezes com um braseiro, e um ou dois cômodos menores, entre os quais um era pavimentado com placas de pedra, e possuía uma porta separada para o pátio ou *pastas*. O outro cômodo, caso presente, geralmente tinha uma banheira (Cahill 2002:80). Muitas residências parecem ter um segundo andar, acima de pelo menos uma das partes da casa; a evidência está nas bases de pedra para os degraus, as quais preservadas nas divisórias de pilares no complexo da cozinha, que deveria suportar uma parede acima. O segundo andar é referido frequentemente nas fontes literárias como os aposentos femininos, o *gynaikonitis* (Cahill 2002:82).

Certas casas de Olinto possuíam cômodos que davam diretamente na rua, e foram identificados como lojas ou oficinas; em alguns casos, existem portas que levam ao interior da casa, em outros, não há conexão direta (Cahill 2002:81). Em sua obra, Cahill selecionou 13 casas para descrição, contudo, abordaremos somente duas delas neste trabalho, para ilustração.

A Casa das Muitas Cores pertence à Seção Villa, e foi apontada por Mylonas como a típica residência de Olinto; apesar do design da casa ser um pouco incomum, a boa preservação de sua arquitetura e achados, além da cuidadosa escavação e registro feitos por Lloyd Daly em 1938 fazem dessa residência uma excelente introdução às casas de Olinto e seus artefatos, segundo Cahill. Ela possui esse nome devido à grande quantidade e variedade de decorações pintadas em suas paredes e piso, consistindo na casa com pintura mais elaborada escavada em Olinto, embora existam apenas fragmentos bem preservados de muitos de seus motivos decorativos, como a faixa floral com palmeiras localizada no *andron* (Cahill 2002:85).

A casa foi parcialmente construída em um terraço cortado no declive da colina, e numerosos traços de fogo, que escureceu o estuque das paredes, chamuscou os tijolos de argila e deixou camadas de cinzas em diversos quartos, indicam a violenta destruição da casa – enquanto um grande número de vasos completos, objetos de pedra e metal, *pithoi*, e outros objetos relativamente valiosos foram encontrados no chão, formando um grande depósito (Cahill 2002:85).

O acesso à casa era feito pela Avenida G, e ao sul do pequeno pátio tinha um longo pórtico ou exedra, que Robinson rotulou de “sala de estar de verão”. Três quartos ao

norte se abrem para a *pastas* (cômodos a, b, c), e o *andron* ocupava o canto nordeste, acessível por uma antessala (d, f); uma área de cozinha ocupava o sudoeste (cômodos k,g,h). O centro da casa era o pátio, como área comum de trabalho e de socialização, assim como principal fonte de luz para os cômodos privados da habitação; entretanto, o pátio d'A Casa das Muitas Cores era um dos menores em Olinto (3,58m x 5.90m), e com dois andares de cômodos ao norte e ao sul, provavelmente não deveria iluminar e arejar tanto quanto os pátios de outras casas da cidade (Cahill 2002:87).

Na direção oeste havia um altar coberto, mas a presença de altares portáteis (*arulae*) na *pastas* (cômodo e) indica que ali não era o único local de culto da residência; na área da cozinha, um braseiro ocupava o centro do cômodo k, o maior do complexo, e três grandes ânforas de armazenagem foram encontradas no extremo oeste do recinto, talvez para armazenar água ou materiais para cozinhar (Cahill 2002:89). Nesse complexo, foi também encontrado um disco de chumbo com decoração de lótus e palmeiras, um peso de tear, um pires, três moedas e uma ponta de flecha. Uma tigela e duas lascas de cerâmica em figura vermelha vieram de níveis ligeiramente acima do piso, o que indica que poderiam ser do depósito de destruição ou que caíram do segundo andar (Cahill 2002:89).

O complexo ainda apresenta uma sala estreita (cômodo h), separada da cozinha, (cômodo k), por uma fundação baixa, na qual havia as bases de três pilares; o acesso à sala era feito pelo pátio da casa, ao invés da cozinha, e ali se cozinava de fato, enquanto o braseiro da “cozinha” era utilizado para esquentar o local no inverno, já que não foram encontrados ossos ou equipamento para cozinhar nos braseiros. Vários artefatos foram encontrados na sala estreita, como equipamentos de cozinha, além de variedades como vasos de mesa, terracotas, entre outros, o que mostra que a sala não era apenas usada para cozinhar, mas como local de armazenagem (Cahill 2002:90).

Junto a essa sala e à cozinha, existia um pequeno cômodo (g), com chão de terra batida, onde foram encontrados fragmentos de uma banheira – cômodos semelhantes continham banheiras inteiras, ou os buracos de onde elas foram removidas. No geral, o complexo da cozinha possuía diversas funções, como atestado pelos artefatos encontrados, nos ambientes divididos (Cahill 2002:90).

Uma partição de pilares semelhante à encontrada no complexo da cozinha foi encontrada do lado norte da casa, separando dois cômodos (a,b) no lugar de uma parede; um dos ambientes era descoberto, provavelmente para a saída de fumaça, e para a entrada de luz, visto que a Casa das Muitas Cores possui um dos menores pátios externos da amostra em Olinto (Cahill 2002:90-91). O cômodo b possuía chão de terra batida e paredes rebocadas, mas aparentemente houve uma reforma, com substituição por um piso com mosaico e paredes pintadas de modo mais refinado, quando a cidade foi tomada por Filipe (Cahill 2002:91).

Com a reforma concluída, esta sala seria a mais elaborada da casa, e mesmo durante tal processo, o cômodo consistia em um local de trabalho importante, visto a grande quantidade de pesos de tear encontrada (75 unidades, no total), entre outros artefatos ligados à produção de tecidos (Cahill 2002:91). Diversos vasos utilizados por mulheres jaziam no ambiente - assim como copos em miniatura, usados em rituais – outra atividade associada com o universo feminino (Cahill 2002:92).

O *andron* ficava no canto nordeste da casa, consistindo em uma sala quadrada, de 4,71m de lado; o chão era acimentado e possuía uma borda de cimento amarelo, e o centro do piso era feito de pedaços de mármore aplicados no cimento. A entrada era feita por uma antessala relativamente grande, porém, as passagens não foram preservadas, poucos artefatos foram encontrados nesse ambiente – assim como em outras casas de Olinto (Cahill 2002:93). Entretanto, fragmentos sugerem a presença de louças designadas para o simpósio, como pratos e crateras.

Uma das características únicas d'A Casa das Muitas Cores é a exedra, ao sul do pátio, aberta para ele por uma colunata. A exedra formava uma espécie de *pastas*, talvez a substituindo em alguns aspectos; um pouco abaixo do nível do piso da exedra, existia uma sala de armazenagem, na qual havia ao menos quatro *pithoi*, cujo conteúdo não foi preservado. Vestígios de um segundo andar são quase certos, conforme a base para os degraus de escada e as partições de pilares existentes na planta da residência (Cahill 2002:94).

O autor coloca que as atividades documentadas n'A Casa das Muitas Cores são consistentes com o descrito nas fontes literárias, e elas seriam espacialmente organizadas,

como documentado pelas amostras de artefatos encontrados. Contudo, muitos cômodos possuíam mais de uma função; a casa não revela a presença de oficinas cuja produção fosse além do contexto doméstico, o que sugere que a principal fonte de renda da residência era a agricultura (a ocupação primordial e mais favorecida entre a maioria dos cidadãos gregos). Também é possível distinguir uma divisão espacial de gênero, nessa habitação, visto a existência de espaços isolados para o trabalho das mulheres, e do próprio *andron*, cuja entrada parecia vir direto do hall (Cahill 2002:97).

Outro exemplo é a Casa do Comediante, uma das casas de melhor construção e uma das mais elaboradas de Olinto, com três mosaicos, quatro cômodos com paredes pintadas, trabalho talhado nas pedras no muro da rua, entre outros elementos luxuosos; a planta da rua não é clara e não é possível definir a posição da Casa do Comediante na grade urbana, mas provavelmente ela pertence ao plano da Colina Norte, ao invés da Seção Villa, e parece ser uma das primeiras casas do sítio (final do V séc. a.C. ou início do IV séc. a.C.) (Cahill 2002:137).

Existe a possível evidência de um segundo andar, devido à partição de pilares no complexo da cozinha (bem similar à Casa de Muitas Cores); há um pátio bem construído, com vestígio de um altar no centro do espaço; a *pastas* e o pórtico estavam bem conservados e neles foram encontrados mais artefatos que no pátio. O complexo da cozinha é bem definido, com muitos objetos de uso doméstico, ânforas de armazenamento e louças de mesa finas (Cahill 2002:138-139).

Os cômodos a norte eram utilizados para armazenagem, conforme indicam os buracos de *pithoi* no solo; a casa tinha um andron pequeno com mosaico e paredes pintadas, além da presença de um grupo não usual de vasos – mostrando a substituição do espaço do simpósio pelo de culto, ou seja, uma dupla função do espaço. O cômodo parcialmente preservado, a sul, seria uma loja, de acordo com os artefatos ali encontrados (Cahill 2002:140-141). A Casa do Comediante seria regular na planta, porém, com muitos elementos singulares (Cahill 2002:142).

As distintas casas da amostragem de Olinto revelam a versatilidade do design da casa bem padronizado; apesar da planta, o espaço doméstico era arranjado e utilizado de formas diversas, individualmente, ou seja, ele poderia ser usado para diferentes funções.

Muitas habitações de Olinto não eram especializadas arquitetonicamente, portanto, a construção não dizia como os moradores da residência utilizavam o espaço, ou como o percebiam; os diferentes tipos de ambientes domésticos, em Olinto, apresentavam vários tipos de artefatos, em casas distintas, evidenciando que eles eram usados para diferentes fins (Cahill 2002:148-150).

Lisa Nevett aponta que a maioria dos artefatos de Olinto foi encontrada nas casas e lojas – na maioria dos casos, as lojas eram contíguas às casas, e mesmo acessadas por elas – e tal variedade de achados, embora apresente certa fragmentação, permite ao pesquisador construir uma imagem coerente de algumas características comuns a muitas residências da cidade. (Nevett 1999:67-68). Além disso, essa diversidade de tipos de objetos em muitos dos cômodos individuais apoia a sugestão de que eles eram multifuncionais, tanto na ocorrência simultânea de várias atividades, quanto no sentido de que as diversas tarefas aconteciam ali, em diferentes horas do dia, em diferentes estações do ano – assim, seria equivocado designar uma função única a qualquer área em particular (Nevett 1999:68).

Quanto à divisão de espaços por gênero, segundo a visão ideal do domicílio contida nas fontes literárias (vide Pesando), Cahill coloca que as tentativas de verificar essa distinção somente na arquitetura teriam sido sem sucesso, portanto, a chave seria verificar os artefatos que indiquem a presença feminina (Cahill 2002:153). Por exemplo: na Grécia Antiga, o processamento dos grãos para consumo era feito pelas mulheres, e pedras de moagem e trituração foram encontradas em várias casas de Olinto, tanto para grãos, quanto para o processamento de azeite; as evidências mostram que referidas tarefas eram feitas no chão, sem um local ou cômodo definido para elas – já que as pedras de trituração/moagem eram movidas para onde conviesse, e a maioria teria sido achada onde eram guardadas, e não utilizadas (Cahill 2002:164-165).

Outra atividade de cunho feminino na Grécia Antiga era a tecelagem, para produção de tecido para vestuário, roupas de cama, entre outros (Cahill 2002:169). Em contraste com o *andron* - que seria o espaço masculino, segundo as fontes escritas, embora os estudiosos o considerem o cômodo destinado ao simpósio (Cahill 2002:180) – não existe *gynaikon* identificável: para Nevett, como os artefatos ligados à atividade feminina estão presentes em vários espaços, incluindo pátio e *andron*, o trabalho das mulheres era

espalhado largamente pelo contexto doméstico, ao invés de limitado ou restrito a uma parte específica da casa (Nevett 1999:71).

Além disso, as evidências arquitetônicas sugere que, longe da casa possuir divisão de gênero, como é assumido geralmente, os diferentes espaços das habitações em Olinto eram integrados, a partir do pátio, e há pouca evidência que reforce a ideia de que homens e mulheres viviam separadamente (Nevett 1999:72).

A respeito da relação com a grade hipodâmica, embora esta dê a impressão de regularidade ao assentamento, existe de fato uma variação entre as casas quanto à área ou “quantidade de chão” que ocupam, ou seja, há diferença no tamanho dos lotes das residências em várias partes de Olinto (Nevett 1999:75) - o que Cahill reafirma ao citar as grades urbanas “desconexas” da cidade, quando descreve os setores residenciais abordados em sua obra. Desse modo, segundo Nevett, as análises arquitetônicas e artefatuais do registro arqueológico de Olinto sugerem que a organização do ambiente doméstico era mais complexa e menos padronizada do que aparenta, inicialmente (Nevett 1999:79).

Com o exemplo de Olinto e dos estudos e observações feitos pelos autores citados nesta seção, buscamos mostrar a metodologia e a linha de análise do pesquisador em relação à casa, em especial a casa no contexto grego antigo, já que se trata do nosso tema de pesquisa. A intenção do presente trabalho é apresentar dados arquitetônicos e artefatuais das casas dos locais abordados no Mediterrâneo Ocidental e, justamente por isso, cabe abordar as casas do Ocidente grego, na Magna Grécia e Sicília, para uma breve comparação.

1.3: CASAS DO OCIDENTE GREGO

As fundações gregas do sul da Itália possuem características específicas que as diferem das demais cidades gregas do continente, e mesmo das fundações do Mediterrâneo Ocidental. A primeira *apoikia* grega fundada no Mediterrâneo Central foi

Pitekoussai, ou Pitecusa (conforme padronização Labeca), hoje a ilha de Ischia, no sul da Itália; aproximadamente de 170 anos depois, Massália e as demais *apoikiai* focéias que abordamos neste trabalho foram fundadas; ou seja, a cerca de 100 a 125 anos depois da fundação de diversas cidades gregas ao longo da costa do sul da Itália e da Sicília. Nesse caso, a pólis enquanto instituição ainda estava em vias de desenvolvimento, o que por si indica que não podemos analisar o caso das *apoikiai* focéias na mesma perspectiva aplicada às fundações gregas anteriores, na Itália (Dietler 2010:105).

Além de mais tardias em relação às outras cidades, Massália e as demais *apoikiai* focéias eram bem menores em extensão e menos concentradas na região do Mediterrâneo Ocidental, com um equilíbrio de poder bem diferente junto aos povos locais (não gregos): o contexto político de tais pólis não envolveu nada similar ao histórico violento de conflitos e destruição entre *apoikiai* gregas rivais entre si, e em relação aos não gregos do sul da Itália e Sicília (Dietler 2010:105).

Desse modo, mesmo Eleia/Velia, a mais tardia de todas as *apoikiai* focéias, mesmo localizada no sul da região da Campânia, na Península Itálica, possui uma particularidade; segundo Jean-Paul Morel, trata-se de uma cidade focéia, porém, na Magna Grécia - e apesar de ser uma cidade da Magna Grécia, é singular por sua origem focéia. Muitos dos aspectos de sua cultura material e espiritual são menos orientados para o contexto da Magna Grécia, do que para o contexto local do sul da Campânia, propriamente dito (Dietler 2010:107).

Quando desembarcaram na Sicília, na segunda metade do século VIII a.C., os gregos encontraram os sítios já ocupados pelos não gregos, e como no caso de Siracusa, seguiu-se uma destruição do vilarejo sículo que lá existia; um caso diferente é o de Mégara Hibleia, que estaria deserto quando foi cedido aos megarenses quando chegaram (Gras & Tréziny 2005:23).

De fato, de acordo com a documentação, o exemplo mais antigo de fundação grega na Sicília é o de Mégara Hibleia (fim do século VIII/início do século VII a.C.), com a cidade em ínsulas definida por uma rede de ruas retas, porém irregular; um pouco mais tarde, a maioria dos assentamentos possuiria grade urbana e adotaria o arranjo regular e ortogonal para as ruas, padronizando lotes quadrangulares, segundo Nevett (1999:128).

As primeiras casas coloniais do VIII séc. a.C. também eram quadrangulares (4,50m x 4,30m), com braseiro/lareira no interior e espaço aberto, ao sul, além de unicelulares, com ampliação a partir do VII séc. a.C. A base era calcária, com terra batida no chão e espaços abertos alinhados conforme a orientação da estrada, o que supõe o plano de distribuição da terra (De Miro 1996:18-19). Os lotes das casas iniciais eram definidos por muros, e no caso de Agrigento, as primeiras casas tinham bases quadrangulares talhadas na rocha e eram, em sua maioria, habitações de cômodo único (Nevett 1999:129). Segundo De Miro, algumas das casas de Agrigento era semelhantes às de Olinto, na articulação dos espaços internos (De Miro 1996:30).

A importância das casas do sul da Itália e Sicília (nesta última, se encontra a maioria das casas gregas) está no estudo da variabilidade, em relação à Grécia continental, pelo contato dos gregos com não gregos, cartagineses, romanos, entre outros; Himera seria a fundação com maior número de evidências (Nevett 1995:103), principalmente no que concerne ao V século a.C. (a fundação da cidade ocorre em 648 a.C., pelos gregos de Messina).

Com três fases principais de ocupação, o período relativo ao V século a.C. consiste na segunda fase do assentamento, de reconstrução, após uma aparente destruição; tal reocupação teve base em orientação norte-sul e uma grade urbana regular, e suas casas eram arranjadas em blocos de ruas paralelas ou ínsulas, com a presença de bases de degraus sugerindo a existência de segundo andar (Nevett 1999:129-130). Através do tempo, as divisões entre as casas de Himera se tornavam gradualmente irregulares, por esta razão não é sempre óbvia a localização das paredes divisórias entre as casas individuais – além de existir subdivisões nas construções (Nevett 1999:131).

Juntamente com as casas de Gela - do mesmo período cronológico, ou seja, o V século a.C. – as habitações de Himera sugerem que o layout doméstico era menos padronizado que o observado nas casas do continente (Nevett 1999:135), apesar do menor número de amostras do sul da Itália e Sicília (Nevett 1995:104). Contudo, a urbanística grega da Sicília reúne experiências e saberes de gregos provenientes de diversos ambientes culturais, e o que os imigrantes realizaram não existiu concretamente na Grécia continental; na costa da Sicília oriental, como provavelmente na Magna Grécia, estavam presentes todas as condições essenciais à experimentação (Gras & Tréziny 2005:27).

De fato, uma dessas inovações seria o surgimento da casa a *pastas*, que seria um aspecto singular da arquitetura doméstica na Sicília, segundo Cordsen (1995:103). Já no século VII a.C., este seria um tipo arquitetônico que demonstraria prestígio, segundo a autora, antes de tornar-se um tipo de casa mais comum nas *apoikiai* gregas, no século seguinte. De Miro coloca que no VI século a.C., já é documentado um desenvolvimento da unidade habitacional na Sicília, articulada em dois ou mais vãos que se ligam através de um corredor transversal; segundo o autor, a tipologia planimétrica sugere um embrião de casa a *pastas*, simples e funcional (De Miro 1996:23).

Conforme Cordsen, a casa a *pastas* surge primeiramente em Mégara Hibleia, em uma casa com dois cômodos próximos unidos por um terceiro; a casa tipo *pastas*, no final da primeira metade do VII século a.C., seria voltada para leste, o que a distinguiria dentre as outras da cidade – já que a maioria estaria voltada para o sul – e além disso, sua localização estaria em uma rede viária bem definida (Cordsen 1995:105). De Miro cita como exemplos de casa a *pastas*: a Casa 3,5 de Mégara Hibleia; a Casa 1 de Naxos; o hábitat arcaico da colina de Manuzza, em Selinunte; e um grupo de casas de Monte S. Mauro di Caltagirone, um centro isolado de tipo grego, o qual abordaremos com mais detalhes (De Miro 1996:23).

Em Naxos, o plano urbano de época clássica ressurgiu e é concluído no V século a.C., da reconstrução de Hierão de Siracusa ao primeiro decênio do V século, até a destruição da cidade em volta de 403 a.C., por obra de Dionísio; as casas eram modestas, com esquema de pátios articulados, quadrangulares, e com acesso à rua. Além disso, eles não ficavam ao centro, mas ao sudeste das casas, que eram dispostas em blocos organizados em *plateiai* e *stenopoi* (De Miro 1996:26-27). Entretanto, a casa tipo *pastas* dataria do VII século a.C., constituindo três cômodos unidos por outro, também voltado para leste; não existem vestígios que indiquem a função dos cômodos no nível arcaico, porém, há indícios de reformas no século VI a.C., e a presença de cercas; não é possível determinar a posição da casa a *pastas* na planta da cidade (Cordsen 1995:106-109).

Monte S. Mauro de Caltagirone, um centro grego, ou segundo Cordsen, um assentamento século helenizado, visto que a partir do VII século a.C., passa a ser fortemente influenciado pelos gregos. Trata-se de uma pequena aldeia de montanha, com cerca de quatro casas de tipo *pastas*, ocupadas do fim do século VII a.C. até o século V a.C.; as casas parecem ajustadas às necessidades de seus moradores, e por isso

apresentam diferenças entre si. Apenas a Casa 2 possui pátio fechado e somente uma delas é retangular, as outras são trapezoidais – a autora ainda coloca que o contexto das casas de Monte S. Mauro é diferente daquele das casas de Mégara Hibleia e Naxos, visto que nas duas colônias, as casas a pastas seriam muito únicas, enquanto no assentamento de Monte S. Mauro elas formariam um quarteirão bem definido da aldeia (Cordsen 1995:109-114).

Em Morgantina, próxima a Monte S. Mauro, com a destruição do hábitat arcaico em 459 a.C. e a reconstrução da cidade na segunda metade do IV século a.C., um plano ortogonal “per strigas” foi adaptado ao terreno irregular do local, e neste a casa aparece como estrutura fechada, com vãos internos distribuídos ao redor do pátio, em um estilo a peristilo (De Miro 1996:37).

Em resumo, na Sicília, a casa grega de tipo *pastas* seria relacionada à representação de certo status, mas tal período se extingue e essa tipologia se torna comum, porém não tão difusa na Sicília, como na Grécia continental do período Clássico (Cordsen 1995:118). Durante o período Arcaico, há a tendência a agregar espaços por justaposição na organização do espaço doméstico, e no período Clássico, existe uma continuidade da tendência anterior, além de outra tendência mais orgânica, que consiste na estrutura em torno do espaço aberto central (De Miro 1996:40).

No caso da Magna Grécia, Barra Bagnasco (1996:43) coloca que a disponibilidade de documentação suficiente para um discurso orgânico da casa na região não é uma realidade; a análise funcional da distribuição dos ambientes é difícil, devido à falta de conservação dos vestígios e da falta de elementos para qualificação, além da impossibilidade de atribuição de apenas uma função a algum ambiente da casa. Segundo a autora, é comum a existência de documentos sobre os complexos habitacionais, mas isolados do contexto original, mais amplo – sendo raras as exceções (Barra Bagnasco 1996:44).

Uma dessas exceções é a *apoikia* focéia de Eleia (da qual trataremos melhor no capítulo 2), citada como um dos sítios onde a documentação e os vestígios estão melhor conservados, com a presença de construções essenciais de um ou dois cômodos de dimensões reduzidas (Barra Bagnasco 1996:44). Além disso, entre algumas casas simples da cidade de Siris, na Lucânia, há uma casa da segunda metade do VII século a.C., na qual observamos uma planta maior e mais complexa, com três ambientes unidos

em um espaço alongado, com um esquema semelhante ao da casa a *pastas* (Barra Bagnasco 1996:45), que parece indicar o mesmo tipo de diferenciação social percebido em Mégara Hibléia (Cordsen 1995:117).

Em Pitecusa e Síbaris, a documentação recai sobre pequenos quarteirões de casas que eram também oficinas – metalúrgicas na cidade eubóica, ceramistas no centro aqueu; assim, as soluções adotadas para organização do espaço doméstico variavam, no âmbito do espaço em geral (Barra Bagnasco 1996:45). Um elemento essencial da casa na Magna Grécia, assim como na Grécia continental, é o espaço descoberto, que podia ser ampliado e assumir forma e colocações diferenciadas; trata-se de um espaço fundamental para os moradores, visto as funções que poderia assumir, além das questões da iluminação e da privacidade (Barra Bagnasco 1996:46).

Na maioria das póleis da Magna Grécia (com a exceção de Eleia) a construção do edifício privado era ligada à relação material/técnica; para as casas, os materiais eram mais variados, e mais simples, com muito uso de telhas de todas as medidas e formas, pedras, calcário e adobe (Barra Bagnasco 1996:64).

Para concluir, a autora reforça que a documentação disponível é insuficiente para afirmar algo definitivo sobre a importância das diferenças sociais e quais os elementos discriminantes na escolha de determinado tipo de casa; para a Magna Grécia, é impossível definir ou determinar um tipo ideal de residência, para qualquer período (Barra Bagnasco 1996:66).

Quanto às casas rurais do sul da Itália e da Sicília, segundo Lisa Nevett, estes seriam sítios tratados separadamente, devido à maior variação em seu padrão de organização, em relação aos sítios urbanos; além disso, o isolamento das casas rurais levaria à sua falta de padronização, visto que as pressões sociais que cercam o molde da residência urbana não se aplicariam às casas de campo (Nevett 1999:151). A autora ressalta a pouca padronização nas casas urbanas do Ocidente grego, em relação à Grécia continental (e também nas casas rurais), o que impediria seu agrupamento em categorias tipológicas (Nevett 1999:153).

Mas, e a casa focéia? Como podemos defini-la ou categorizá-la, dentro do que agora conhecemos dos contextos da Grécia continental, e do Ocidente grego? Será possível encontrar um modelo próprio do espaço doméstico focu, em suas *apoikiai* do

Mediterrâneo Ocidental? No próximo capítulo, abordaremos cada uma delas, assim como suas casas, expostas no catálogo anexo; a partir daí, poderemos chegar a alguma conclusão.

CAPÍTULO 2

A CASA FOCÉIA

2.1: MASSÁLIA, TERRA DE EXPLORADORES

Massália possui uma dinâmica interessante no desenvolvimento e ampliação do território: conforme Tréziny (1995:43), a primeira ocupação ocorreria na região da colina São Lourenço, espalhando-se na direção da colina dos Moinhos e depois, na região da colina das Carmes, para então, além de estender ao norte, buscar mais espaço urbano na região da Bourse.

Entre 540 – 530 a.C., a cidade passaria por algumas reformas, na tentativa de organizar o espaço urbano, de forma a acomodar os novos contingentes de colonos que chegavam ao território massaliota: uma das hipóteses para a redistribuição e reorganização do espaço, de modo a acomodar novas habitações em grandes muros terraceados, que se estendem à medida que a cidade avança em direção ao norte, seria o recebimento de alguns dos gregos fugitivos de Focéia, após a batalha de Alalia, enquanto outro contingente fundaria Eleia, na Península Itálica (Tréziny 1995:43).

Podemos observar nessa dinâmica como a necessidade de morar repercute de forma direta no ato de ocupar um território, e consequentemente, na formação de uma identidade; em ambiente de constante contato com diferentes povos – fenícios, etruscos, e os celtas, sendo que os habitantes mais próximos da cidade eram os sálios, considerados lígures (a Ligúria se estendia do leste de Massália até o norte da Itália, avançando em território etrusco) – tal tendência se mostrava mais presente, mas como veremos mais à frente, não ocorre uma tentativa intencional de “helenização” dos povos não gregos (Dietler 2010:75-83).

O sítio de Massália foi ocupado no período Neolítico na direção da colina São Carlos (área da atual rua Bernard-de-Bois) e foi massivamente frequentada na Idade do Bronze Média (1500-1300 a.C.), como provam diversos achados cuja datação é anterior à 600 a.C., data atribuída à fundação da cidade pelos focéus. Os únicos sítios que parecem ter ocupação anterior à 600 a.C. encontram-se a oeste da cidade, na direção do Ródano, talvez até Saint-Blaise; na direção leste, o sítio mais importante é Baou de Saint-Marcel,

no meio do vale do Huveaune, que se desenvolve a partir de 575 a.C. (Collin Bouffier *et al.* 2010:134).

Com o contato com os gregos, os nativos do local passavam a ressignificar os objetos e práticas trazidos por eles, portanto, não é possível falar em um processo de helenização, devido à alta exigência de tais povos em relação ao que poderia ser apropriado material e culturalmente (Dietler 2010:68). No caso dos edifícios habitacionais, diversos assentamentos ao longo da costa da hinterlândia massaliota começaram a empregar as fundações de pedra como técnica – embora vários outros continuassem a construir casas do modo tradicional, em cabanas com pilares, por gerações. Tijolos de barro constituíam o principal material de construção de paredes sobre as fundações de pedra, na zona litorânea, porém, o uso de pedras e o método “pau a pique” permaneciam como a principal técnica de construção no interior (Dietler 2010:267).

Gantès (1992:72) divide o desenvolvimento de Massália em diferentes fases, em três períodos principais: o Arcaico (composto de quatro fases); o Clássico, e o Helenístico. Para este trabalho, importam as cinco primeiras fases, correspondentes aos períodos Arcaico e Clássico. Em cada uma delas, as casas tiveram seu destaque, conforme dados a seguir:

Na primeira fase (600-580 a.C.), as escavações realizadas na esplanada superior do Forte São João, ao pé da colina São Lourenço, e no alto da Rua da Catedral mostram que provavelmente as primeiras instalações da *apoikia* focéia foram feitas em terreno não ocupado anteriormente; tal implantação urbana teria sido muito limitada, e as casas estariam localizadas no presente distrito de Panier e nos arredores da atual igreja de São Lourenço (Gantès 1992:75).

O espaço de 90m² justaposto à base da igreja revela as habitações arcaicas que constituem exemplo de arquitetura doméstica mais antiga de Massália: duas casas construídas em pedra calcária e tijolos de barro (Rothé 2005:317), seus muros orientados conforme o eixo da Colina São Lourenço, um aglomerado rochoso que se estende de nordeste ao sudeste em 325m, e que ultrapassa em 20m o mar e o porto antigo (Gantès 1992:75).

A primeira casa, mais conservada, tem pelo menos cinco cômodos, somente três puderam ser parcialmente descobertos; a soleira da porta da rua, conservada, está situada a nordeste da casa (Rothé 2005:317), onde atividade doméstica de cerca de 600 a.C. foi atestada, entre outros objetos, pela presença de um recipiente culinário em molde indígena, escuro, com tampa em pasta clara (típica da cerâmica massaliota) em uma das salas retangulares (2,50m x 1,70 m) da habitação focéia (Gantès 1992:75). As paredes possuem fundação de pedra, e uma elevação em terra; uma parede de tijolos de barro foi descoberta (tijolos de 44cm x 34cm); uma parte do muro de tijolos de barro cedeu, formando um depósito (Rothé 2005:317).

A segunda casa, um pouco deslocada para sudeste, é bem menos conservada; nota-se a presença de um local para acender o fogo no canto de um dos cômodos. Um muro foi construído a nordeste, e a datação da casa foi determinada pela presença de fragmentos de ânforas etruscas e gregas, importadas (Rothé 2005:317).

No sítio da Rua da Catedral, a 260m ao norte, é possível recolher mais dados sobre os modos de construção e a evolução do espaço construído nesse quarteirão da acrópole entre 600-580 a.C., no cume rochoso da Colina São Lourenço, com vista para o mar. Ali, destacam-se duas casas com postes de madeira, de planta retangular (6,70m x 5.00m, com orientação norte-sul/leste-oeste).

Uma estrutura de cozimento em argila avermelhada de 2.00m x 1.00m rodeada de tijolos de barro está no canto nordeste de uma dessas construções. Há bases em pedra de outra casa, de orientação sudeste/nordeste – também comprovada pelos buracos de pilares e vestígios de fornos de barro domésticos. Na parte oeste do local, há uma construção quadrangular (3.60m x 3,50m), do final do primeiro quarto do VI século a.C. sobre uma habitação precedente; a leste, uma sala de convívio é marcada em seu centro por uma lareira oval de 0,70 m x 0,90m enquadrada por buracos de estacas (Gantès, 1992: 75).

Na segunda fase (580-540 a.C.) de construções, as habitações, assim como a cidade, estendem-se ao norte, em direção da atual Vieille-Charité, e sem dúvida, sobre a colina dos Moinhos, em sua encosta oeste, formando um plano ortogonal no distrito de Panier (Tréziny 1995:50). No interior da igreja de São Lourenço, no corredor norte, foi colocada em evidência uma estrutura oca (2,52m x 0.94m), com dois buracos de pilares

em seu lado norte, distantes 1,8 metros. Preenchendo a estrutura (que seria o vestígio de uma casa) em uma camada superior, há numerosos fragmentos de adobe e lascas de calcário, e na camada inferior, vestígios mínimos de ânforas massaliotas (Rothé 2005:318).

No sítio da Avenida Vaudoier, cerca de 7m a nordeste da Rua da Catedral, foram descobertas camadas de depósitos de habitações, datadas do segundo quarto do século VI a.C.; um muro de terraceamento (danificado no século XIV) foi construído na borda da falésia com vista para o mar, para apoiar uma casa que descendia da Colina São Lourenço para a Colina dos Moinhos (Gantès 1992:75).

A terceira fase de construção (540-520 a.C.), corresponde a um reforço das primeiras instalações, indubitavelmente feito pelos foces que deixaram sua cidade-mãe, tomada pelos persas, a partir de 540 a.C.; nessa época, a cidade possuía uma superfície de 30 hectares, segundo Tréziny (1995:51). A reestruturação do espaço é feita pela implantação de dois muros de terraceamento (construídos em blocos de pedra calcária branca), de orientação norte-sul, para disposição das habitações sobre eles, visto a necessidade de remodelar o espaço devido ao aumento demográfico (Rothé 2005:419).

A quarta fase (520-480 a.C.) é marcada pela concretização da urbanização de Massália, devido à construção de uma série de casas no terraço superior da fase anterior e da edificação de uma cabana de planta quadrada no terraço inferior, no qual três pequenos cômodos foram erigidos contra a face leste do muro do terraço superior. A casa de planta quadrada apresenta uma estrutura de cozimento composta de três tijolos de barro; essa cabana se volta contra a face oeste do muro de terraceamento e é construída sobre uma fossa – provavelmente ligada a um rito de fundação. Há uma segunda fossa, de menor dimensão, onde foram encontrados ossos de animais (ovicaprinos jovens) depositados como oferenda (Rothé 2005:420).

Segundo Gantès (1992:77), nesse período Massália toma características de *pólis* devido ao processo de urbanização e aos processos relacionados com seu papel econômico, além do aumento das redes de troca e contato (produção de ânforas massaliotas arcaicas, para o armazenamento e transporte de vinho). Ao fim do VI século a.C., a cidade se estendeu a leste, até a região de La Bourse (área pantanosa) e a colina

das Carmes; um novo bairro ortogonal foi construído, na área da atual Grand-Rue, conferindo à cidade a superfície de 40 hectares (Tréziny 1995:51).

A época clássica (480-330 a.C.) manteve as mudanças na paisagem urbana, ao longo do século V a.C.; o tecido urbano parece densificar, perdurando o modo de estabelecimento de habitações em terraços, principalmente na atual Rua da Catedral e no sítio da Rua Négrel; as casas conhecidas, dessa época, foram construídas em calcário branco (Gantès 1992:79). De acordo com as evidências arqueológicas no primeiro sítio citado, a dinâmica urbanística permanece viva entre 425 e 350 a.C., principalmente nos polos de habitação da ilha de la Major e na colina São Lourenço (Rothé 2005:434).

A descoberta de poços e edifícios domésticos datados do século IV a.C. predominam no primeiro, e na colina São Lourenço, as casas do terraço da base do terreno sofrem algumas mudanças, outras são desocupadas e substituídas, sendo tais mudanças realizadas no IV século a.C.. Uma das casas, com paredes novas de divisão interna, e um cômodo na parte ocidental com 6m de comprimento, possui dimensões pouco comuns no hábitat privado clássico de Massália, indicando, talvez, uma casa privilegiada (Rothé 2005:436).

Segundo Dietler, desde o princípio não existe uma orientação singular, ou própria de uma grade ortogonal geral que organizaria o tecido urbano de Massália. Ao invés disso, a diversidade de orientações de prédios e ruas, que consiste em cinco sistemas diferentes, conforme registrado por Moliner (somente no período Arcaico) indica a adaptação local à topografia diversa, já que o processo de urbanização se adequa ao terreno irregular, baseado na ocupação de terraços murados. A situação geral é heterogênea, com tendência à emergência de zonas funcionais, as quais se moviam conforme a expansão da pólis (Dietler 2010:313).

O padrão menos discernível é o relativo aos níveis da fundação, no início do VI século a.C., e depois o novo conjunto de orientações seguia a primeira ortogonalidade do distrito de Panier; os principais eixos da cidade se tornaram fixos durante o período Clássico, e as novas áreas ao norte seguiram tal orientação, com a organização geral em quatro padrões, e seus ajustes (Dietler 2010:313).

Massália não era regular (segundo o padrão “hipodâmico”), e sim o que Tréziny chamou de “heterogeneamente regular”, ou seja, irregular quando considerado em um

todo, mas regular dentro dos detalhes de vizinhanças específicas (Dietler 2010:292). O mesmo é válido para Empórias, mas Ólbia e Agde, as colônias helenísticas de Massália, seguiam um plano ortogonal regular, conforme escavações realizadas *in situ* (Dietler 2010:317).

Voltando às casas, além de contribuir para o desenvolvimento orgânico da cidade, enquanto ambiente construído, a organização do espaço doméstico e o repertório de equipamentos residenciais, além dos fatores de armazenagem e cozimento, além da performance de atividades manuais pela casa ajudam a reconstruir os detalhes da vida diária (Dietler 2010:259). O mais comum são as unidades multifuncionais, de um cômodo, para as casas nativas e gregas, pois no contexto indígena, casas com cômodos múltiplos não aparecem até o V século a.C.; o tamanho das casas não variava muito, mesmo com a mudança de material de construção, a priori (Dietler 2010:276-277).

Em algumas casas massaliotas, é possível averiguar pistas de possíveis relações maritais entre gregos e locais; um exemplo seriam as casas mais antigas da cidade, encontradas na colina São Lourenço (vide ficha 01 do catálogo), na qual foram achados um bracelete de bronze indígena e uma urna com elementos etruscos e gregos (Dietler 2010:114).

Em nosso catálogo, reunimos 13 fichas de casas e habitats referentes aos períodos Arcaico e Clássico, para Massália; embora os vestígios sejam pouco conservados, na maioria das vezes, é possível perceber as várias camadas de ocupação de diversos lugares - vide ficha 13, por exemplo, no qual há menção à habitação do terreno abordado, do período Arcaico até a conquista romana.

Também podemos acompanhar as mudanças e reformas de vários habitats ao longo do recorte cronológico escolhido, portanto, mesmo com os poucos exemplos dados, é possível verificar parte do processo de transformação do espaço doméstico em Massália, tanto para o período Arcaico, quanto para o Clássico, e a continuidade da dinâmica urbana ao longo do tempo. Ao nosso olhar, é clara a participação da organização do espaço doméstico para a configuração do tecido urbano, e também para sua especialização.

No referente às casas, Massália não possui muitos vestígios completos, porém, conforme Rothé (2005) e Tréziny (1995) é possível - através dos achados e do

posicionamento das paredes e muros, tanto das casas como dos terraços onde a maioria se encontrava – dizer um pouco sobre como os moradores de Massália viviam, naquela época, e como suas casas serviam tanto como local de descanso como de trabalho, além de funções ritualísticas e armazenagem de ânforas, especialmente de vinho, como é documentado nas fichas referentes às habitações massaliotas.

2.2: EMPÓRIAS, ENTREPOSTO DE CONTATO GRECO-IBÉRICO

Em Empórias, os focos teriam seguido o mesmo padrão de *apoikismo* de Massália; Palaiapolis situa-se na atual ilhota de Sant Martí d'Empúries, na desembocadura do rio Fluvià (Massália foi fundada no delta do rio Ródano, no sul da França), para facilitar a defesa do assentamento, utilizar o local como um porto, e facilitar a penetração dos gregos ao interior do território (Vilaseca 1998:20). Escavações realizadas entre 1994 e 1995 atestam que o sítio de Palaiapolis era ocupado por indígenas quando os gregos ali chegaram, e isto teria permitido um intenso contato entre a população indígena desde o primeiro momento; a grande presença de cerâmicas massaliotas indica um forte vínculo entre Massália e Empórias já na segunda metade do VI século a.C.. Ao longo do século V a.C., há uma diminuição na frequência de tal cerâmica, o que indica um refreamento considerável das relações econômicas entre as duas cidades. (Vilaseca 1998:20).

Da primeira ocupação grega (período Arcaico), os vestígios indicam ambientes modestos, de planta retangular, grandes casas e pavimentos de argila compactada. Na época clássica, Empórias possuía entre 3 e 4 hectares, criando, ao longo do século V a.C., uma área de influência direta, que se estenderia pela costa até a atual Andaluzia, formando uma *khóra* emporitana (Vilaseca 1998:20). As fundações arcaicas, correspondentes a 580-540 a.C., foram encontradas nas escavações de dois locais de Sant Martí d'Empúries: a Praça Maior e o sítio entre as ruas Francesa e Corral (Aquilué *et al.* 2002:309).

Na Praça Maior, as estruturas mais antigas do assentamento arcaico são restos de fundações, construídas com pedras, ligadas por barro e adobes, os quais pareciam delimitar os ambientes de planta quadrangular – sem dimensões completas conhecidas. Os dados disponíveis indicam uma finalidade essencialmente doméstica para tais

estruturas, identificando em seu interior solos formados de várias camadas de argila (Aquilué *et al.* 2002:311). Tais descobertas pertencem à terceira fase de escavação, visto que a área de Palaiapolis fora habitada pelos indígenas desde o final da Idade do Bronze (950 a.C.), as estruturas arcaicas apresentando-se de modo bem distinto pela planta retangular (Aquilué *et al.* 2000:28).

No terreno do solar da Rua Corral, observa-se a iniciativa de ordenação e sistematização do espaço, condicionada pela topografia do promontório – hoje mascarada pelas construções modernas da atual cidade. Verifica-se a continuidade da rua ou passeio, em orientação leste/oeste, que conduzia ao alto do promontório, no período Arcaico; o uso dessa via ao longo da segunda metade do século VI a.C. e durante o V século a.C. indica a ocupação de Palaiapolis enquanto o novo núcleo de Neápolis era desenvolvido. Os estratos superiores de abandono, que cobriam parcialmente os vestígios das casas, permitem definir o fim desse assentamento pelo final do século V a.C. até o início do IV século a.C. (Aquilué *et al.* 2002:313).

As estruturas do terreno da Rua Corral continuam, em sua grande maioria, embaixo da atual rua, no entanto, alguns dos ambientes e habitações que se estendiam ao norte da antiga via são conhecidos: as paredes conservadas mostram um alinhamento de ambientes dispostos em terraços, de acordo com o desnível da rua; as habitações possuem planta retangular, sendo bem compridas em relação à pequena largura, de aproximadamente 2,40m. A longitude dos cômodos chega a ser superior a 6m, a julgar por vestígios de muros a norte da área escavada, poderia chegar aos 8,5m ou 9m, compondo uma superfície interior de 20-21m². Há paredes separando os diversos edifícios, assim como a fachada na qual se abriam os acessos desde a rua. Tais espaços eram multifuncionais e de uso fundamentalmente doméstico, de acordo com a presença de moradias e da cultura material recuperada (Aquilué *et al.* 2002:315).

O registro estratigráfico, assim como a sobreposição de estruturas, permite diferenciar os momentos sucessivos na evolução desse hábitat ao longo do período tratado (segunda metade do século VI a.C. e século V a.C.); a resistemização da rua, junto com a construção dos edifícios que a ladeiam, parece remontar à segunda metade do século VI a.C., seu uso se prolongando até o primeiro quarto do século V a.C.. Nessa primeira implantação, os muros que formam a fachada dos edifícios habitacionais seguem um traçado contínuo e bastante retilíneo - neles se situam os vãos de acesso. A

partir do segundo quarto do século V a.C., acontece nesse setor urbano uma remodelação da cidade, que consiste em uma ligeira sobreelevação geral e a construção de novas habitações, que mantêm basicamente a mesma disposição anterior (Aquilué *et al.* 2002:316).

Em relação à Neápolis, as estruturas arcaicas encontradas remontam ao século VI a.C., entretanto, no referente às casas, pisos de argila compactada foram atribuídos a cômodos habitacionais, aos quais se sobrepõem sucessivos níveis de ocupação correspondentes aos séculos V e IV a.C., assim como vestígios de paredes; quatro habitações do setor sudoeste se destacam, por situarem-se próximas à zona portuária, junto ao qual parece desenvolver-se o núcleo populacional primitivo (Aquilué *et al.* 2002:317-319).

Existem pavimentos com plataformas de argila, de planta quadrangular, sobre os quais não há certeza se são habitações independentes ou de articulação mais complexa, com paredes similares às encontradas em Palaiapolis – fundações formadas por dupla face de pedras calcárias irregulares, sobre as quais se erguia a parede com adobes; também foram encontrados vestígios de revestimento de argila endurecida, com marcas de ramos que formavam a cobertura dessas habitações (Aquilué *et al.* 2002:319). Ao sul da ágora de Neápolis, uma plataforma de casa de formato quadrado, de 80cm de lado, associada com camadas de argila compactada no solo, indicam níveis da primeira ocupação de Neápolis (Aquilué *et al.* 2002:321).

A sudeste da cidade, há evidências de casas originalmente localizadas extramuros, cujas estruturas foram destruídas pelas reformas do início do século IV a.C., que consistiram na construção de uma longa muralha reforçada por torres que indicavam os limites meridionais da pólis; tais evidências eram uma série de fundações de paredes construídas com pedras calcárias ligeiramente trabalhadas, de uns 60cm de grossura, que se adaptavam perfeitamente às irregularidades do terreno e que serviam de base para uma elevação feita com adobes. Associados a essas paredes, foram documentados níveis de circulação, compactos e de superfície regular, feitos com argila de cor avermelhada. Tal bairro seria datado do final do século V a.C., e dele estão disponíveis as plantas parciais de alguns desses ambientes domésticos (Aquilué *et al.* 2002:322).

Devemos colocar que, no caso da Neápolis, houve confusão na interpretação de algumas estruturas descobertas por Gandía (Sanmartí *et al.* 1986), que na realidade, eram parte das casas mais antigas do local, situadas ao sul. Vestígios de casas foram descobertos ao longo de todo assentamento, e considerando isso, estabelecemos os critérios para organização dos dados das habitações, tanto para Palaiapolis, quando para a Neápolis.

Enfatizamos que a escolha dos critérios de organização das fichas ocorreu de acordo com a disponibilidade dos dados, e a partir disso, definimos que a ordem referente à Palaiapolis é cronológica, obedecendo às fases de desenvolvimento urbano do assentamento; já os dados relativos às estruturas da Neápolis foram organizados conforme os setores escavados e a cronologia, do mesmo modo que sistematizamos os dados das habitações de Massália.

Curiosamente, algumas estruturas estavam perto de locais públicos, como a ágora e a *stoá*, e fica evidente como reformas urbanas realizadas no assentamento durante o período Helenístico alteraram o terreno, já que as estruturas habitacionais mais antigas de Neápolis foram encontradas abaixo do estrato do *Serapieion*, ou templo de Zeus Serapis, construído em I a.C.. Existe a teoria de que tais reformas foram feitas para reforçar o caráter grego da cidade, visto que isso não existia de modo claro, até a chegada dos romanos e os conflitos com os ibéricos pela influência no local (Kaiser, 2000).

Para Empórias, catalogamos sete fichas, separadas conforme os dois núcleos urbanos do assentamento, e de acordo com os critérios acima citados; a relação com os não gregos, neste local, foi mais intensa devido ao tráfego marítimo (favorecido pelo porto), paralelamente à exploração das terras mais férteis da planície de l'Empordà e seus arredores, além das zonas costeiras – a prova concreta refletida na presença dos numerosos silos relacionados a *oppida* ibéricos, assim como outras instalações rurais de menor relevância (Aquilué *et al.* 2010:75).

Além disso, a cidade possui pouca evidência do consumo de vinho massaliota, ou grego, com presença maior de ânforas de origem fenícia ou etrusca, o que reforça o processo de emaranhamento do local, e sua importância para contextualizar o apoikismo grego no Mediterrâneo Ocidental (Dietler 2009:09-11).

2.3: ELEIA, LOCAL DE REFÚGIO

Eleia representa o maior número de fichas em nosso trabalho, e nesse caso, pudemos aplicar o critério de uma casa por ficha, devido à disponibilidade dos dados, previamente organizados dessa maneira, levando em conta a morfologia das estruturas habitacionais, conforme Cicala (2002). O autor privilegiou as casas pertencentes à acrópole tardoarcaica de Eleia (corresponde ao último decênio do VI século a.C.), mais especificamente, do lado sul-oriental da colina, onde estão situados os muros de terraceamento que, além de permitir que as casas tivessem algum apoio no declive natural do terreno, também ajudavam no sistema de drenagem de água da cidade, ao guiá-la de modo a fazê-la escoar pelos caminhos construídos ao longo do promontório.

A ocupação da acrópole ocorreu desde a chegada dos focéus ao local, em cerca de 540-535 a.C., com a expulsão dos gregos de Focéia e das perdas resultantes da Batalha de Alalia; as casas mais antigas de Eleia pertencem ao terreno da acrópole, que passa por uma reforma posterior em cerca de 470-460 a.C., período em que há uma ressignificação da acrópole, enquanto espaço público, político e sagrado, fazendo com que as áreas residenciais fossem transferidas para a cidade baixa (Greco 2002).

Na cidade baixa, para a época tardo-arcaica, temos os dados da escavação austríaca de Krinzinger na área da Ínsula II, núcleo próximo à área portuária, no fim do século VI a.C.; há também um grupo de quatro habitações do século V a.C., das quais somente duas estão inteiramente conservadas, uma sendo *ad ante*, e a outra com planta retangular, subdividida em ao menos dois cômodos (Cicala 2002:61). Existe a hipótese de um bairro habitacional no setor setentrional da pólis, evidenciado somente pelos depósitos estratigráficos, na área da Porta Marina Norte; a hipótese levantada por Krinzinger sugere o aproveitamento da foz do rio Alento, seja para agricultura, quanto para atividades portuárias (Cicala 2002:63).

Eleia é um caso especial, pois através da planimetria da cidade, é possível relacionar a estrutura privada com a organização urbana, na Magna Grécia, como um todo; além disso, essa *pólis* seria uma exceção ao ligar o edifício privado à relação material-técnica (Barra Bagnasco 1996). O uso da “*opera poligonale*” é algo exclusivo do local, mesmo dentre as outras *apoikiai* focéias do Ocidente, e Eleia serve de contraponto na

comparação do desenvolvimento urbano das cidades focéias, em paralelo com Massália (Cicala 2002).

Apesar do foco do catálogo recair sobre as casas da acrópole, devido aos dados disponíveis, sabemos que, na cidade baixa, em Vignale, há uma divisão *per strigas* (datada do V século a.C.), com uma sequência de estradas paralelas de 4,40m gerando longos blocos de 37,55m, bipartidos no sentido do comprimento de um eixo viário. Nas laterais desse eixo, foram criados lotes habitacionais de medida padrão 17,5m x 16,59m; assim, tal organização e as similaridades na técnica construtiva entre as casas da colina da acrópole e a cidade baixa provariam a existência de um plano urbano unitário (Barra Bagnasco 1996:59).

Um modelo semelhante aparece na Palaiapolis, enquanto Massália apresenta os muros de terraceamento, que também serviam de apoio para as casas, como em alguns casos da acrópole de Eleia.

Cicala coloca que a morfologia de Eleia não diferiu muito desde sua fundação, sendo sua dinâmica evolutiva urbana diversa da ocorrida em Massália e Empórias; tal morfologia teria características peculiares, provavelmente resultantes da tentativa de enquadramento em um esquema urbanístico preconcebido. O tecido urbano seria descontínuo, porém organizado, nos núcleos adensados de habitações (Cicala 2002:76). Para Massália, foi proposta uma análise da documentação disponível, rejeitando a hipótese do “modelo milésio” irregular, voltando à imagem não de um hábitat irregular, mas “regular heterogêneo”, determinado pela justaposição irregular de vários distritos, nos quais se encontram os critérios de subdivisão regular do terreno (Cicala 2002:77). Assim, Massália já teria organizado seu próprio espaço urbano já no segundo quarto do século VI a.C. (Cicala 2002:78).

2.4: COMENTÁRIOS E INTRODUÇÃO AO CATÁLOGO

Como base de dados para o desenvolvimento de nossa dissertação, organizamos um catálogo com as casas pertencentes ao recorte cronológico proposto (600 – 350 a.C.), situadas nas *apoikiai* focéias que compõem nossa amostragem: Massália, Empórias e Eleia (vide mapa abaixo). Para conclusão do processo de sistematização dos dados, foi

preciso fazer determinadas escolhas, levando em conta as informações disponíveis, sua disparidade e o prazo para confecção da dissertação.

Inicialmente, o catálogo apresentaria uma casa por ficha, obedecendo à divisão por assentamentos e a ordem cronológica; entretanto, a disponibilidade dos dados nos impediu de manter tais critérios, assim como seu caráter “homogêneo”: à medida que as informações eram separadas e analisadas, nos ficou muito claro que cada assentamento possui uma dinâmica diferente de desenvolvimento das áreas residenciais – embora, no geral, existam semelhanças – e, diante dessa perspectiva, organizamos o catálogo com critérios distintos para cada uma das cidades fociais abordadas.

Dentre elas, somente Eleia segue o plano original de uma casa por ficha - inclusive pela maneira em que os dados nos foram apresentados; mas entraremos em detalhes a respeito, mais adiante. Algumas das estruturas foram definidas como edifícios habitacionais, comprovadamente, devido aos artefatos encontrados em seu interior, assim como pelo padrão de construção, mas outras surgem como casas hipotéticas, devido à sua natureza indefinida, conforme os achados descobertos em seu perímetro.

Assim sendo, o resultado final foi um catálogo de 42 fichas, no total, porém, com maior número de casas, sendo que nos casos de Massália e Empórias, foi impossível apresentar uma casa por ficha; além das estruturas documentadas, os relatórios de escavação de Massália citam outras estruturas cujo estado de conservação ou falta de evidências não permitiu que fossem consideradas como casas. Alguns exemplos de edifícios do período arcaico, tanto em Massália quanto em Palaiapolis – primeiro assentamento dos focos no território de Empórias – possuem elementos estruturais de oficinas, e o mais interessante é que se trata de habitações da primeira fase de ocupação *grega* dos referidos locais, pois pelo menos em Palaiapolis, é evidente (e comprovada) a ocupação daquele território por indígenas, desde a Idade do Bronze (Aquilué *et al.* 2000).

Concluindo, o catálogo foi organizado de acordo com: as *apoikiai* estudadas, os setores onde as casas estavam dispostas, e a cronologia. O modelo de ficha sofreu várias reformulações até o produto final, visto que buscávamos a melhor maneira de sistematizar os dados, de modo a facilitar seu entendimento para o leitor, e para seu uso durante a confecção deste trabalho. As principais inspirações para o modelo de ficha final foram os pôsteres da exposição “*Cooperativas habitacionais no Uruguai – Meio*

Século de Experiências”, realizada pelo Museu da Casa Brasileira em agosto de 2015, e uma de nossas fontes documentais, o catálogo das estruturas habitacionais da acrópole de Eleia, de Luigi Cicala (Cicala 2002).

2.5:CATÁLOGO DAS CASAS DAS APOIKIAIGREGAS DO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL: MASSÁLIA, EMPÓRIAS E ELEIA

2.5.1: MÁSSALIA (FICHAS 01 A 13):

Ficha Número: 01

Adro São Lourenço (I e II)

Fig.1: Planta dos níveis gregos arcaicos. (Bouiron et Tréziny, 2001:419)

Fig.2: Vista aérea da escavação. (Rothé, 2005:317)

Fig.3: Planta das estruturas gregas. (Rothé, 2005:317)

❖ *Sítio: Massália.*

- ❖ **Nome atual:** Marselha.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 43.28. Longitude: 5.22 (conforme Hansen & Nielsen).
- ❖ **Cronologia aproximada:** Início do VI século a.C., entre 600-580 a.C. (período arcaico).
- ❖ **Planimetria:** Quadrangulares, nas duas casas.
- ❖ **Técnica construtiva:** Construções em pedra calcária e tijolos crus.
- ❖ **Descrição:** As duas casas foram escavadas durante uma sondagem para a instalação de um dreno ao pé da Igreja de São Lourenço. A Casa 1 possui melhor conservação, além de cerca de cinco ambientes – porém, três deles foram efetivamente expostos no processo de escavação. O pórtico da rua, conservado, estava situado ao nordeste da casa - cujo muro possuía base de pedra e uma elevação de terra, assim como uma divisória de tijolos crus (dimensão 44cm x 34cm). Um depósito junto a um dos muros indica a construção de uma parede de calcário branco. A Casa 2, a sudeste, é menos conservada, revelando um braseiro contíguo a um dos cômodos e um muro construído a noroeste.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Em um cômodo de 2,5m x 1,7m da Casa 1, havia cerâmica de uso culinário; fragmentos de um bracelete de bronze (cujos detalhes do design sugerem uma atividade de pesca); um depósito doméstico revelou diversos fragmentos de cerâmica, entre eles os vestígios de duas *oinochoai* coríntias, e as alças de duas copas jônicas de tipo A2 de Villard e Vallet. Na Casa 2, cerca de 595 fragmentos de ânforas etruscas foram encontrados, assim como de ânforas gregas importadas da Ática, Corinto, Quios, Lesbos, Mileto e Samos. Estas casas são comprovadamente as mais antigas de Massália, pertencendo à primeira fase de ocupação urbana do território pelos gregos.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação noroeste – sudoeste, conforme o eixo da Colina São Lourenço, a qual se projeta a 20m na direção do mar e do porto antigo. As casas estariam hoje na atual Esplanada de la Tourette, em Marselha.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** BOUIRON, M., TRÉZINY, H. (eds.), *Trames et paysages urbains de Gyptis au Roi René*, Actes du Colloque International d'archéologie, Marseille, 1999, Études Massaliètes 7, Aix-in-Provence, 2001; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005; ROTHÉ, M-P., *Marseille et ses Alentours. Carte Archéologique de la Gaule, 13/3*. Paris, 2005.

- ❖ **Sítio:** Massália.
- ❖ **Nome atual:** Marselha.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 43.28. Longitude: 5.22 (conforme Hansen & Nielsen).
- ❖ **Cronologia aproximada:** VI séc. a.C.
- ❖ **Planimetria:** Estrutura escavada na terra, não há menção ao formato.
- ❖ **Técnica construtiva:** Vestígios de adobe e estilhaços de calcário indicam os prováveis materiais de construção do hábitat.
- ❖ **Descrição:** O hábitat possui dimensões de 2,52m por 0,94m, apresentando em seu lado norte dois buracos onde havia postes ou pilares de sustentação, distantes entre si em 1,8m.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Em uma camada inferior, foram encontrados vestígios de ânforas massaliotas, feitas em pasta micácea.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** O hábitat foi descoberto no interior da Igreja de São Lourenço, em Marselha, abaixo da nave lateral norte. Assim, ele possui orientação noroeste – sudoeste, conforme o eixo da Colina São Lourenço, a qual se projeta a 20m na direção do mar e do porto antigo, na Esplanada de la Tourette.
- ❖ **Referências bibliográficas (dados):** BOUIRON, M., TRÉZINY, H. (eds.), *Trames et paysages urbains de Gyptis au Roi René*, Actes du Colloque International d'archéologie, Marseille, 1999, Études Massaliètes 7, Aix-in-Provence, 2001; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005; ROTHÉ, M-P., *Marseille et ses Alentours. Carte Archéologique de la Gaule*, 13/3. Paris, 2005.

Fig.1: Planta das estruturas descobertas (lote 55) – fase I.
(Rothé, 2005:417)

Fig.2: Poço (S57) e a cobertura de placas calcárias enterradas. Foto de M. Moliner. (Rothé, 2005:418)

Fig.3: Evolução do hábitat no período arcaico (lote55): as 4 fases.
(Bouiron et Tréziny, 2001:421)

❖ **Sítio:**Massália.

❖ **Nome atual:** Marselha.

- ❖ **Localização geográfica:**Latitude: 43.28. Longitude: 5.22 (conforme Hansen & Nielsen).
- ❖ **Cronologia aproximada:** 600 – 580 a.C. (primeiro quarto do VI séc. a.C.). Período arcaico.
- ❖ **Planimetria:** Casas 1 e 2: retangulares (6.70m x 5m). Casas 3 e 4: quadrangulares (3,60m x 3,50m).
- ❖ **Técnica construtiva:**Casas 1 e 2: detalhes indicam tijolos de terra crua, sendo a área do poço em pedra, com placas de cobertura em calcário branco. Ambas possuíam colunas estruturais de madeira. Casas 3 e 4: vestígios mostram a fundação em pedra sobre uma das “cabanas” anteriores.
- ❖ **Descrição:** As duas casas originais são denominadas “cabanas leves”, com a presença de drenos e buracos escavados no substrato, nos quais ficavam as colunas de sustentação. Entre as casas, havia um pequeno poço circular, com diâmetro interno de 0,70m e profundidade de 2,20m, escavado na terra e revestido em calcário branco; ele era alimentado por uma adução instalada “em trincheira” no solo, de largura 0,40m e altura 0,60m. Placas calcárias cobriam a adução e permitiam o declive para escoamento da água, e este sistema é a mais antiga forma de abastecimento de água encontrada em Marselha.
A Casa 3 é, na realidade, produto de uma reforma realizada na área das “cabanas”, substituindo-as em um curto intervalo de tempo, na parte oeste do lote; a Casa 4, situada na parte leste do lote, é um cômodo com função de habitat marcado ao centro por um braseiro oval (0,70m x 0,90m), cercado de buracos feitos por estacas.
- ❖ **Vestígios encontrados:**Uma das construções originais possui uma estrutura de cozimento em argila vermelha (2m x 1m), cercada por tijolos de terra crua, situada no ângulo nordeste. Além de drenos, a descoberta de braseiros lenticulares, tigelas carbonizadas, locais de fogueira e lascas circulares acinzentadas evidenciam atividades artesanais em meio doméstico - ligadas à metalurgia, devido à presença de escórias de ferro em quantidade. Na adução em trincheira, descobriram cerâmica da Grécia de Leste, copas jônicas do tipo A2 e B1 de Villard e Villet, e um cálice de Quios, decorado, o que permitiu a datação do local.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:**Orientação geral norte –sul/leste – oeste para as quatro casas, localizadas na área da atual Rua da Catedral.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** BOUIRON, M., TRÉZINY, H. (eds.), *Trames et paysages urbains de Gyptis au Roi René*, Actes du Colloque International d'archéologie, Marseille, 1999, Études Massaliètes 7, Aix-in-Provence, 2001; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005; ROTHÉ, M-P., *Marseille et ses Alentours. Carte Archéologique de la Gaule*, 13/3. Paris, 2005.

Fig.1: Planta das estruturas descobertas (lote 55) – fase II.
(Rothé, 2005:417)

Fig.3: Evolução do habitat no período arcaico (lote55): as 4 fases.
(Bouiron et Tréziny, 2001:421)

❖ **Sítio:**Massália.

❖ **Nome atual:** Marselha.

❖ **Localização geográfica:**Latitude: 43.28. Longitude: 5.22 (conforme Hansen & Nielsen).

- ❖ **Cronologia aproximada:** 580 – 560 a.C.. Período arcaico.
- ❖ **Planimetria:** Casa 1: quadrangular. Casa 2: retangular (10,25m x 6,75m).
- ❖ **Técnica construtiva:** As duas casas foram construídas em pedra, porém, não há menção ao tipo utilizado.
- ❖ **Descrição:** A disposição das casas no lote indica um padrão urbano composto de estruturas habitacionais esparsas, com destaque para a Casa 2, situada no centro do canteiro de escavação, em área de elevação do solo. A Casa 2 é composta de dois cômodos, separados por uma parede de sustentação, e a presença de um pequeno poço.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Os únicos artefatos descobertos foram uma cabeça de estatueta de Rodes em terra cozida, e um flanco de vaso em cerâmica ática de figuras negras.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação norte-sul para a Casa 2, sem referências à Casa 1. Estruturas localizadas na área da Rua da Catedral.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** BOUIRON, M., TRÉZINY, H. (eds.), *Trames et paysages urbains de Gyptis au Roi René*, Actes du Colloque International d'archéologie, Marseille, 1999, Études Massaliètes 7, Aix-in-Provence, 2001; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005; ROTHÉ, M-P., *Marseille et ses Alentours. Carte Archéologique de la Gaule, 13/3*. Paris, 2005.

Fig.1: Planta das estruturas descobertas (lote 55) – fase III.
(Rothé, 2005:417)

Fig.2: Muro de terraceamento M21, detalhe da face oeste. (Rothé, 2005:419)

Fig.3: Muro de terraceamento M17, paramento oeste. (Rothé, 2005:419)

Fig.4: Evolução do hábitat no período arcaico (lote55): as 4 fases.
(Bouiron et Tréziny, 2001:421)

- ❖ **Sítio:** Massália.
- ❖ **Nome atual:** Marselha.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 43.28. Longitude: 5.22 (conforme Hansen & Nielsen).
- ❖ **Cronologia aproximada:** 560 – 540 a.C.. Período arcaico.
- ❖ **Planimetria:** Retangular (comprimento conservado: 10m; largura: 7,3m).
- ❖ **Técnica construtiva:** Edifício construído em pedra, ao estilo dos muros de terraceamento construídos na mesma fase.
- ❖ **Descrição:** A casa obedece aos mesmos padrões do hábitat retangular da fase anterior, na planta e nas dimensões, com um muro de sustentação (M47) a dividir a construção em dois cômodos, sendo o maior de 5,10m x 3,90m. Situada entre dois muros de terraceamento, com M21 a leste e M17 a oeste.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Os únicos achados foram cálices de cerâmica ática de figuras negras, ditos “dos Pequenos Mestres”. Por conta disso, não foi possível definir uma função específica para este hábitat.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação leste-oeste, enquanto os muros de terraceamento (M17 e M21) seguem orientação norte-sul. Estruturas localizadas na área da Rua da Catedral.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** BOUIRON, M., TRÉZINY, H. (eds.), *Trames et paysages urbains de Gyptis au Roi René*, Actes du Colloque International d'archéologie, Marseille, 1999, Études Massaliètes 7, Aix-in-Provence, 2001; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005; ROTHÉ, M-P., *Marseille et ses Alentours. Carte Archéologique de la Gaule*, 13/3. Paris, 2005.

Fig.1: Planta das estruturas descobertas (lote 55) – fase IV.
(Rothé, 2005:417)

Fig.3: Evolução do habitat no período arcaico (lote55): as 4 fases.
(Bouiron et Tréziny, 2001:421)

❖ **Sítio:**Massália.

❖ **Nome atual:** Marselha.

❖ **Localização geográfica:**Latitude: 43.28. Longitude: 5.22 (conforme Hansen & Nielsen).

- ❖ **Cronologia aproximada:** 520/510 – 480 a.C.. Período arcaico.
- ❖ **Planimetria:** De acordo com os dados, todas as casas do terreno possuíam planta quadrangular (4m de lado).
- ❖ **Técnica construtiva:** Tijolos crus, em adobe, e pedra, já que as casas foram erguidas ao longo do muro de terraceamento.
- ❖ **Descrição:** Divisão e distribuição de casas entre os terraços superior e inferior, sendo que três casas foram construídas de modo contíguo ao muro do terraço superior (M21), e uma cabana foi erguida no terraço inferior. Esta casa foi erguida contra a face oeste do muro de terraceamento M17, e possui cerca de uma dezena de fossas escavadas ao longo do muro.
- ❖ **Vestígios encontrados:** A casa localizada no terraço inferior apresentou uma estrutura de cozimento feita de tijolos crus, formando um ângulo reto, e estava instalada sobre uma fossa provavelmente ligada a um rito de fundação, já que nela havia um cálice ático de figuras negras, quebrado e incompleto, uma valva de *Cardium* e pedras queimadas misturadas às cinzas. Uma segunda fossa, de pequena dimensão, revelou ossos de animais (ovicaprinos jovens), dispostos em “oferenda”.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** A orientação das casas não foi citada, mas podemos supor que seguem a mesma orientação dos muros contra os quais foram construídas: norte-sul. Localizadas na área da atual Rua da Catedral.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** BOUIRON, M., TRÉZINY, H. (eds.), *Trames et paysages urbains de Gyptis au Roi René*, Actes du Colloque International d'archéologie, Marseille, 1999, Études Massaliètes 7, Aix-in-Provence, 2001; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005; ROTHÉ, M-P., *Marseille et ses Alentours. Carte Archéologique de la Gaule*, 13/3. Paris, 2005.

Fig.1: Planta das estruturas descobertas (lote 55) – fase V.
(Rothé, 2005:417)

Fig.2: Hbitat no perodo clssico (lote55).
(Bouiron et Trziny, 2001:421)

- ❖ **Stio:**Masslia.
- ❖ **Nome atual:** Marselha.
- ❖ **Localizao geogrfica:**Latitude: 43.28. Longitude: 5.22 (conforme Hansen & Nielsen).
- ❖ **Cronologia aproximada:** 400 - 350 a.C.. Perodo clssico.
- ❖ **Planimetria:** Quadrangular.
- ❖ **Tcnica construtiva:**Desconhecida.

- ❖ **Descrição:** As estruturas evidenciam a ocupação do local, mas sem possibilitar a definição de uma organização precisa, segundo os dados; há a forte possibilidade de permanência dos muros de terraceamento da fase anterior (M17 e M21), que pontuavam a paisagem urbana. A estrutura interna do novo hábitat, construído a sudoeste do terreno, é desconhecida; há evidências da construção de um novo poço (1,8m de diâmetro), a leste do primeiro. Provavelmente funcionava como um poço de retenção suplementar, como um vertedouro das águas após a decantação no primeiro poço.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Não mencionados.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** A orientação da nova construção é desconhecida. Localizada na área da atual Rua da Catedral.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** BOUIRON, M., TRÉZINY, H. (eds.), *Trames et paysages urbains de Gyptis au Roi René*, Actes du Colloque International d'archéologie, Marseille, 1999, Études Massaliètes 7, Aix-in-Provence, 2001; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005; ROTHÉ, M-P., *Marseille et ses Alentours. Carte Archéologique de la Gaule, 13/3*. Paris, 2005.

Fig.1: Construções de época arcaica no lote de la Major. (Rothé, 2005:432)

- ❖ **Sítio:**Massália.
- ❖ **Nome atual:** Marselha.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 43.28. Longitude: 5.22 (conforme Hansen & Nielsen).
- ❖ **Cronologia aproximada:** Primeira metade do VI século a.C.. Período arcaico.
- ❖ **Planimetria:** Para o primeiro quarto do VI séc. a.C.: desconhecida. Para o segundo quarto do mesmo século: planta ortogonal.
- ❖ **Técnica construtiva:** No primeiro quarto do VI século a.C., as habitações possuíam colunas de sustentação em madeira. Para o segundo quarto do VI século a.C.: paredes divisórias construídas em pedra, com vários tipos de materiais, entre eles, calcário. A presença de fragmentos de adobe em quantidade atesta o uso de técnica de construção com tijolos crus, em larga escala.
- ❖ **Descrição:**Os vestígios das primeiras habitações (buracos de colunas de sustentação e fossas) indicavam a indubitável ocupação do local, porém, sua baixa densidade – o que

não é característico de um meio urbano. Já na fase posterior, a arquitetura ortogonal em pedra ocupava cerca de 32m², sendo que três muros dividiam o espaço em quatro cômodos distintos; os muros variam em largura e de uma estrutura em adobe no espaço sudoeste sobraram apenas dois tijolos crus (0,60m x 0,40m).

- ❖ ***Vestígios encontrados:*** O nível correspondente ao primeiro quarto do VI séc. a.C. revelou vários cálices jônicos, cerâmica de pasta clara massaliota, fragmentos de *bucchero nero* etrusco e ânforas etruscas e gregas, indicando o consumo de vinho. Para o segundo quarto do mesmo século, uma lâmpada aberta em cerâmica grega oriental, um pilão cipriota do tipo A de Salles, cálices jônicos e massaliotas, além de ânforas etruscas (24 entre 31 ânforas comerciais).
- ❖ ***Posicionamento na malha urbana:*** As construções citadas possuem orientação NL-12°-leste, já conhecida em outros sítios de Marselha, como a Praça das Pistolas e a Rua da Catedral (conforme os dados consultados).
- ❖ ***Referências bibliográficas (imagens/dados):*** BOUIRON, M., TRÉZINY, H. (eds.), *Trames et paysages urbains de Gyptis au Roi René*, Actes du Colloque International d'archéologie, Marseille, 1999, Études Massaliètes 7, Aix-in-Provence, 2001; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005; ROTHÉ, M-P., *Marseille et ses Alentours. Carte Archéologique de la Gaule*, 13/3. Paris, 2005.

Fig.1: Estruturas arcaicas dos lotes 61N-62N.
(Bouiron et Tréziny, 2001:425)

Fig.2: Vista parcial do Espaço B, antes da escavação dos níveis gregos. (Rothé, 2005:489)

Fig.3: Fases do espaço arcaico. Desenho de M. Moliner. (Rothé, 2005:488)

❖ **Sítio:** Massália.

❖ **Nome atual:** Marselha.

❖ **Localização geográfica:** Latitude: 43.28. Longitude: 5.22 (conforme Hansen & Nielsen).

- ❖ **Cronologia aproximada:** 575 - 500 a.C., com quatro fases sucessivas apontadas pela estratigrafia. Período arcaico.

- ❖ **Planimetria:** Espaço A: ligeiramente trapezoidal (4m x 5m). Espaço B: (largura: 4m; NGF*:23,15m).
 *NGF: Sigla de “*Nivellement Général de la France*”, uma rede de pontos de referência espalhados por toda a França metropolitana, e que consiste na rede de nivelamento oficial do país.

- ❖ **Técnica construtiva:** Não há uma menção clara a uma técnica construtiva, nos dados disponíveis, mas foi encontrada uma elevação de calcário sobre argila crua em um dos espaços, possivelmente indicando o método construtivo.

- ❖ **Descrição:** Situados a oeste de uma antiga via cujo primeiro nível de circulação remete a 550 – 525 a.C., os Espaços A e B são contíguos e possuem chão de terra batida; quatro níveis estratigráficos foram apontados no Espaço A, enquanto não há muita informação sobre o Espaço B. Os dois espaços foram encontrados em má conservação, juntamente com o espaço circular ao sul do Espaço A; após a escavação de salvamento, o sítio foi destruído.

- ❖ **Vestígios encontrados:** Espaço A: a primeira fase de construção (575 – 560 a.C.) possuía, a nordeste, uma fossa circular que poderia servir para manutenção de um vaso de armazenamento (*pithos*), um braseiro ao centro e contra a parede oeste, havia uma banqueta de terra (2m x 0,2m), situada a leste de uma estrutura feita em argamassa. A fossa desaparece na segunda fase (560 - 550 a.C.), e a banqueta, ao longo da terceira fase (550 – 525 a.C.). Os artefatos são abundantes e ligados à prática de banquetes, sendo cerca de 365 vasos de cerâmica local ou regional, e 64 importados (Grécia do Leste ou etruscos); os achados de fauna também são impressionantes: 1932 restos, correspondentes a restos de refeições, sendo 1/3 de vertebrados (15 espécies identificadas: bovinos, porcos, caprinos, cordeiros, cavalos, cachorros, aves, veados, etc.) e 2/3 de conchas do mar (80% ostras). Há dúvidas se este espaço seria uma sala de banquete ou um local de culto privado, um hábitat.

- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** A orientação da antiga via próxima aos Espaços A e B era norte – sul, porém, a orientação dos espaços é desconhecida. Escavação realizada na Rua das Pistolas, no setor da Caridade.

- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** BOUIRON, M., TRÉZINY, H. (eds.), *Trames et paysages urbains de Gyptis au Roi René*, Actes du Colloque International d'archéologie, Marseille, 1999, Études Massaliètes 7, Aix-in-Provence, 2001; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005; ROTHÉ, M-P., *Marseille et ses Alentours. Carte Archéologique de la Gaule, 13/3*. Paris, 2005.

Fig.1: Construções de época arcaica no lote da Colina São Lourenço. (Rothé, 2005:433)

- ❖ **Sítio:** Massália.
- ❖ **Nome atual:** Marselha.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 43.28. Longitude: 5.22 (conforme Hansen & Nielsen).
- ❖ **Cronologia aproximada:** VI século a.C.. Período arcaico.
- ❖ **Planimetria:** Quadrangular, na configuração geral das casas escavadas no sítio.
- ❖ **Técnica construtiva:** Casas e muros de terraceamento construídos em pedra, além de casas de construção mista – pedra e tijolos crus (adobe).
- ❖ **Descrição:** As casas estão distribuídas e divididas entre três terraços ao longo do declive setentrional da Colina São Lourenço, construídos para recebê-las; o terraço baixo, situado a norte é limitado ao sul por um degrau, talhado na marga (rocha sedimentar composta de argila e calcário) e bordejado a leste pelo muro MR20078, do qual sobrou somente a fundação. O terraço intermediário se desenvolve em L, enquadrando o terraço baixo a sul e a leste; seu limite meridional é um degrau talhado na marga, e o terraço alto não é conhecido, além de seu limite com o intermediário.

Para o primeiro quarto do VI séc. a.C., apenas os vestígios da parede de uma casa (Casa A) foram encontrados - sendo a parte conservada de 2m de comprimento - e uma disposição de pedras, formando a base de uma banqueta. Isso, ao centro do terraço intermediário. Ao longo do VI séc. a.C., as construções se densificam, o muro MR20078 é destruído e substituído pelo muro MR2854, contra o qual é construída a Casa B, sobre um depósito da fase anterior. Sua presença é identificada por uma fileira de pedra delimitando um quadrado de menos de 2m de lado, e por um buraco de fogueira (1,7m x 0,90m, com 0,45m de profundidade), descoberto a oeste.

O terraço intermediário acolhe a Casa C, a nordeste, a qual se conecta duas paredes perpendiculares e dois cômodos de chão de terra batida. Existe uma construção entre os terraços baixo e intermediário, seu ângulo noroeste preservado das intervenções posteriores; as paredes (MR2951 e MR2953) estão bem degradadas, o ângulo entre elas reforçado por uma coluna (PO20058); além disso, há o edifício de construção mista, formado por cômodos que parecem pequenos, e lembram as estruturas encontradas no adro da Igreja de São Lourenço (vide ficha 01).

- ❖ **Vestígios encontrados:**Casa B: revelou artefatos de 540 – 510 a.C., entre eles cerâmica massaliota, cerâmica acinzentada emporitana, cálices e uma lâmpada jônicos, um grande *pithos*, ânforas massaliotas, áticas, e de tradição fenício-púnica. Casa C:sem informações disponíveis.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:**Orientação não incluída nos dados, porém, o sítio está situado no centro de Marselha, no setor de la Major.
- ❖ **Referências bibliográficas (dados):** BOUIRON, M., TRÉZINY, H. (eds.), *Trames et paysages urbains de Gyptis au Roi René*, Actes du Colloque International d'archéologie, Marseille, 1999, Études Massaliètes 7, Aix-in-Provence, 2001; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005; ROTHÉ, M-P., *Marseille et ses Alentours. Carte Archéologique de la Gaule, 13/3*. Paris, 2005.

Fig.1: Construções de época clássica no lote da Colina São Lourenço.
(Rothé, 2005:436)

Fig.2: Chão decorado da casa D – fragmento principal.
Foto de T. Maziers. (Rothé, 2005:436)

- ❖ **Sítio:** Massália.
- ❖ **Nome atual:** Marselha.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 43.28. Longitude: 5.22 (conforme Hansen & Nielsen).
- ❖ **Cronologia aproximada:** V século a.C.. Período clássico.

- ❖ **Planimetria:** Quadrangular, para as duas casas.

- ❖ **Técnica construtiva:** Não há menção à técnica, mas houve o uso de argila para elevação do solo da Casa B, em seu processo de reforma. Pela foto do piso da Casa D, podemos concluir que sua construção seguiu o padrão de construção em pedra.

- ❖ **Descrição:** Os três terraços da Colina São Lourenço apresentam ocupação mais densa a partir do V séc. a.C., com algumas mudanças no terreno; a Casa A, situada no centro do terraço intermediário no século anterior, foi substituída pela Casa D, que se desenvolveu em vários estágios, até alcançar o terraço alto. A Casa B foi reformada ao curso da primeira metade do V século a.C., e novamente no IV séc. a.C., sofrendo uma expansão para oeste (2,40m a mais), elevação do solo, com o uso de argila, e a adição de uma banqueta contra a parede principal (1,80m x 0,60m). Em um segundo estágio, a parede ocidental da casa foi reconstruída.
 A Casa D foi construída na segunda metade do V séc. a.C., e dois de seus cômodos foram parcialmente bem conservados. O nivelamento do chão é datada de 450 e 375 a.C., com a construção de novas paredes de divisão interna; o cômodo oeste, que se abria para uma via norte-sul, era bem longo (6m de comprimento) e dotado de chão decorado com frisos pintados. A dimensão desse espaço é incomum em um espaço privado clássico de Massália, o que indica que talvez fosse uma casa privilegiada.

- ❖ **Vestígios encontrados:** Casa B: apresentou cálices áticos de figuras negras, cálice em cinza monocromático emporitano, e ânforas massaliotas de pasta micácea – material cerâmico típico dessa fase. Casa D: cálices áticos de figuras vermelhas e negras; cálice massaliota; lécito (*lethykos*) ático de figuras negras e ânfora ibérica.

- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação não informada, para as duas casas. Escavação localizada ao norte da Colina São Lourenço.

- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** BOUIRON, M., TRÉZINY, H. (eds.), *Trames et paysages urbains de Gyptis au Roi René*, Actes du Colloque International d'archéologie, Marseille, 1999, Études Massaliètes 7, Aix-in-Provence, 2001; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005; ROTHÉ, M-P., *Marseille et ses Alentours. Carte Archéologique de la Gaule*, 13/3. Paris, 2005.

- ❖ **Sítio:**Massália.
- ❖ **Nome atual:**Marselha.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 43.28. Longitude: 5.22 (conforme Hansen & Nielsen).
- ❖ **Cronologia aproximada:** V século a.C. até o II século a.C.. Zona 9 do lote corresponde a 500 a.C.; a zona 3, ao IV séc. a.C..
- ❖ **Planimetria:** Desconhecida.
- ❖ **Técnica construtiva:**Fragmentos de tijolos de barro, de adobe e a presença de lascas de calcário branco indicam que estes foram os materiais utilizados na construção das habitações.
- ❖ **Descrição:**Diversas fossas encontradas nas zonas 3 e 9, ao sul do antigo lote 62N, indicam a presença de casas do hábitat grego, devido aos depósitos nelas identificados. Na zona 3, temos duas grandes fossas cavadas no solo natural, uma delas com 6,25m x 1,5m, a outra com 5,5m x 1,25m, sobreposta pela primeira; há indícios de que ambas foram reformadas no segundo quarto do IV século a.C. Além delas, na parte mediana do antigo lote 62N (anda na zona 3), há um conjunto de seis fossas de cozimento, de formato oval ou arredondado, com vestígios de fornos de barro do fim do século IV a.C..
Na zona 9, existiam cinco fossas de bordas escavadas “em ampola”, o que foi interpretado como um silo, devido ao grande e notável número de fragmentos de ânforas e materiais de construção.
- ❖ **Vestígios encontrados:**Na zona 3, ao menos cinco ânforas de tipo massaliota foram encontradas nas duas grandes fossas descritas anteriormente, depositadas no interior de cavidades circulares escavadas de modo intencional, pressupondo uma área de armazenagem de uma casa. Já as fossas de cozimento, ligadas à uma área avermelhada e a um muro de pedras, possuíam numerosos resíduos de bronze, o que indicava, junto aos fornos, a presença de uma instalação metalúrgica em ambiente doméstico.
Na zona 9, foram encontradas diversas ânforas de tipo massaliota, áticas de verniz negro, entre outras.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:**Lotes de escavação localizados na colina nordeste da colina dos Moinhos, sob a atual Praça das Pistolas (lotes 61N – 62N); o hábitat se encontra ao longo da atual rua do Panier.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** BOUIRON, M., TRÉZINY, H. (eds.), *Trames et paysages urbains de Gyptis au Roi René*, Actes du Colloque International d'archéologie, Marseille, 1999, Études Massaliètes 7, Aix-in-Provence, 2001; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005; ROTHÉ, M-P., *Marseille et ses Alentours.Carte Archéologique de la Gaule, 13/3*. Paris, 2005.

- ❖ **Sítio:**Massália.
- ❖ **Nome atual:**Marselha.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 43.28. Longitude: 5.22 (conforme Hansen & Nielsen).
- ❖ **Cronologia aproximada:** Fim do V século a.C./início do IV século a.C. até o I século a.C..
- ❖ **Planimetria:** Desconhecida, mas os cantos dos vestígios encontrados sugerem um canto reto, portanto, estruturas quadrangulares.
- ❖ **Técnica construtiva:** Segmentos de paredes construídas em blocos de terra.
- ❖ **Descrição:**Ao pé da plataforma superior do terreno, três escavações revelaram uma sucessão de ocupações domésticas associadas à uma construção (uma casa), que indicam a ocupação do terreno desde o período Clássico até a conquista romana. Os vestígios arquitetônicos encontravam-se isolados e mal conservados, o que impediu a restituição da planta do edifício em questão. Um primeiro segmento de parede é perturbado ao norte pela presença de uma fossa oblonga, preenchida com uma argila fortemente oxidada; há também um pequeno canal com orientação norte-sul, escavado no substrato. Uma segunda fossa, maior, foi escavada ao sul da parede, completa o conjunto – que foi condenado por uma camada de cascalho sobre a qual foram construídas duas paredes perpendiculares.
- ❖ **Vestígios encontrados:**Na fossa oblonga, foi encontrado um lote de áticas e claras, fabricadas nos ateliês de Massália, assim como ânforas massaliotas do V século a.C./início do IV século a.C.; no pequeno canal, havia vestígios de argamassa cozida demais, assim como um prato de pasta clara datado entre o fim do IV séc. a.C. e a primeira metade do III séc. a.C.. A segunda fossa possui indícios de sedimentação natural, completa até o topo com vestígios abundantes de cerâmica dos tipos A da antiga Campânia, de pasta clara massaliota, itálica comum, cinza emporitana, assim como um fragmento de *askos* na forma de uma cabeça humana, com barba.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:**Orientação leste-oeste, sobre uma plataforma superior do terreno escavado.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** BOUIRON, M., TRÉZINY, H. (eds.), *Trames et paysages urbains de Gyptis au Roi René*, Actes du Colloque International d'archéologie, Marseille, 1999, Études Massaliètes 7, Aix-in-Provence, 2001; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005; ROTHÉ, M-P., *Marseille et ses Alentours.Carte Archéologique de la Gaule*, 13/3. Paris, 2005.

2.5.2: EMPÓRIAS (FICHAS 14 A 20):

Ficha Número: 14

Palaiapolis – Fase IIIa

Fig.1: Estruturas da fase mais antiga do hábitat arcaico – fase IIIa.

(Aquilué et al., 2002:310)

- ❖ **Sítio:**Empórias (Palaiapolis).
- ❖ **Nome atual:**Sant Martí d'Empúries.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 42.10. Longitude: 3.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** 580 – 560 a.C. : primeira fase de ocupação arcaica (fase IIIa).
- ❖ **Planimetria:** Conforme os dados, ligeiramente trapezoidal.
- ❖ **Técnica construtiva:** Fundações de pedra (calcário), com paredes de adobe.
- ❖ **Descrição:**Construção de paredes de duplo paramento (8m x 2,7/3,2m, delimitando uma área aproximada de 24m²), com fundações de pedra calcária e preenchimento de argila e pedras menores, cobertas por adobes, conforme evidências dos níveis de destruição.
- ❖ **Vestígios encontrados:**Ao exterior da construção, existem vários fornos circulares, irregularmente conservados, sendo que o maior deles possuía 1,10m de diâmetro, e era feito de argila. A poucos metros deste, havia um forno menor e também circular, e no outro extremo da área escavada, existia um terceiro forno, como comprovado pela

presença da base de argila circular característica. Os fornos, juntamente com os restos de cinzas e de cerâmica acinzentada monocromática, indicam a existência de oficinas domésticas locais de fabricação desse tipo de cerâmica, assim como de jarras pintadas e pilões.

- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação leste – oeste, conforme a rua que se adaptava à topografia da colina onde o sítio está situado. Hábitat localizado na zona norte da atual cidade de Sant Martí d'Empúries.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J., *Nuevos datos acerca del hábitat arcaico de la Palaia Polis de Emporion*, in *Hábitat et Urbanisme dans le Monde Grec de la fin des Palais Mycéniens à la Prise de Milet (494 av. J.C.)*. Pallas: Revue des Études Antiques, 58. Presses Universitaires du Mirail. 2002; AQUILUÉ, X., VILASECA, L.B., CASTANYER, P., ESTEBA, Q., PONS, E., SANTOS, M., TREMOLEDA, J., *Els assentaments indígenes i l'ocupació grega arcaica de Sant Martí d'Empúries (L'Escala, Alt Empordà). Resultats del projecte d'intervencions arqueològiques de 1994 i 1995*, in *L'hàbitat protohistòric a Catalunya, Rosselló i Lluçanès Occidental. Actualitat de l'arqueologia de l'edat del Ferro*. Sèrie Monogràfica 19, Museu d'Arqueologia de Catalunya-Girona, 2000; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig.1: Estruturas da fase mais antiga do hábitat arcaico – fase IIIb.

(Aquilué et al., 2000:29)

Fig.2: Vista geral das estruturas pertencentes à fase IIIb.

(Aquilué et al., 2000:30)

- ❖ *Sítio*: Empórias (Palaiapolis).
- ❖ *Nome atual*: Sant Martí d'Empúries.

- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 42.10. Longitude: 3.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** 560 – 540 a.C. : segunda fase de ocupação arcaica (fase IIIb).
- ❖ **Planimetria:** Quadrangulares, porém, sem dimensões completas.
- ❖ **Técnica construtiva:** Pedras ligadas com barro e adobes, além do uso de argila para construção.
- ❖ **Descrição:** Estruturas de conservação excessivamente parcial, mostrando restos de fundações bem desgastados, construídos com pedras ligadas com barro e adobes, delimitando a casa e seus quatro ambientes. No interior dela, há pavimentos de argila compactada, relacionados a estruturas circulares de combustão, de até 1,5m de diâmetro, situados sobre uma soleira de calcário e fragmentos cerâmicos.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Entre os artefatos encontrados, há cerâmica indígena (cerâmica ibérica fabricada em torno), e produtos gregos ocidentais, indicando um aumento na porcentagem de sua importação.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação não mencionada. Hábitat localizado na Praça Maior, na atual cidade de Sant Martí d'Empúries.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J., *Nuevos datos acerca del hábitat arcaico de la Palaia Polis de Emporion*, in *Hábitat et Urbanisme dans le Monde Grec de la fin des Palais Mycéniens à la Prise de Milet (494 av. J.C.)*. Pallas: Revue des Études Antiques, 58. Presses Universitaires du Mirail. 2002; AQUILUÉ, X., VILASECA, L.B., CASTANYER, P., ESTEBA, Q., PONS, E., SANTOS, M., TREMOLEDA, J., *Els assentaments indígenes i l'ocupació grega arcaica de Sant Martí d'Empúries (L'Escala, Alt Empordà). Resultats del projecte d'intervencions arqueològiques de 1994 i 1995*, in *L'hàbitat protohistòric a Catalunya, Rosselló i Llenguadoc Occidental. Actualitat de l'arqueologia de l'edat del Ferro*. Sèrie Monogràfica 19, Museu d'Arqueologia de Catalunya-Girona, 2000; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig.1: Quarteirão da rua Corral. Casas do hábitat arcaico – fase IIIc.

(Cicala, 2002:289)

- ❖ **Sítio:**Empórias (Palaiapolis).
- ❖ **Nome atual:**Sant Martí d'Empúries.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 42.10. Longitude: 3.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** 540 – 480 a.C. : terceira fase de ocupação arcaica (fase IIIb).
- ❖ **Planimetria:** Casas de planta retangular, de traçado contínuo e bastante retilíneo, com comprimento longo e variável (superior a 6m) e largura de cerca de 2,40m.
- ❖ **Técnica construtiva:** Pedra calcária ligada com argila, nas fundações das paredes de adobe.
- ❖ **Descrição:** Paredes das casas alinhadas umas às outras, ao longo de um eixo viário (o mesmo citado na ficha 12), adaptado ao terreno; a via foi mantida até o início do IV séc. a.C., passando por várias reformas, o que reforça a tese de coexistência de Palaiapolis com o desenvolvimento de Neápolis. As estruturas domésticas bordejavam o eixo viário, alinhando-se a ele de modo ligeiramente terraceado. Apesar das poucas evidências no limite norte, alguns restos de muros indicam que o comprimento eles chegava a 8,5 ou 9m. As fundações foram reforçadas, chegando a 50/60cm de altura, sobre as quais eram erguidas as paredes de adobe. As paredes que formam a fachada das casas possuem vãos de acesso, que às vezes aparecem indicados por grandes blocos

calcários que serviam de base para os montantes da porta. A disposição das casas demonstraria o intuito de ordenação e sistematização do espaço, condicionada pela topografia do promontório onde estava o assentamento.

- ❖ **Vestígios encontrados:** Não havia estruturas ou dispositivos de divisão interna das casas, o que sugere a multifuncionalidade dos espaços, e a presença de braseiros em pavimentos formados por capas de argila compactada, além da cultura material encontrada (não há menção a isso nos dados disponíveis) atribuem a função doméstica a estes ambientes.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação leste-oeste, conforme o eixo viário contíguo às habitações. Hábitat localizado na área da Rua Corral, na atual cidade de Sant Martí d'Empúries.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J., *Nuevos datos acerca del hábitat arcaico de la Palaia Polis de Emporion*, in *Hábitat et Urbanisme dans le Monde Grec de la fin des Palais Mycéniens à la Prise de Milet (494 av. J.C.)*. Pallas: Revue des Études Antiques, 58. Presses Universitaires du Mirail. 2002; AQUILUÉ, X., VILASECA, L.B., CASTANYER, P., ESTEBA, Q., PONS, E., SANTOS, M., TREMOLEDA, J., *Els assentaments indígenes i l'ocupació grega arcaica de Sant Martí d'Empúries (L'Escala, Alt Empordà). Resultats del projecte d'intervencions arqueològiques de 1994 i 1995*, in *L'hàbitat protohistòric a Catalunya, Rosselló i Lluçanès Occidental. Actualitat de l'arqueologia de l'edat del Ferro*. Sèrie Monogràfica 19, Museu d'Arqueologia de Catalunya-Girona, 2000; CICALA, L., *L'edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

- ❖ **Sítio:**Empórias (Neápolis).
- ❖ **Nome atual:**Empúries (assentamento mantido pelo Museu de Arqueologia da Catalunha).
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 42.10. Longitude: 3.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Primeira área (escavação de E. Gandía):segunda metade avançada do VI séc. a.C., início do V séc. a. C. Segunda área (escavação de M. Almagro): segunda metade do séc. VI a.C.
- ❖ **Planimetria:** Quadrangular.
- ❖ **Técnica construtiva:** Chão de argila compactada, similares aos da zona norte de Neápolis.
- ❖ **Descrição:**Primeira área: não há descrição, as casas são apenas mencionadas. Segunda área: presença de revestimento de argila compactada, no chão.
- ❖ **Vestígios encontrados:**Segunda área: conjunto de destaque de cerâmicas permitiu a datação das casas, e existência de uma plataforma de fogueira quadrada, de 80cm de lado, similar às encontradas no setor norte de Neápolis.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação não mencionada. As estruturas escavadas ficavam ao sul da ágora e da stoá tardohelenística, a primeira área mais próxima da ágora, a segunda, mais ao sul.
- ❖ **Referências bibliográficas (dados):**AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J., *Nuevos datos acerca del hábitat arcaico de la Palaia Polis de Emporion*, in *Hábitat et Urbanisme dans le Monde Grec de la fin des Palais Mycéniens à la Prise de Milet (494 av. J.C.)*. Pallas: Revue des Études Antiques, 58. Presses Universitaires du Mirail. 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

- ❖ **Sítio:**Empórias (Neápolis).
- ❖ **Nome atual:**Empúries (assentamento mantido pelo Museu de Arqueologia da Catalunha).
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 42.10. Longitude: 3.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Níveis mais antigos: segunda metade do VI séc. a.C.. Superposição de níveis correspondentes aos séculos V e VI a.C..
- ❖ **Planimetria:** Quadrangular, conforme design das plataformas de argila compactada.
- ❖ **Técnica construtiva:** Chão de argila compactada, com muros de técnica semelhante ao da Palaiaopolis: fundações formadas por duplo paramento de pedras calcárias irregulares, sobre as quais eram erguidas as paredes de adobe.
- ❖ **Descrição:**Quatro habitações situadas a sudoeste de uma ínsula de cronologia mais recente, com níveis arcaicos revelando a construção das casas ao longo de uma rua, como na Palaiaopolis, entretanto, as limitações do terreno escavado não permitiram verificar se eram cômodos de habitação independentes, ou moradias mais complexas. As plataformas de argila quadrangulares, um pouco mais elevadas que o terreno, teriam abrigado fogueiras ou braseiros.
- ❖ **Vestígios encontrados:**Acúmulo de cerâmica e de ânforas referentes aos vários níveis de ocupação das casas, permitindo a datação das construções.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Não há menção à orientação, somente que o setor escavado está ao norte do sítio.
- ❖ **Referências bibliográficas (dados):**AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J., *Nuevos datos acerca del hábitat arcaico de la Palaia Polis de Emporion*, in *Hábitat et Urbanisme dans le Monde Grec de la fin des Palais Mycéniens à la Prise de Milet (494 av. J.C.)*. Pallas: Revue des Études Antiques, 58. Presses Universitaires du Mirail. 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

- ❖ **Sítio:**Empórias (Neápolis).
- ❖ **Nome atual:**Empúries (assentamento mantido pelo Museu de Arqueologia da Catalunha).
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 42.10. Longitude: 3.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período arcaico.
- ❖ **Planimetria:** Quadrangular.
- ❖ **Técnica construtiva:** Chão de argila compactada.
- ❖ **Descrição:** Não há descrição, a existência das casas é apenas mencionada, devido aos vestígios na estratigrafia do local.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Presença de uma base de fogueira ou braseiro, formada por um revestimento de argila compactada e queimada, com 80cm de diâmetro, no máximo, e 5cm de profundidade.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação não mencionada. Os vestígios encontrados estavam na área oeste de Neápolis, perto da parte mais elevada do assentamento, conhecida como “Torre Atalaya”.
- ❖ **Referências bibliográficas (dados):**AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J., *Nuevos datos acerca del hábitat arcaico de la Palaia Polis de Emporion*, in *Hábitat et Urbanisme dans le Monde Grec de la fin des Palais Mycéniens à la Prise de Milet (494 av. J.C.)*. Pallas: Revue des Études Antiques, 58. Presses Universitaires du Mirail. 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

❖ **Sítio:**Empórias (Neápolis).

- ❖ **Nome atual:**Empúries (assentamento mantido pelo Museu de Arqueologia da Catalunha).
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 42.10. Longitude: 3.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Final do V século a.C..
- ❖ **Planimetria:** Indefinida, mas provavelmente retangular.
- ❖ **Técnica construtiva:** Construção com fundações de pedras calcárias, regulares e irregulares, unidas com barro, e paredes de adobe. Provavelmente com chão de argila prensada.
- ❖ **Descrição:**Conforme os dados disponíveis, não foi possível descobrir as dimensões originais da habitação, devido às condições do terreno no momento da escavação, porém a disposição dos vestígios de paredes sugere o formato retangular (muro norte-sul: 3,40m de comprimento, 0,60m de largura e 0,60m de altura; muro leste-oeste: 3,60m de comprimento, 0,60m de largura, 0,50m de altura), pelo ângulo reto que formam. Os muros se adaptariam às irregularidades do terreno.
- ❖ **Vestígios encontrados:**Presença de estruturas destinadas à preparação de alimentos, consistindo em fossas circulares (60cm de diâmetro) com paredes revestidas de argila e fundo plano de pedras. Havia também uma estrutura de cozimento mais evidente, mais irregular, mas definida pela intensa cor rubra da argila e pelos níveis de cinzas que a cobriam.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Estrutura com um muro norte-sul e outro leste-oeste, que se encontram em um ângulo reto. Os vestígios foram encontrados na zona meridional de Neápolis, cujo terreno possui orientação leste-oeste, em direção à Torre Atalaya, o ponto mais elevado do assentamento. Estruturas localizadas junto ao *Serapieion* (templo de Zeus Serapis), abaixo dos estratos mais recentes.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):**AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J., *Nuevos datos acerca del hábitat arcaico de la Palaia Polis de Emporion*, in *Hábitat et Urbanisme dans le Monde Grec de la fin des Palais Mycéniens à la Prise de Milet (494 av. J.C.)*. Pallas: Revue des Études Antiques, 58. Presses Universitaires du Mirail. 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005; SANMARTÍ, E., CASTANYER, P., TREMOLEDA, J., BARBERÁ, J., *Las estructuras griegas de los siglos V y IV a. de J.C., halladas en el sector sur de la Neapolis de Ampurias (Campana de excavaciones del año 1986)*. Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense 12, Castelló de la Plana. 1986.

2.5.3: ELEIA (FICHAS 21 A 42):

Fig.1: Planta do Edifício A.I. (Cicala, 2002:258)

Fig.2: Reconstituição das fases 1 e 2.

(Cicala, 2002:230)

Fig .3. Reconstituição da fase 2.

(Cicala, 2002:191)

❖ *Sítio:Eleia.*

- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:** Quadrangular (fase I); “em L” (fase II).
- ❖ **Técnica construtiva:** “Opera poligonale”.
- ❖ **Descrição:** Esta casa apresenta quatro ambientes cobertos, dois retangulares e dois quadrangulares, sendo o cômodo 1 o central, (3,40m x 4m); o cômodo 2 (1,20m x 4m) constituindo em um pequeno pórtico, ao lado norte do edifício; o cômodo 3 (2,30m x 4m) situado ao sul, e o cômodo 4 (5,80m x 3,10m) aquele que possui as paredes mais conservadas, principalmente ao lado meridional e setentrional.
Além disso, existe um ambiente descoberto (aproximadamente 5,80m x 3,30m) do lado oeste, sem delimitação de muro, mas parte do corpo do edifício. A casa possui duas portas de comunicação interna.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Não há menção aos artefatos encontrados nos ambientes.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação N/O – S/E.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** CICALA, L, *L’edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig. 1: Planta do edifício A.II. (Cicala, 2002:156)

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:** Provavelmente, quadrangular.
- ❖ **Técnica construtiva:** “Opera poligonale”.
- ❖ **Descrição:** Apenas o ângulo N/O está conservado, pela sobreposição do muro de terraceamento superior da Acrópole. As possíveis dimensões máximas seriam de 1,50m x 0,80m, e existiria apenas um cômodo.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Não há menção aos artefatos encontrados na casa.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação N/E – S/O.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** CICALA, L, *L’edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig.1: Planta do edifício A.III (Cicala, 2002:157)

Fig.1: Edifícios A.III e A.IV, no terraço superior da acrópole. (Cicala, 2002:tavVI)

Fig.2: Parede sudoeste do edifício A.III. (Cicala, 2002:203)

Fig.3: Edifícios A.III e A.IV, no terraço superior da acrópole. (Cicala, 2002:tavVII)

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:** Retangular.
- ❖ **Técnica construtiva:** “Opera poligonale”.
- ❖ **Descrição:** A construção apresenta somente um cômodo (5m x 4m) , no qual um dos ângulos está faltando; provavelmente a casa possuía uma divisão interna, o que é perceptível pelo vestígio de parede junto ao muro N/O, mas houve alteração durante o processo de restauro da casa.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Não há menção a artefatos encontrados na estratigrafia da casa.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação N/E-S/O.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** CICALA, L, *L’edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig:1: Planta do edifício A.IV. (Cicala, 2002:158)

Fig:2: Edifícios A.IV e A.V, no terraço superior da acrópole. (Cicala, 2002:tavVII)

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:** Retangular.
- ❖ **Técnica construtiva:** “Opera polygonale”.

- ❖ **Descrição:** A habitação possui apenas um cômodo descoberto, de dimensões 5m x 4m, sua posição pontuada entre os edifícios A.III e A.V, no terraço superior da acrópole. Trata-se de um cômodo aberto no lado S/E.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Não há menção aos artefatos encontrados na estratigrafia da casa.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação N/E –S/O.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** CICALA, L, *L'edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig.1: Planta do edifício A.V. (Cicala, 2002:159)

Fig.2: Reconstrução do edifício A.V. (Cicala, 2002:228)

Fig.3: Edifício A.V, no terraço superior da acrópole. (Cicala, 2002:tavVIII)

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:** Retangular.

- ❖ **Técnica construtiva:** “*Opera poligonale*”.
- ❖ **Descrição:** A habitação possui dois cômodos cobertos, um do lado nordeste do edifício, quadrado, de dimensões 4,10m x 4,10m, o outro a sudoeste da construção, retangular, com dimensões 1,50m x 4,10m, e uma porta de acesso.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Não há menção aos artefatos encontrados na casa.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação N/E –S/O.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** CICALA, L, *L’edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig.1: Planta do edifício A.VI.

Fig.2: Reconstrução do edifício A.VI.

(Cicala, 2002:161)

(Cicala, 2002:227)

Fig.3: Esquema da parede sudoeste do edifício A.VI. (Cicala, 2002:205)

Fig.4: Edifício A.VI, terraço superior da acrópole. Fig.5: Edifícios A.VI e A.V, na acrópole.
(Cicala, 2002:tavIX)

(Cicala, 2002:tavIX)

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:** Quadrangular (quadrada).
- ❖ **Técnica construtiva:** “*Opera poligonale*”.
- ❖ **Descrição:** O edifício sofreu mudanças e sobreposições no lado sudeste, com a instalação de uma fornalha no período medieval (cômodo 13); o lado noroeste possui várias lacunas, principalmente no cômodo 14. A casa tem quatro ambientes cobertos, três deles de planta retangular, e um quadrado. Apresenta porta de acesso a sudoeste, no traço central do edifício.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Sem dados disponíveis.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação N/E – S/O.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** CICALA, L, *L’edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig.1: Planta do edifício A.VII. (Cicala 2002:162)

Fig.2: Esquema da parede noroeste do edifício A.VII. (Cicala, 2002:202)

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:** Quadrangular (quadrada).
- ❖ **Técnica construtiva:** “Opera polygonale”.
- ❖ **Descrição:** A casa apresenta apenas um cômodo coberto, de dimensões 5,30m x 6m, e duas portas de acesso, hipoteticamente dos lados sudeste e oeste do edifício, respectivamente. O limite sudeste está faltando.

- ❖ ***Vestígios encontrados:***Sem dados disponíveis.
- ❖ ***Posicionamento na malha urbana:***Orientação N/E – S/O.
- ❖ ***Referências bibliográficas (imagens/dados):*** CICALA, L, *L'edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig.1: Planta do edifício A.VIII. (Cicala, 2002:163)

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:** Retangular (?).
- ❖ **Técnica construtiva:** “Opera poligonale”.
- ❖ **Descrição:** A base da habitação, com o plano dos pavimentos, é talhada na rocha; falta o lado norte, devido à instalação de uma fornalha no período medieval. A casa possui dois cômodos cobertos, um a oeste do edifício e outro a leste.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Sem dados disponíveis.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação E – O.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** CICALA, L, *L’edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig.1: Planta do edifício A.IX. (Cicala, 2002:164)

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:** Retangular (?).
- ❖ **Técnica construtiva:** “Opera poligonale”.
- ❖ **Descrição:** As partes norte e sul do edifício estão faltando, em particular o cômodo 18, inclinado em direção sul – sudeste, devido ao deslizamento do terraço sobre o qual está a casa. Esta apresenta dois cômodos cobertos, um a sul e outro a norte, com a hipótese da existência de uma porta de acesso.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Sem dados disponíveis.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação N-S.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** CICALA, L, *L’edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig.1: Planta do edifício A.X. (Cicala, 2002:166)

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:**
- ❖ **Técnica construtiva:** “Opera poligonale”.
- ❖ **Descrição:** Apenas o ângulo sudoeste do cômodo 20 perdurou, pela sobreposição do muro de terraceamento I. Dimensões hipotéticas máximas do cômodo: 2,50m x 2,00m.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Sem dados disponíveis.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação N-S.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** CICALA, L, *L’edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig.1: Planta do edifício A.XI. (Cicala, 2002:167)

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:** Retangular.
- ❖ **Técnica construtiva:** “Opera polygonale”.
- ❖ **Descrição:** O edifício apresenta muitas lacunas, pela sobreposição do muro de terraceamento I; podemos ver o lado oeste do cômodo coberto 21 e parte do muro perimetral leste do cômodo coberto 22, ambos de planta retangular.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Sem dados disponíveis.

❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação N-S.

❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** CICALA, L, *L'edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig.1: Planta do edifício A.XII.

Fig.2: Edifício A.XII, na acrópole. (Cicala, 2002:tavIII)

(Cicala, 2002:168)

Fig.3: Reconstrução do edifício A.XII. Fig.4: Reconstrução do edifício A.XII.

(Cicala, 2002:186)(Cicala, 2002:225)

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:** Retangular.
- ❖ **Técnica construtiva:** “*Opera poligonale*”.
- ❖ **Descrição:** A habitação sofreu sobreposição do muro de terraceamento em seu lado oeste, e depois, da construção da estrutura do teatro; o limite oeste dos ambientes 24 e 25 está faltando, assim como o limite norte do ambiente 23, os três classificados como cômodos cobertos – um retangular, os outros quadrados. A casa ainda possui um ambiente descoberto, retangular, ao sul, onde há evidências de um poço circular (diâmetro estimado: 0,80m), revestido em pedra bruta, com anel de terracota.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Sem dados disponíveis.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação N-S.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** CICALA, L, *L’edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig.1: Planta do edifício A.XIII. (Cicala, 2002:169)

Fig.2: Edifício A.XIII (à direita), e edifício A.XXI (à esquerda). (Cicala, 2002:tavIV)

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.

- ❖ ***Cronologia aproximada:*** Período tardoarcaico.
- ❖ ***Planimetria:*** Retangular.
- ❖ ***Técnica construtiva:*** “*Opera poligonale*”.
- ❖ ***Descrição:*** O edifício foi profundamente perturbado pela sobreposição do muro de terraceamento, o que gerou lacunas nos lados norte e sul da habitação, que possui três cômodos cobertos, hipoteticamente, de planta retangular.
- ❖ ***Vestígios encontrados:*** Sem dados disponíveis.
- ❖ ***Posicionamento na malha urbana:*** Orientação E-O.
- ❖ ***Referências bibliográficas (imagens/dados):*** CICALA, L, *L’edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig.1. Planta do edifício A.XIV.
(Cicala, 2002: 171)

Fig. 2: Parede oeste do edifício A.XIV. (Cicala, 2002:201)

Fig.3: Reconstrução do edifício A.XIV. (Cicala, 2002:228)

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:** Retangular.

- ❖ **Técnica construtiva:** “*Opera poligonale*”.
- ❖ **Descrição:** Há lacunas no lado meridional do edifício (cômodo 30), e no lado oriental, correspondente ao cômodo coberto 31. Dimensões dos cômodos: 3,00m x 3,90m (30) e 3,20m x 3,90m (31). Existe evidência de uma porta de comunicação interna entre os referidos cômodos.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Sem dados disponíveis.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação N-S.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** CICALA, L, *L’edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig.1: Planta do edifício A.XV.

Fig.2: Reconstituição do edifício A.XV. (Cicala, 2002:226)

(Cicala, 2002:172)

Fig.3: Edifício A.XV, terraço superior da acrópole.

Fig.4: Estrada vista do edifício A.XV.

(Cicala, 2002:tavX)(Cicala, 2002:tavX)

Fig.5: Edifício A.XV, em escavação.
(Cicala, 2002:tavXI)(Cicala, 2002:tavXI)

Fig.6: Edifício A.XV. Técnica construtiva.

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:** Retangular.
- ❖ **Técnica construtiva:** “Opera poligonale”.
- ❖ **Descrição:** A parede oeste, hoje inexistente, era originalmente feita de adobe. A casa possui dois cômodos cobertos, um retangular (6,40m x 4,00m [?]), a norte, e outro quadrado (3,75m x 4,00m [?]), a sul da habitação, com duas portas de acesso, e uma porta de comunicação interna.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Sem dados disponíveis.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação N-S.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** CICALA, L, *L’edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig. 1: Planta do edifício A.XVI. (Cicala, 2002:173)

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:** Não identificada.
- ❖ **Técnica construtiva:** “Opera poligonale”.
- ❖ **Descrição:** Apenas parte do lado oeste e norte do cômodo 36 são visíveis.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Sem dados disponíveis.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação N-S.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** CICALA, L, *L’edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig.1. Planta do edifício A.XVII.

(Cicala, 2002:174)

Fig.2: Parede norte do edifício A.XVII.

(Cicala, 2002:200)

Fig.3: Edifício A.XVII, em escavação.

(Cicala, 2002:tavXII)

Fig.4: Edifício A.XVII, em primeiro plano.

(Cicala, 2002:tavV)

Fig.5: Parede sul do edifício A.XVII.

(Cicala, 2002:200)

Fig.6: Parede sul do edifício A.XVII.

(Cicala, 2002:tavXV)

Fig.7: Edifício A.XVII, em primeiro plano, à direita.

(Cicala, 2002:tavV)

Fig.8: Corte do cômodo 38, edifício A.XVII.

(Cicala, 2002:tavXII)

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:** Retangular.
- ❖ **Técnica construtiva:** “Opera poligonale”.
- ❖ **Descrição:** O edifício possui apenas um cômodo coberto, retangular, com dimensões 6,40m x 3,80m; a construção é inteiramente visível, com a parede oeste, elevada, íntegra. O vão consiste no espaço residencial do edifício, que tem uma porta de acesso e

outra de circulação interna, além de um corredor curto. O ambiente descoberto, a leste da construção, tem formato “em L”, de dimensões 5,80m x 6,40m.

- ❖ ***Vestígios encontrados:*** Sem dados disponíveis.
- ❖ ***Posicionamento na malha urbana:*** Orientação N-S.
- ❖ ***Referências bibliográficas (imagens/dados):*** CICALA, L, *L'edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig.1: Planta do edifício A.XVIII.
(Cicala, 2002:175)

Fig.2: Reconstituição do edifício A.XVIII.
(Cicala, 2002:185)

Fig.3: Reconstituição do edifício A.XVIII.
(Cicala, 2002:227)

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:** Retangular.

- ❖ **Técnica construtiva:** “*Opera poligonale*”.
- ❖ **Descrição:** Cerca de 2-3 fileiras de pedra estão conservadas, e a casa apresenta dois cômodos cobertos, um a sul e outro a leste do edifício, além de uma porta de circulação interna.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Sem dados disponíveis.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação N-S.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** CICALA, L, *L’edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig.1: Planta do edifício A.XIX. (Cicala, 2002:177)

Fig.2: Reconstituição do edifício A.XIX. (Cicala, 2002:219)

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:** Retangular.
- ❖ **Técnica construtiva:** “Opera poligonale”.

- ❖ **Descrição:** O edifício não apresenta sinais de distúrbio ou sobreposição, possuindo dois cômodos cobertos, retangulares, de dimensões 2,30m x 4,50m (44) e 3,00m x 4,50m (45), além de um ambiente descoberto, a leste da construção, junto ao grande canal de drenagem de água.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Sem dados disponíveis.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação N-S.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** CICALA, L, *L'edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig.1: Planta do edifício A.XX. (Cicala, 2002:178)

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:** Retangular.
- ❖ **Técnica construtiva:** “Opera poligonale”.
- ❖ **Descrição:** O muro de contenção oeste está bem conservado, e a casa possui um cômodo coberto e outro descoberto, um a norte e outro a sul, respectivamente, com uma porta de acesso e outra de comunicação interna.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Sem dados disponíveis.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação N-S.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** CICALA, L, *L’edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig.1: Planta do edifício A.XXI. (Cicala, 2002:180)

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:** Não identificada.
- ❖ **Técnica construtiva:** “Opera poligonale”.
- ❖ **Descrição:** Somente o ângulo sudoeste do ambiente 53 é visível, devido à sobreposição do muro de terraceamento relativo à estrada helenística, que levava ao santuário do terraço superior da acrópole.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Sem dados disponíveis.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação E-O.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** CICALA, L, *L’edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

Fig.1: Planta do edifício A.XXII. (Cicala, 2002:181)

- ❖ **Sítio:** Eleia.
- ❖ **Nome atual:** Velia.
- ❖ **Localização geográfica:** Latitude: 40.10. Longitude: 15.10. Conforme Hansen & Nielsen.
- ❖ **Cronologia aproximada:** Período tardoarcaico.
- ❖ **Planimetria:** Retangular (?). Não identificada.
- ❖ **Técnica construtiva:** “Opera poligonale”.
- ❖ **Descrição:** Apenas partes das paredes ocidental e oriental estão conservadas; considerando a presença do edifício A.XV a sul, estima-se que as paredes não passavam de 10m de comprimento.
- ❖ **Vestígios encontrados:** Sem dados disponíveis.
- ❖ **Posicionamento na malha urbana:** Orientação N-S.
- ❖ **Referências bibliográficas (imagens/dados):** CICALA, L, *L’edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002; HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*, Oxford University Press, 2005.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, abordamos os *emporia* e o apoikismo focu no Mediterrâneo Ocidental, fornecendo um pequeno panorama histórico de Focéia e dos motivos pelos quais estes gregos se aventuraram em águas e terras tão distantes de casa. Alguns desses locais, contudo, passaram a ser “a casa distante de casa”, visto a queda de Focéia e as ligações favoráveis entre focu e não gregos, para sua instalação em terras ocidentais.

Massália, Empórias e Eleia possuem um vínculo comum ao possuir fundação focéia, entretanto, como acompanhamos até aqui, cada pólis tem sua particularidade; mesmo Massália e Empórias, mais próximas e com o adendo da última surgir mediante fundação da primeira, vivem realidades diferentes ao longo do tempo, devido aos contatos com não gregos e apropriações culturais de ambos os lados, conforme abordado até aqui.

Eleia, aparentemente a mais distante de suas “irmãs” complementa a análise da configuração urbana de Massália, devido aos achados de ambas, e assim, nos dispusemos a catalogar e analisar as casas e hábitats das três *apoikiai*, para verificar suas semelhanças e diferenças, na busca de um legado distinto dos focu.

Ao avaliarmos a base de dados, composta pelas fichas do catálogo final, pudemos concluir semelhanças na forma de ocupação do território, sendo que as primeiras casas estão localizadas em região de colina ou promontório – algo já citado na introdução deste volume – e a partir do desenvolvimento natural e orgânico da cidade, as casas se dispõem em um plano irregular, no todo do plano urbano, mas regular na relação ou posicionamento de uma casa com a outra.

Assim, temos nestas cidades uma tendência a formar bairros residenciais uniformes, porém não homogêneos, visto que não há uma preocupação em formar um plano hipodâmico perfeito. Os lotes são organizados de acordo com a necessidade de moradores e da cidade – vide que Massália, Empórias e Eleia passam por reformas ao longo do recorte cronológico de nossa pesquisa, porém, não há traços de uma identidade focéia em tais características.

As casas das três *apoikiai* possuem basicamente a mesma forma, técnica de construção e materiais empregados – com a única diferença na presença da “opera poligonale” em Eleia – e a priori, quando começamos esta investigação, realmente consideramos a exclusividade deste método em terra eleata, mas como visto ao longo desta pesquisa, não seria este o caso.

Nossa proposta consiste em verificar as particularidades dos focos, diante de outros colonos gregos – como abordado no **capítulo 1**, no qual falamos das casas do sul da Itália e da Magna Grécia, mas é ao contrapor seu contexto com o não grego que temos as bases de nossas conclusões, juntamente com a análise das casas de nosso catálogo.

A morfologia das casas de período Arcaico e Clássico é basicamente a mesma, mantendo o formato retangular/quadrangular, nas três *apoikiai*; o que muda é a especialização do espaço, que mesmo assim, aparece como algo gradual, marcada na divisão de cômodos e na reforma de algumas casas. A maioria das casas arcaicas é unicelular e multifuncional, e mesmo as casas com mais de um cômodo não chegam a obedecer ao estilo geralmente encontrado nas pesquisas sobre as casas gregas, com pátio aberto, peristilo, e demais elementos arquitetônicos mais tardios.

Na obra de Vilaseca (1998), a abordagem do sítio de Empórias em época Helenística mostra a complexidade de algumas residências em relação a outras, com mosaicos, e a adoção de um sistema hidráulico sofisticado; os vestígios helenísticos de Massália indicam a construção de casas mais elaboradas, e a fundação de Ólbia e Glanum é um exemplo disso (Dietler 2010), conforme os vestígios de planificação intencional e da construção de casas mais próximas dos exemplos dados por Cahill e Nevett, ao abordar Olinto, como visto no primeiro capítulo.

Anteriormente, no recorte cronológico de nossa pesquisa, o que percebemos é uma experimentação vernacular, na qual gregos e também os não gregos testavam maneiras de organização do espaço doméstico que serviam melhor às suas necessidades, conforme o seu cotidiano, e o mesmo foi feito em relação à organização e especialização do espaço urbano (Dietler 2010:291).

Uma única casa pode simultaneamente transmitir um número de mensagens sobre vários e diferentes aspectos ligados à identidade, ou mesmo sobre uma variedade de identidades; contudo, o método (ou técnica) de construção grego utilizado em muitas

partes da Grécia, até o século XX, tinha vantagens óbvias – como recursos e materiais de fácil acesso e moldagem, mas as paredes precisavam de manutenção, o mesmo com tetos de palha (Nevett 2010:08-10). Assim, não podemos falar em um método exclusivamente focu, ou mesmo grego, ao considerarmos que existiu uma apropriação de diversos elementos culturais entre gregos e não gregos (Dietler 2010:262).

Segundo Dietler, a arquitetura e organização em Massália surgiam como produtos de um processo similar de experimentação local ocorrido através de um conjunto diferente de disposições culturais dirigidas ao espaço cívico e à forma doméstica, em uma estrutura diversa de relações sociais (Dietler 2010:262). Mesmo a questão dos materiais entra em xeque, visto que as fundações de pedra substituiriam a madeira, então cada vez mais escassa devido ao aumento demográfico na costa de Massália, e nas aldeias/*oppida* indígenas, como exemplificado por Dietler, em sua obra.

As casas de cômodo único, multifuncionais, são também comuns aos não gregos, e muitos exemplos de moradias nesse estilo mostram que tarefas domésticas específicas possuem seu “local de costume”, mesmo se não estão delimitados por paredes; o mesmo pode ocorrer para os movimentos dos ocupantes, que podem ser limitados a certas partes da casa unicelular, mesmo sem a existência de barreiras físicas a demarcar os espaços separados para eles (Nevett 2010:77).

A maioria das estruturas citadas acima possui como regra uma entrada em um dos lados menores, e muita variação na extensão do chão ou piso; a falta de divisões interiores permitia que todas as atividades fossem vivenciadas ou presenciadas por todos os moradores, ou seja, não existia privacidade, no sentido em que a conhecemos (Nevett 2010:27).

A quantidade de espaço disponível afeta o conjunto das tarefas empreendidas no interior da casa e o número de atividades feitas ao mesmo tempo; considerando isso, temos um aumento de busca de privacidade e uma definição do espaço público em contraposição ao privado, quando as atividades normalmente feitas no exterior da casa unicelular e multifuncional passam a ser realizadas no interior do espaço doméstico, sem contato com o exterior, devido à separação e especialização de cômodos (Nevett 2010:26-27).

Com isso, e considerando a morfologia das casas das *apoikiai* analisadas, temos que essa foi a tendência por boa parte do recorte cronológico de nosso trabalho, o que pode ser comprovado também pelos objetos encontrados nelas, geralmente cerâmicas de uso doméstico ou para armazenagem de vinho, poucos objetos decorativos, e muitos vestígios de fragmentos das estruturas, em Massália e Empórias. O caso de Eleia é diferente, e justamente por isso funciona como nossa base para indicar que provavelmente a configuração das três cidades era semelhante.

Ora, isso não serve como prova de um estilo focu de cidade, pela semelhança com estruturas da Grécia continental e também com estruturas de assentamentos não gregos; nem todos os nativos moravam em cabanas, mas já experimentavam o formato quadrangular das casas, ou a arquitetura em tijolos de barro ou adobe, antes do VI século a.C. (Moret 2002:330).

No Mediterrâneo Ocidental, a experimentação vernacular envolveu também fenícios e etruscos, portanto, o que temos ali é um estilo que não é próprio de um único povo; também os gregos experimentaram e aprenderam com o contato com os não gregos, e em uma área de intenso emaranhamento e trocas culturais, é plausível que possamos falar em um “modelo mediterrânico”, ou até mesmo na ausência de um modelo fixo para a organização do espaço doméstico, e da configuração urbana das cidades estudadas.

Desse modo, retomamos Roland Martin e, ao inviabilizar seu modelo focu de urbanismo, podemos incluir também a inviabilidade de um modelo de construção doméstica; assim como a identidade é permeável e permite trocas e adaptações, o mesmo acontece com os sinais que a tornam visível – principalmente no contexto da esfera doméstica, que, conforme abordamos ao longo deste trabalho, é o espaço da vida cotidiana em excelência.

Assim, concluímos que não há um modelo fixo de residência, no contexto das relações entre os povos do Mediterrâneo Ocidental; o papel do espaço doméstico nas *apoikiai* gregas da região é importante para a expansão das pólis de Massália, Empórias e Eleia, mas enquanto elemento de identidade, sua adaptabilidade vai além do que pode ser considerado “grego”, ao menos no recorte cronológico proposto, indicando as possibilidades e potenciais aproveitados, na tentativa de descobrir uma fórmula que

fosse mais adequada à realidade dos moradores, e à necessidade de ordem de cada cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I. FONTES TEXTUAIS:

ESTRABÃO, *Geography*. Livros 3-5. Tradução de Horace Leonard Jones, Loeb Classical Library, Harvard University Press.

ESTRABÃO, *Geography*. Livros 6-7. Tradução de Horace Leonard Jones, Loeb Classical Library, Harvard University Press.

HERÓDOTO, *The Persian Wars*. Livros 1-2. Tradução de A. D. Godley, Loeb Classical Library, Harvard University Press.

JUSTINO, *Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus*, Livro XLIII, acessado no site “Corpus Scriptorum Latinorum: A Digital Library of Latin Literature” (<http://www.forumromanum.org/literature/justin/english/trans43.html>).

TUCÍDIDES, *History of the Peloponnesian Wars*. Livros 1-2. Tradução de C. F. Smith, Loeb Classical Library, Harvard University Press.

II. BIBLIOGRAFIA GERAL:

ALLISON, P.M., *The Archaeology of Household Activities*. Routledge, New York, 1999.

ASTONE, F., *Il Mediterraneo Antico e le Rotte dei Focei: da Tartesso ad Elea-Velia (passado per Agropoli)*, in *Annali Storici di Principato Citra*, XIII, 1, 2015, pp. 42-74.

AQUILUÉ, X., VILASECA, L.B., CASTANYER, P., ESTEBA, Q., PONS, E., SANTOS, M., TREMOLEDA, J., *Els assentaments indígenes i l'ocupació grega arcaica de Sant Martí d'Empúries (L'Escala, Alt Empordà). Resultats del projecte d'intervencions arqueològiques de 1994 i 1995*, in *L'hàbitat protohistòric a Catalunya, Rosselló i Lluenguadoc Occidental. Actualitat de l'arqueologia de l'edat del Ferro*. Sèrie Monogràfica 19, Museu d'Arqueologia de Catalunya-Girona, 2000.

AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J., *Grecs et indigènes aux origines de l'enclave phocéenne d'Emporion*, in TRÉZINY, H. (ed.), *Grecs et indigènes de la Catalogne à la Mer Noire, programme du 6e PCRD*, Ramses 2, Aix-en-Provence-Paris, 2010.

AULT, B.A., *Oikos and oikonomia: Greek houses, households and the domestic economy*, in WESTGATE, R., FISHER, N., e WHITLEY, J. (eds.), *Building Communities: House, Settlement and Society in the Aegean and Beyond*. British School at Athens, London, 2007, pp. 259 – 265.

BARRA BAGNASCO, M., *La casa in Magna Grecia*, in D'ANDRIA, F., MANNINO, K. (eds.), *Richerche sulla casa in Magna Grecia e Sicilia*, Atti del Colloquio, Lecce, 23-24 junho1992, Congedo Editore, Galatina, 1996.

BATS, M., *Les colonies massaliètes de Gaule méridionale: sources et modèles d'un urbanisme militaire aux IV^e – III^e s. av. J.-C.*, in AGUSTA-BOULAROT, S., e LAFON, X.(eds.), *Des Ibères aux Vénètes*. Collection de l'Ecole Française de Rome, 2004.

BATS, M. (ed.), *D'un monde à l'autre: contacts et acculturation en Gaule Méditerranéenne*.Collection du Centre Jean Bérard, 42. Nápoles, Centre Jean Bérard, 2013.

BOURDIEU, P., *Esboço de uma Teoria da Prática*, in ORTIZ, R., (org.) *Pierre Bourdieu: Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais*. Editora Ática, São Paulo, 1994.

BRESSON, A., ROUILLARD, P., *L'emporion*. Publications du Centre Pierre Paris (URA 991), 26, 1993.

BRESSON, A., *L'économie de la Grèce dès cités (fin VI^e – I^{er} siècle a.C.): I. Les structures et la production*. Armand Colin, Paris, 2007.

BRESSON, A., *L'économie de la Grèce dès cités (fin VI^e – I^{er} siècle a.C.): II. Les espaces de l'échange*. Armand Colin, Paris, 2008.

CAHILL, N., *Household and City Organization at Olynthos*. Yale University Press, New Haven and London. 2001.

CICALA, L, *L'edilizia domestica tardo arcaica di Elea*. Quaderni del Centro Studi Magna Grecia, 2. Naus Editoria, 2002.

COLLIN BOUFFIER, S., BERNARD, L., TRÉZINY, H., *Greco et indigènes dans le territoire de Marseille*, in TRÉZINY, H. (ed.), *Greco et indigènes de la Catalogne à la Mer Noire, programme du 6e PCD*, Ramses 2, Aix-en-Provence-Paris, 2010.

CORDESEN, A., *The Pastas House in Archaic Greek Sicily*, in *Acta Hyperborea* 6, 1995, pp. 103-121.

DE MIRO, E., *La casa greca in Sicilia*, in D'ANDRIA, F., MANNINO, K. (eds.), *Ricerca sulla casa in Magna Grecia e Sicilia*, Atti del Colloquio, Lecce, 23-24 junho 1992, Congedo Editore, Galatina, 1996.

DEMETRIOU, D., *Negotiating Identity in the Ancient Mediterranean: the Archaic and Classical Greek Multiethnic Emporia*. Cambridge University Press, New York, 2012.

DIETLER, M., *Colonial Encounters in Iberia and the Western Mediterranean: an Exploratory Framework*, in DIETLER, M., LÓPEZ-RUIZ, C. (eds.), *Colonial Encounters in Ancient Iberia: Phoenician, Greek, and indigenous relations*. University of Chicago Press, Chicago, 2009.

DIETLER, M., *Archaeologies of Colonialism: consumption, entanglement, and violence in ancient Mediterranean France*. University of California Press, Berkeley and Los Angeles, 2010.

DOUGHERTY, C. *The Poetics of Colonization: From City to Text in Archaic Greece*. Oxford University Press, 1993.

FIGUEIRA, T.J., *Karl Polanyi and Ancient Greek Trade: the Port of Trade*. AW, 133, 1984, pp. 15-30.

FLORENZANO, M.B.B., *A Contribuição das Colônias Ocidentais na Construção da Identidade Políade: Subsídios do Uso e da Organização do Espaço. Resultados Preliminares*, in FLORENZANO, M.B.B. e HIRATA, E.F.V. (orgs.), *Estudos sobre a Cidade Antiga*, EDUSP, São Paulo, 2009.

- GANTÈS, F., *La topographie de Marseille grecque. Bilan des recherches (1829-1991)*, in *Marseille grecque et la Gaule*, Actes du Colloque International d'Histoire et Archéologie, Marseille, 1990, Études Massaliètes 3, Aix-in-Provence, 1992, pp. 71-88.
- GRAS, M., *O Mediterrâneo Arcaico*. Teorema, Lisboa, 1998.
- GRAS, M., TRÉZINY, H., *La città greca dalle origini alla fine dell'età arcaica*, in MINÁ, P. (ed.), *Urbanistica e Architettura nella Sicilia Greca*. Palermo, 2005, pp.23-29.
- GRECO, E., *Velia e Palinuro. Problemi di topografia antica*, in *MEFRA*, 87, 1975, pp. 81-142.
- GRECO, G., *Velia. La visita alla città*. Naus Editoria, Pozzuoli, 2002.
- HANSEN, H., NIELSEN, T., *The Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*. Oxford University Press, 2005.
- HANSEN, H., *Emporion: A Study of the Use and Meaning of the Term in the Archaic and Classical Periods*, in TSETSKHLADZE, G. (ed.), *Greek Colonization: An Account of Greek Colonies and Other Settlements Overseas – vol. I*. Brill, Leiden, 2006.
- HODDER, I., *Entangled: an Archaeology of the Relationships between Humans and Things*. Wiley-Blackwell, 2012.
- HODGE, A.T., *Ancient Greek France*. Duckworth, 1998.
- KAISER, A., *Ethnic Identity and Urban Fabric: The Case of the Greeks at Empúries, Spain*. *Journal of Mediterranean Archaeology*, 13.2. 2000, pp. 189-203.
- LANG, F., *Housing and settlement in Archaic Greece*, in *Hábitat et Urbanisme dans le Monde Grec de la fin des Palais Mycéniens à la Prise de Milet (494 av. J.C.)*. Pallas: Revue des Études Antiques, 58. Presses Universitaires du Mirail. 2002, pp. 13-32.
- LANG, F., *House – community – settlement: the new concept of living in Archaic Greece*, in WESTGATE, R., FISHER, N., e WHITLEY, J. (eds.), *Building Communities: House, Settlement and Society in the Aegean and Beyond*. British School at Athens, London, 2007, pp. 183 – 193.
- LEPORE, E., *Strutture della colonizzazione focea in Occidente*, in *Parola del Passato*, 25, 1970.

LOMBARDO, M., *Profughi e coloni dell'Asia Minore in Magna Grecia (VII-V sec.a.C.)*, extraído de *Magna Grecia e Oriente Meditteraneo prima dell'età Ellenistica*, Atti Del trentanovesimo convegno di studi sulla Magna Grecia. Taranto, 1999.

LOMBARDO, M., *Émporoi, Emporion, Emporitai: Forme e Dinamiche della Presenza Greca nella Penisola Iberica*, in URSO, G. (ed.), *Hispania Terris Omnibus Felicior: Premesse ed esite di un processo di integrazione*, Atti del Convegno Internazionale, Cividale del Friuli, 27-29 settembre 2001, Edizioni ETS, Pisa, 2002, pp. 73-86.

LOW, S.M., CHAMBERS, E. (eds.), *Housing, Culture and Design: a Comparative Perspective*. University of Pennsylvania Press, 1989.

MALKIN, I., *A Small Greek World: networks in the Ancient Mediterranean*. Oxford University Press, Oxford, 2012.

MARTIN, R. “*Rapports entre les structures urbaines et les modes de division et d'exploitation du territoire*”, in FINLEY, M.I. (ed.), *Problèmes de la terre en Grèce ancienne*. Paris, Mouton, 1973, pp. 97-112.

MONEDERO, A.J.D., *Los griegos en Iberia*, in SÁNCHEZ-MORENO, E. (ed.), *Historia de España: Protohistoria y Antigüedad de la Península Ibérica, vol. I*. Sílex Ediciones, Madrid, 2007.

MOREL, J.P., *Les Phocéens dans la mer Tyrrhénienne*, in *Flotte e commercio greco, cartaginese ed etrusco nel Mar Tirreno*, Atti del simposio europeo di Ravello (1987), Strasbourg, 1988.

MOREL, J.P., *Problématiques de la colonisation grecque en Méditerranée occidentale: l'exemple des réseaux*, in ANTONETTI, C. (ed.); *Il dinamismo della colonizzazione greca*, Nápoles, 1997.

MOREL, J.P., *Hyèlè revue à la lumière de Massalia*, in KRINZINGER, F., e TOCCO, G. (eds.), *Neue Forschungen in Velia*, Atti del Convegno “La ricerca archeologica a Velia”, Roma, 1-2 julho 1993, Velia-Studien I. Viena, 1999, pp. 11-22.

MORET, P., *Maisons phéniciennes, grecques et indigenes: dynamiques croisées en Méditerranée occidentale (de l'Hérault au Segura)*, in *Hábitat et Urbanisme dans le*

Monde Grec de la fin des Palais Mycéniens à la Prise de Milet (494 av. J.C.). Pallas: Revue des Études Antiques, 58. Presses Universitaires du Mirail. 2002, pp. 329-356.

MORGAN, J., *The Classical Greek House*. Bristol Phoenix Press, Exeter, 2010.

MORRIS, I., *Archaeology and Archaic Greek History*, in FISHER, N., e VAN WEES, H. (eds.), *Archaic Greece: New Approaches and New Evidence*. Duckworth, London, 2002, pp. 01-92.

NEVETT, L., *The organization of space in Classical and Hellenistic houses from mainland Greece and the western colonies*, in SPENCER, N. (ed.), *Time, Tradition and Society in Greek Archaeology: Bridging the "Great Divide"*. Routledge, New York, 1995, pp. 89-108.

NEVETT, L., *House and Society in the Ancient Greek World*. Cambridge University Press, New York, 1999.

NEVETT, L., *Greek houses as a source of evidence for social relations*, in WESTGATE, R., FISHER, N., e WHITLEY, J. (eds.), *Building Communities: House, Settlement and Society in the Aegean and Beyond*. British School at Athens, London, 2007, pp. 05 – 10.

NEVETT, L., *Domestic Space in Classical Antiquity*. Cambridge University Press, New York, 2010.

PESANDO, F., *Oikos et Ktesis: La casa greca in età clássica*. Edizioni Quasar, Perugia, 1987.

PESANDO, F., *La casa dei Greci*. Longanesi & C., Milano, 1989.

POLANYI, K., ARENSBERG, C.M., PEARSON, H.W., *Trade and Market in the Early Empires: Economies in History and Theory*. The Free Press, New York, 1965.

RAPOPORT, A., *House Form and Culture*. Prentice-Hall, 1969.

RAPOPORT, A., *The Meaning of the Built Environment: a Non-Verbal Communication Approach*. The University of Arizona Press, 1990.

REED, C.M., *Maritime Traders in the Ancient Greek World*. Cambridge University Press, 2007.

RIVA, C., “*Trading Settlements and the Materiality of Wine Consumption*”, in VAN DOMMELEN, P., e KNAPP, A.B. (eds.), *Material Connections in the Ancient Mediterranean: Mobility, Materiality and Identity*. Routledge, New York, 2010.

ROMANOU, D., *Residence design and variation in residential group structure: a case study, Mallia*, in WESTGATE, R., FISHER, N., e WHITLEY, J. (eds.), *Building Communities: House, Settlement and Society in the Aegean and Beyond*. British School at Athens, London, 2007, pp. 77 – 90.

ROTHÉ, M-P., *Marseille et ses Alentours. Carte Archéologique de la Gaule, 13/3*. Paris, 2005.

SKEATES, R., *Trade and Interaction*, in CUNLIFFE, B., GOSDEN, C., JOYCE, R.A. (eds.), *The Oxford Handbook of Archaeology*. Oxford University Press, New York, 2009.

SOUVATZI, S.G., *A Social Archaeology of Households in Neolithic Greece: an Anthropological Approach*. Cambridge University Press, New York, 2008.

TACLA, A.B., FLORENZANO, M.B.B., PONTIN, P.B.V., ABRAMO, M.C.C., “*A Natureza da Cidade Portuária e a Relação Porto-portas em Contextos Helênicos*”, in ALDROVANDI, C.E.V., KORMIKIARI, M.C.N., e HIRATA, E.F.V. (orgs.), *Estudos sobre o Espaço na Antiguidade*. EDUSP, São Paulo, 2011.

TRÉZINY, H., *La topographie de Marseille antique de sa foundation (600 av. J.C.) à l' époque romaine*, in *Méditerranée*, 3-4, 1995, pp. 41-52.

TRÉZINY, H., *Grecs et indigènes autour de Vélia: Présentation*, in TRÉZINY, H. (ed.), *Grecs et indigènes de la Catalogne à la Mer Noire, programme du 6e PCRD*, Ramses 2, Aix-en-Provence-Paris, 2010.

TRÉZINY, H., *L' espace périurbain dans les villes grecques d'Occident*, in BELARTE, M.C., MALLART, R.P. (eds), *El Paisatge periurbà a la Mediterrània occidental durant la protohistòria i l'antiguitat*, Actes del col·loqui internacional, Tarragona, 6-8 maio 2009. Institut Català d'Arqueologia Clàssica, 2012, pp. 33-45.

TSAKIRGIS, B., *What is a House? Conceptualizing the Greek House*, in GLAZEBROOK, A., e TSAKIRGIS, B. (eds.), *Houses of Ill Repute: The Archaeology*

of Brothels, Houses and Taverns in the Greek World. University of Pennsylvania Press, 2016.

VAN DOMMELEN, P., e KNAPP, A.B. (eds.), *Material Connections in the Ancient Mediterranean: Mobility, Materiality and Identity*. Routledge, New York, 2010.

VILASECA, L.B., *Les estructures hidràuliques a la ciutat antiga: l'exemple d'Empúries*. Monografies Emporitanes 10, Museu d'Arqueologia de Catalunya-Empúries, 1998.

WALSH, J.S.P., *Consumerism in the Ancient World: Imports and Identity Construction*. Routledge, New York, 2014.

WESTGATE, R., *Life's rich pattern: decoration as evidence for room function in Hellenistic houses*, in WESTGATE, R., FISHER, N., e WHITLEY, J. (eds.), *Building Communities: House, Settlement and Society in the Aegean and Beyond*. British School at Athens, London, 2007, pp. 313 – 321.